



EPOPEIA DO AGRO



As memórias,
o desenvolvimento
e a inovação

EPOPEIA DO AGRO

As memórias, o desenvolvimento e a inovação

1ª edição

Autores

Cristine Elizabeth Alvarenga Carneiro

David Marcelino Almeida Schmidt

EPOPEIA DO AGRO

As memórias, o desenvolvimento e a inovação

Apoio:



Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Biblioteca Universitária

C289 Carneiro, Cristine Elizabeth Alvarenga.

Epopeia do agro: as memórias, o desenvolvimento e a inovação. / Cristine Elizabeth Alvarenga Carneiro, David Marcelino Almeida Schmidt. Barreiras / Ba: SPRB, 2024.

208 p. il.

ISBN : 978-85-60065-06-6

<https://doi.org/10.53282/2024001>

1. Agricultura. 2. Inovação. 3. Tecnologia. 4. Migração. 5. História. I. Schmidt, David Marcelino Almeida. II. Série.

CDD 630.981

© Dos autores, 2024

Revisão: Mónica Guerrero Garay

Edição e Capa: Daniele de Melo Silvano

Imagens da Capa: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais do Oeste da Bahia

Entrevistadores: Cristine Elizabeth Alvarenga Carneiro, David Marcelino Almeida Schmidt e Gledson Alves Rocha.

Entrevistados: Adilson Suzuki, Alysson Paolinelli, Almir e Isolete Ficagna, Antônio Balbino Neto, Antônio Guadagnin, Beatriz Casale, Carlinhos Gaúcho, Carminha Missio, Celito Breda, Cisino Lopes, Dionísio e Ivone Zanotto, Helena Schmidt, David Schmidt, Maria Inez Oliveira do Nascimento, Maria José Fernandes de Sousa Diesel, Marly Klann Franque, Moisés Schmidt, Paulo Schmidt, Tobias Schmidt, Hélio Busato, Olivia Busato, Hilário Kappes, Humberto de Oliveira, Idone Luiz Grolli, Ignez Pitta, Ildo Rambo, João Kuffel, Jorge Koyama, José Cláudio Oliveira, Josiel Menezes, Júlio Cesar Busato, Leandro Khon, Lídia Maria de Souza, Luiz Pradella, Mauri Dala, Moacir Hope, Nilson de Assunção, Odir Pradella, Rosi Cerrato, Selmo Cerrato.

Apoio: ABAPA, FAEB, SPRB, UFOB

Epopéia do Agro

Rua Manoel Fernandes dos Santos, nº 51

47810-115 Barreiras/BA

Tel.: (77) 99811-0852

epopeiaagro@sprb.org.br

www.epopeiadoagro.com.br

[...] Expresso minha admiração pelo trabalho realizado na "Epopéia do Agro" e pela região Oeste. Parabenizo as famílias pioneiras por sua visão e dedicação ao cultivo do sentimento de melhoria contínua na região.

Humberto Miranda Oliveira
Presidente do Sistema Faeb

[...] Acredito que a agricultura é essencial, é o que sustenta o mundo. Sinto uma obrigação moral com meus avós, que começaram a lavoura com grande dificuldade. Hoje, com toda a tecnologia disponível, é nosso dever continuar e valorizar essa herança."

Leandro Kohn
Presidente da Aprosoja

[..] Recordar essas histórias nos mostra o amor, carinho e dedicação envolvidos. Conseguimos superar desafios antes inimagináveis, e essa convivência com diferentes costumes nos ensinou grandes lições. A "Epopéia do Agro" é uma obra que reúne essas histórias, construindo o que hoje chamamos de lar.

Almir e Isolete Ficagna
Produtores Rurais

[...] Você que veio de longe,
De outras terras, de outro clima,
Que vem de outros costumes,
de um Brasil tão diferente.
[...] Seja bem vindo!

Saudades de Barreiras

Ignez Pitta
Poetisa e Historiadora

*Dedicamos este trabalho a todos aqueles que já não estão conosco,
mas que foram protagonistas fundamentais dessa epopeia.
Em especial, lembramos os nomes aqui citados como representantes de
tantos outros que contribuíram para o desenvolvimento desta região.*

Que o nosso eterno respeito e gratidão os acompanhe sempre.

In memoriam

Alysson Paolinelli

Pedro Guedes Filho

Rosa Maria Farias de Oliveira

Olívia Dors Busato

Sumário

Prefácio.....	9
Parte I - HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO	11
Oeste da Bahia: Uma Jornada de Desenvolvimento.....	12
Filhos da terra, da simplicidade à modernidade tecnológica.....	20
Desenvolvimento da Agricultura Moderna no Cerrado Baiano.....	31
A Influência de Brasília no Oeste Baiano.....	38
Migração e Transformação: Os primeiros migrantes vindos de Brasília.....	40
A chegada em Barreiras.....	42
Parte II - ECONOMIA AGRÍCOLA E RECONHECIMENTO NACIONAL	57
A Produção e Comercialização da Soja.....	58
O Oeste Baiano na Mídia: O Cerrado como a Última Fronteira Agrícola.....	66
Programa PRODECER II - Projetos Ouro Verde e Brasil Central.....	71
Desafios e Progressos: A evolução do Oeste Baiano como fronteira agrícola.....	79
Parte III - TECNOLOGIA E SOCIEDADE	88
Avanços Tecnológicos na Agricultura.....	89
Mulheres no Agro: Relatos que inspiram.....	142
Família e Agricultura: Do Passado ao Futuro.....	169
A Arte e o Agro se fundem no Campo.....	173
Expansão Agrícola e Pecuária no Oeste Baiano.....	179
Poema - Saudade de Barreiras.....	187
Homenagem aos entrevistados.....	189
Referências bibliográficas.....	196
Referências imagéticas.....	198

Prefácio

Cristine Elizabeth Alvarenga Carneiro

Professora na Universidade Federal do Oeste da Bahia

Caro leitor,

O livro foi uma ousadia, uma necessidade de registrar e documentar as histórias de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da região do cerrado no oeste da Bahia, por meio do agronegócio. A epopeia de pessoas comuns que já pertenciam ao oeste e daquelas que migraram, tornando-se todos desbravadores, em busca de melhores oportunidades para suas famílias, foi contada nestas páginas e tornou-se “*A Epopeia do Agro*” do oeste da Bahia.

Uma história real é feita de fatos, informações, evidências e sentimentos, e a partir destes se constroem narrativas que exprimem o que foi contado sem ocorrer transgressões. Então, contar e narrar as histórias dos desbravadores do agro no oeste da Bahia foi uma tarefa estruturada, com planejamento em pesquisa científica, documental e em entrevistas, para que o documento final ficasse fidedigno ao que estava sendo relatado pelas pessoas.

O livro conta as histórias dos migrantes que escolheram o cerrado baiano para constituírem e construírem suas famílias e vidas, assim como as histórias das famílias que já estavam aqui e que desenvolviam a agricultura ou pecuária.

O período de partida da nossa epopeia é 1970, mas durante o desenrolar da história fazemos uso do período anterior a esta data para que o leitor consiga extrair a informação por completo e se localizar, para poder analisar fatos muito antigos e mais recentes na cronologia do tempo, ganhando com isso o pertencimento a uma região que é composta por muitos migrantes que ainda continuam a chegar, ou simplesmente revivendo a história às vezes esquecida pelas pessoas pertencentes à região.

A composição desta obra só foi possível pois os parceiros acreditaram em sua realização. Então deixamos nossos agradecimentos aos órgãos governamentais e privados, que conosco se empenharam para que a história fosse preservada, para que futuras gerações possam entender e compreender a sua cultura. Aos parceiros, famílias e pessoas que nos concederam suas histórias, suas experiências, suas vivências e emoções, depositando inteira confiança para compor esse belo trabalho.

Nossa profunda gratidão.

Parte I

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

Capítulo 1

Oeste da Bahia: Uma Jornada de Desenvolvimento

A região oeste pertence ao bioma do cerrado brasileiro, caracterizada pela presença de latossolos, em sua maioria de baixa fertilidade. Com uma área de 8.259.700 ha, corresponde a 4,04% da área total do cerrado brasileiro. A região oeste da Bahia faz parte da área de abrangência do território de identidade da bacia do Rio Grande, sendo que a bacia hidrográfica do Rio São Francisco ocupa todo o território. Destacam-se os rios Balsa, Bastardo Grande, Bom Jesus, Branco, Cabaceira de Pedras, da Estiva ou Galheirão, da Pratinha, das Fêmeas, das Pedras, de Janeiro, de Ondas, do Borá, do Livramento, do Ouro, do Santo, dos Porcos, Grande, Guará, Preto, Roda Velha, São Desidério, Sapão, Sassafrás.

São 36 os municípios que compõem o oeste da Bahia: Angical: Baianópolis, Barra, Barreiras, Bom Jesus da Lapa, Brejolândia, Brotas de Macaúbas, Buritirama, Canápolis, Catolândia, Cocos, Coribe, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Ibotirama, Ipupiara, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Morpará, Muquém de São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, Santana, São Desidério, São Félix do Coribe, Serra do Ramalho, Serra Dourada, Sítio do Mato, Tabocas do Brejo Velho, Wanderley.



1. Ponte sobre o Rio Grande na região do Povoado do Mucambo, 2021.

Mas, como podemos iniciar uma história que começou muito antes que qualquer pessoa que vive hoje na região pensasse em existir?

Justamente por isso, em respeito ao nosso leitor, faremos um breve relato de como foi o período de descobrimento e colonização do oeste baiano. As informações aqui estruturadas foram organizadas a partir de documentos e livros, assim como de informações relevantes dadas em entrevista com a nossa historiadora e professora de Barreiras, a Sra. Ignez Pitta de Almeida.



2. Entrevista para o Epopéia do Agro com Igenez Pitta em sua residência em Barreiras, 2021.

A colonização do território do oeste da Bahia teve início a partir da identificação pelos bandeirantes de que aqui se encontravam condições favoráveis de clima e solo para agropecuária, verificando uma imensa bacia hidrográfica composta de rios perenes. Na divisão do Brasil em capitanias, em 1534, D. João III doou ao português Duarte Coelho Pereira toda a área desde o litoral, seguindo à esquerda do rio São Francisco até a divisa de onde é hoje Minas Gerais. Em 1549 Tomé de Sousa, o primeiro governador geral da Colônia, chegou no atual estado da Bahia, trazendo com ele Francisco Garcia D'Ávila, que deu início ao desbravamento da região.

Garcia D'Ávila era filho natural de Tomé de Souza e recebeu uma área de terra perto de Salvador, onde construiu a casa da Torre, que foi a única casa fortificada feita de pedra na área, ficando conhecido como Conde da Torre. A partir disso, a família começou a explorar o interior, chegando até Ibotirama e Barra, que eram fazendas deles. Uma parte da região era da família D'Ávila e a outra parte era do Morgado da casa da ponte em Morro do Chapéu, imensa sesmaria de Antônio Guedes de Brito. Na ocasião, o rei doou terras para pessoas ricas, na expectativa de defender o novo território de invasores estrangeiros. Antônio Guedes de Brito, sesmeiro de 160 léguas do rio São Francisco (aproximadamente 960 km), era dono de uma grande área em Barreiras, mas não

conseguiu explorar porque era muito extensa e os seus descendentes optaram por vender a terra. Em 1749, José Alves Martins foi um dos compradores, ele recebeu uma carta de sesmaria do governador de Pernambuco relativa a 50 léguas de terra (aproximadamente 300 km). Ele fundou fazendas do outro lado do rio, onde hoje está São Desidério, e em Barreiras fundou a fazenda Maravilha e a fazenda Água Doce. Anos depois os descendentes de José Alves Martins venderam parte das terras aos irmãos Almeida, portugueses que chegaram a Angical no fim do século XVIII. Ao longo da história houve mudanças de nomes e sedes, o que pode confundir a compreensão da continuidade histórica das fazendas na região. Na região do Mucambo existia a fazenda Tapera, de Domingos Afonso Serra, onde se produzia rapadura, açúcar e cachaça. Nos estudos realizados por Dona Ignez Pitta, relata-se que a sede da fazenda já abrigou inclusive um Quilombo, estudos esses sem comprovações físicas.

A produção agrícola incluía feijão, arroz, farinha, tapioca, rapadura, cachaça, algodão e mangaba. Ainda sem o incentivo para a exploração agrícola, predominava o extrativismo do látex da mangabeira, o que proporcionou já neste período a migração de pessoas de outros locais do Brasil para o povoado de São João das Barreiras. A mangaba, inclusive, foi um produto que abriu caminho para tudo, pois a agricultura era mais lenta na época. Quando no Porto, a navegação comercial foi estabelecida em Barreiras, em 1825, começou a ter mais movimento na região. Relatos sobre a produção de borracha da mangabeira são do século XIX, no Brasil Central, e na Bahia, desde a década de 1870, (PITTA, 2008). Plácido Barbosa, o barqueiro, funcionário de José Joaquim Almeida, o Coronel de Angical, foi o primeiro habitante de Barreiras. As barcas traziam produtos industrializados de Juazeiro e levavam a produção rural para outras áreas secas da Bahia. Com a produção da borracha a região ganhou grande valor econômico e em 1891 Barreiras passou a ser vila e foi desmembrada do município de Angical. Logo em 1902, quando já possuía mais de seiscentas e trinta casas e dois mil e quinhentos habitantes, passou a ser cidade.

O algodão também era explorado, e em Jupaguá ainda se tem uma usina que fazia o beneficiamento do produto da região. Consta que esta beneficiadora tem aproximadamente 100 anos. O algodão era plantado na região de Missão, Angical, Wanderley, e depois de processado era embarcado e transportado pelo rio até Juazeiro e Petrolina. Os vapores Iguazu, Siqueira e Saldanha traziam óleo, sal, querosene, de comida e bebida, e no retorno levavam os produtos da região.



3. Vista aérea de Jupaguá, distrito de Cotegipe.

Eu colhia por dia dez malas de algodão, a mais leve era 95 mais tudo era 100-110 kg, senão produzisse não tinha renda, tinha que fazer 10 malas todo dia. A usina começava às 6:00h e às 17:30h parava a parte de algodão, aí entrava a turma da noite para produzir arroz, era praticamente 24 horas funcionando.

Nilson de Assunção, Jupaguá (BA)



4. Antiga usina de beneficiamento de algodão e arroz em Jupaguá, 2021.



5. Interior da antiga usina de beneficiamento de algodão e arroz em Jupaguá, ainda com uma prensa rudimentar, 2021.

Na década de 1960 já haviam sido extinguidos por completo a extração e o comércio da borracha natural da mangabeira, e na região, predominantemente, havia uma agricultura de subsistência e timidamente alguns cultivos comerciais que abasteciam o entorno. A pecuária era um forte setor produtivo que se estendia por grandes áreas.

A agricultura e a pecuária em Barreiras foram fortemente afetadas quando os serviços de navegação foram interrompidos. Neste período ainda não havia estradas que pudessem facilitar o escoamento da produção na região e logo pôde-se observar um declínio econômico, o que levou muitas pessoas a abandonarem o local ou trocar de atividade.



6. Panorâmica atual da cidade de Barreiras, 2022.

Capítulo 2

Filhos da terra, da simplicidade à modernidade tecnológica em Barreiras

O oeste baiano chamou a atenção para a agricultura e se tornou a nova fronteira agrícola, mas não podemos esquecer que este ambiente é também uma composição da agropecuária moderna. Pai, filho, neta e bisneto, a quarta geração acreditando na capacidade do oeste baiano, a família Balbino está presente na região desde 1890, desenvolvendo principalmente a pecuária.

Antes, com pouco conhecimento, o trabalho por vezes era dobrado, hoje, com novas tecnologias e maiores investimentos, os filhos da terra permanecem na região e fazem a diferença com seu trabalho e dedicação. Contaremos um pouco dessa história.



7. Sede da Fazenda Água Doce, Barreiras, BA.

A região tinha vastas áreas destinadas à pecuária, onde o principal ator era o vaqueiro que tocava a boiada. Hoje, com tecnologia, a produção é maior com menores áreas ocupadas e em menor tempo de engorda do animal, devido às inovações utilizadas, trazendo melhoria e qualidade ao produto final, com a preocupação em conservar o meio ambiente.

Ainda somos produtores de gado, a pecuária de antes evoluiu, hoje existem novos projetos, a melhoria genética para seleção do gado exige muita tecnologia, um nível tão alto quanto a atividade agrícola.

Antônio Balbino, Barreiras (BA)



8. Gado na Fazenda Água Doce.

Se vamos cavalgar pela pecuária não podemos deixar de lembrar de Geraldo Rocha, que foi uma pessoa visionária na área da agropecuária. Na época, em 1920, ele já tinha cruzamentos com a raça angus, para a melhoria da genética bovina. Sua importância é destacada aqui não só pelas atividades que desenvolveu na região, mas também pela intrínseca relação que tem com a família Balbino.

Antônio Geraldo Rocha, nascido em Barra, aos sete anos mudou-se para Barreiras com a família. As duas cidades tinham o elo de ligação pelo rio, por onde toda a comercialização era escoada, quando ainda as estradas eram extremamente precárias. Toda a produção comercial saía de Barreiras pelo Rio Grande e chegava à Barra, quando finalmente pegava o São Francisco.

Geraldo Rocha, engenheiro civil e político, foi casado com Jeanne Rocha. Em 1920, após uma longa carreira no Brasil e no exterior, retornou a Barreiras determinado a trazer avanços e desenvolvimento para a região. Entre seus projetos, destacou-se a abertura de um canal de mais de seis quilômetros a partir do Rio de Ondas até a cidade, onde instalou turbinas capazes de gerar 350 quilowatts de energia, beneficiando a cidade e as novas indústrias. Reconhecendo o potencial de irrigação da região, construiu uma barragem de duzentos metros no riacho de Ouriçangas, em Angical, para viabilizar o cultivo local. Em 1928, iniciou um empreendimento de criação de gado com seu cunhado Antônio Balbino de Carvalho, casado com sua irmã Custódia Rocha de Carvalho. O empreendimento recebeu o nome de Companhia Sertaneja. Em 1941, projetou e executou a construção de um matadouro com instalações frigoríficas para o abate de até 135 reses por dia.



9. Antigo abatedouro da empresa Sertaneja, 2021.

Assim, Geraldo Rocha e Antônio Balbino, ligados por laços familiares, foram os pioneiros da Companhia Sertaneja, que atualmente é a Agro Antônio Balbino e está sob a direção de Antônio Balbino de Carvalho Neto.

Geraldo Rocha vivia em ambientes políticos e empresariais muito fortes e por este motivo proporcionou à cidade de Barreiras a possibilidade de crescimento e desenvolvimento.

A tentativa e erro foram fundamentais para o sucesso, pois uma tecnologia para estar pronta para uma região tão específica como a do oeste baiano precisa passar por adaptações e ajustes, e os pioneiros na agropecuária foram responsáveis por todo esse trabalho, até que tivessem o retorno econômico.

Precisamos nos localizar no tempo, estamos entre o período de 1920 e 1950, o único meio de transporte para a saída dos produtos da cidade de Barreiras ainda era o fluvial, ou por meio de estradas de terra muito precárias, por onde os vaqueiros levavam o gado, perdendo por vezes até 50% do número de animais pelo caminho.

O sistema de transporte fluvial enfrentava problemas de cunho político desde 1920. Em 1941, Geraldo Rocha escreveu uma carta para o então presidente da república, Getúlio Vargas, pedindo que assegurasse a paz e desse garantias para o trabalho e desenvolvimento industrial na região, criando um dispositivo legal que impedisse o estado ou município de uma tributação irracional sobre as indústrias, pois o único meio de transporte, a navegação, já estava onerando consideravelmente os preços dos produtos.

No rio São Francisco e afluentes navegavam muitos vapores, contam que foram 45 que deram sustentação à navegação de quase 100 anos. Além dos vapores, havia também tantas outras embarcações menores em muitos trechos, assim como o trecho que ia de Barreiras a Barra, pelo rio Grande.



10. Porto de Barreiras no Rio Grande em 1949 (Foto Editada)

Nos anos 20 houve disputa entre os estados de Minas Gerais e da Bahia, pela concessão do direito de navegação do rio. A Empresa Viação do São Francisco explorou, por decreto imperial, o monopólio da navegação no rio de 1888 a 1906 (BRASIL, 1973, apud QUIRINO, 2015, p. 55) e a partir desta data o contrato de exploração passou para o Estado da Bahia, que assumiu a responsabilidade pelo serviço, porém, por contrato privado, arrendando o mesmo para empresas particulares (MATA-MACHADO, 2003, p. 18).

A Empresa de Navegação São Francisco passou a fazer o trajeto entre Januária e Pirapora. Ao final da década, 1919, a empresa privada Companhia Indústria e Viação de Pirapora, criada pelo engenheiro mineiro Octavio Barboza Carneiro e seus sócios, iniciava a exploração da navegação a vapor entre Pirapora e Januária, quebrando o monopólio do estado da Bahia. Em 1924, por decreto federal, assinado por Arthur Bernardes, então presidente, foi realizado o contrato com o estado da Bahia para o serviço de navegação do rio São Francisco. As cláusulas desse contrato compreendiam, além do trajeto Juazeiro a Pirapora, outras rotas como: (i) Juazeiro a Barreiras (rio Grande); (ii) Barra a São Marcelo; (iii) Juazeiro a Santa Maria (rio Corrente).

Nesta época, Antônio Balbino de Carvalho fechou contrato com a empresa do vapor e passou a explorar o trajeto até Barra com o navio que era chamado de “O iate”. Em 2 de janeiro de 1944, no Rio de Janeiro, faleceram Antônio Balbino de Carvalho e sua esposa Custódia Rocha de Carvalho, passando a assumir os negócios da família o Sr. Antônio Balbino de Carvalho Filho.

Em 1963 foi fundada a Companhia de Navegação do São Francisco (FRANAVE), uma empresa vinculada ao Ministério dos Transportes do Brasil, empresa de economia mista, fruto da incorporação por parte do Governo Federal e de três empresas de navegação, uma pertencente ao Governo de Minas Gerais, Navegação Mineira, outra ao Governo do Estado da Bahia, Navegação Baiana, e uma terceira pertencente à iniciativa privada, a Companhia Indústria e Viação de Pirapora. A FRANAVE passou então a explorar o Rio São Francisco e seus afluentes. As atividades da empresa foram interrompidas em 2007, mas bem antes o declínio chegou à cidade de Barreiras, interrompendo por completo a navegação e o único meio de transporte dos produtos comerciais da região.



11. O vapor São Francisco atracado no cais de Barreiras por 17 dias em junho de 1947, aguardando o presidente Eurico Gaspar Dutra para transportá-lo de Boa Vista a Barreiras.

Esclarecido o declínio do transporte por navegação de Barreiras a Barra, por onde os produtos comerciais podiam sair pelo São Francisco, pudemos entender o porquê das interrupções comerciais agropecuárias e agrícolas e da expansão industrial na região.

Retornando aos acontecimentos da época, em 1937, na serra da Bandeira, um aeroporto começou a ser construído. Finalmente entregue em 1940, tinha o intuito de ser utilizado como base aérea dos EUA na segunda guerra mundial, servindo como importante ponto de apoio para reabastecimento da aviação. Após a segunda guerra passou a ser ponto de apoio para a aviação civil, passando a ser operado pela Panair do Brasil e pela Pan American World Airways. Foi desativado em 1964 e anos mais tarde voltou a operar com apenas uma de suas 4 pistas, instaladas em formato de rosa dos ventos.



12. Resquício das pistas antigas no Aeroporto de Barreiras no formato de rosa dos ventos

Apesar de uma tecnologia avançada, utilizada na construção do aeroporto, este não foi utilizado para promover o desenvolvimento da região. Somente a partir de 1970, com o início da construção da estrada, é que a economia voltou a ser significativa na região.

Retornando à família Balbino, estaremos agora falando de Antônio Balbino de Carvalho Filho, que assumindo os negócios da família, fez a tentativa de expandir possibilidades dos negócios para além da pecuária. Então, em agosto de 1945, na administração de Getúlio Vargas, recebeu a autorização para pesquisar ouro, diamantes e associados nos municípios de Queimadas, Santaluz e Serrinha, estado da Bahia. Para obter o título da autorização de pesquisa para quatro áreas em terreno de 121 ha, da Fazenda Conceição e leito do rio Itapirucu, foi paga a taxa de mil duzentos e dez cruzeiros (BRASIL,1945).



13. Panorâmica geral do Cais do Porto em Barreiras.

Foi deputado estadual pela Bahia, deputado federal pela Bahia, Ministro da Saúde do Brasil, Ministro da Educação do Brasil, 33º Governador pela Bahia, Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil e Senador pela Bahia. Criou a Comissão de Planejamento Econômico (CPE), o FUNDAGRO (destinado ao fomento agrícola), a COELBA, a MAFRISA (destinada a higienizar os frigoríficos e matadouros), a CASEB (para regular a produção, através de uma rede de armazéns).



14. Antônio Balbino de Carvalho Filho em 1955

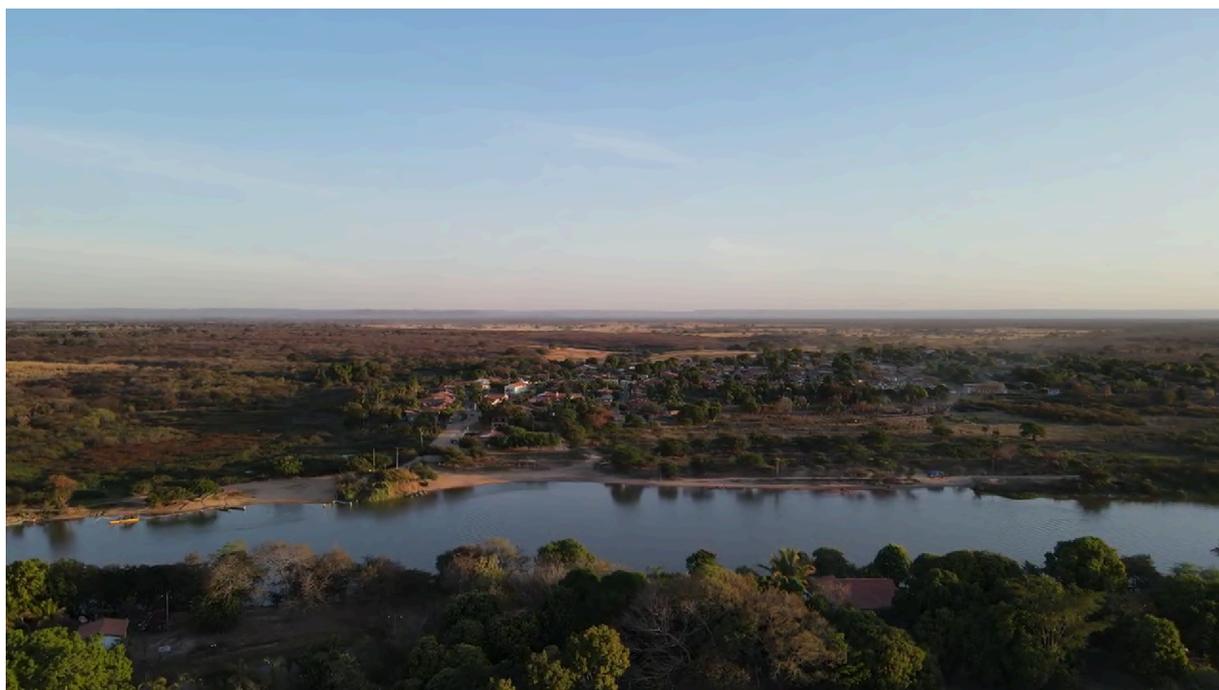
Zizette Balbino de Carvalho Ferreira, filha de Antônio Balbino de Carvalho Filho, faleceu em 31 de julho de 2023. Ela foi casada com Francisco Ney Ferreira e tiveram quatro filhos: Antônio Ruy, Tisylla Maria, Antônio Balbino Neto e Kátia. Antônio Balbino de Carvalho Neto assumiu os negócios da família.



15. Antônio Balbino de Carvalho Neto.

Podemos perceber uma dinâmica muito grande na região do cerrado do oeste baiano. Onde antes havia extensivas áreas de criação de gado, hoje se transformaram em áreas agrícolas com a produção de soja e algodão, e agora outras alternativas, como trigo e fruticultura, já são realidade. As áreas de pecuária hoje são otimizadas, recebendo um número maior de animais, sendo muitos criados em sistema de confinamento, o que reduz ainda mais a área de pasto que precisaria ser explorada.

O processo de expansão ainda continua, hoje, quando novas áreas produtivas, agora mais periféricas, estão sendo exploradas. Esta expansão só foi possível devido ao desenvolvimento tecnológico específico para a região, com cultivares adaptadas às condições climáticas e outras como resistência às doenças e fertilidade.



16. Panorâmica da região próxima ao Rio Grande em Barreiras, 2022.

Áreas antes não exploradas serão cultivadas futuramente, pois a tecnologia desenvolvida permitirá isso, o uso de conhecimento e a aplicação de recursos crescem na região à medida que as pessoas visualizam que é possível e viável melhorar o resultado econômico.

Antônio Balbino Neto, Barreiras (BA)

A década de 70 foi então o início de um próspero período que traria à região desenvolvimento e tecnologia, colocando o cerrado do oeste baiano no patamar de grande produtor agrícola nacional, com um agronegócio de maior qualidade produtiva.



17. Vista aérea do Rio Grande em Barreiras, 2022.

Capítulo 3

Desenvolvimento da Agricultura Moderna no Cerrado Baiano

Durante o estudo realizado fomos estruturando uma ordem cronológica dos fatos, o que nos levou a concluir que a região oeste da Bahia teve vários momentos que estimularam o seu crescimento e desenvolvimento. Identificamos seis correntes migratórias significativas: uma migração primitiva, por volta de 1800, consolidada pelo extrativismo do látex da mangabeira; as migrações modernas, que iniciaram por volta de 1970, a partir de Brasília; a migração motivada por colonizadoras e pessoas independentes, como o Sr. Constantino; a migração espontânea de sulistas do Rio Grande do Sul e Paraná; migração motivada por programas de governo - Prodecer - e migração espontânea da região sudeste. Uma outra migração de menor relevância ocorreu a partir da região do Baixo de Irecê.

Então, prezado leitor, para contarmos como tudo aconteceu, o nosso lastro foi também pautado em políticas governamentais para o desenvolvimento da agricultura brasileira, além, é claro, da história vivida pelos nossos protagonistas.

O Brasil, desde o século XX, tem trabalhado de forma a construir políticas públicas que beneficiem a agricultura. A importância dada a essa área pode ser explicada em função de sua aplicação nos diversos setores fundamentais da economia, assim como sua importância na segurança alimentar. A principal contribuição dos primeiros incentivos eram os mecanismos para o crédito agrícola e a ocupação do território brasileiro, ainda sem atividades do agronegócio de forma eficiente e produtiva.

Com a ruptura de um planejamento governamental que visava essencialmente a modernização do Brasil através de importações tecnológicas, a agricultura foi consolidada no estado como prioridade para o desenvolvimento tecnológico e industrial do país. Naquele momento, o “Plano de Metas” governamental, estruturado pelo governo Juscelino Kubitschek, iniciado em 1956, entrava em ação com 31 objetivos que deveriam ser alcançados por meio de investimentos privados e públicos. As áreas fundamentais estabelecidas pelo governo e que deveriam ser trabalhadas eram: energia, transportes, indústrias, alimentos e educação. Barros e Teles (2019) afirmam que a partir da década de 50 foi iniciada a interiorização do desenvolvimento e que o movimento resultou no domínio do conhecimento da agricultura brasileira.

A construção de Brasília iniciada pelo governo JK e a crescente necessidade de produção de alimentos na região culminaram com a estagnação de áreas agricultáveis no Sul e Sudeste do país, levando a fronteira agrícola para as regiões centro-oeste e nordeste. No entanto, apenas o atrativo de uma nova possibilidade de exploração não foi suficiente para que as pessoas pudessem alavancar a produção agrícola nestas regiões, ainda havia muitos fatores desfavoráveis, contribuindo para a desmotivação da interiorização agrícola, como, por exemplo, a falta de informação sobre as condições climáticas, falta de infraestrutura, principalmente por se tratar de uma região ainda não explorada, caracterizada como cerrado.

Um quadro interessante nesta história e que vale a pena comentar neste início do despertar da agricultura no cerrado baiano é o equívoco gerado por parte do governo e o próprio desespero em garantir a segurança nacional. Em 1973, a grande crise do petróleo assolou o mundo. Quando os países do oriente médio descobriram que este produto não era renovável e que um dia sua exploração estaria encerrada, os preços do barril saíram do patamar de US\$ 3 para 12 em aproximadamente 3 meses. O Brasil, neste momento, percebendo sua dependência, pois não era autossuficiente na produção de combustível,

produzia menos de 20% do seu consumo, procurou formas de resolver o grave problema. Então, o governo contratou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - Sudene, para encontrar terras que fossem viáveis para produzir mandioca e cana-de-açúcar, para que pudesse colocar em prática o programa que estava surgindo a partir da necessidade de diminuir a dependência em combustível, o Proálcool. Estas terras não poderiam estar sendo ocupadas para a produção de alimento e então propuseram a região do cerrado do oeste baiano, pois muitas terras ali eram desocupadas e tinham condições climáticas de quantidade de chuva, suficiente para a produção da cana de açúcar. A região foi então, em 1975, classificada pela Sudene como habilitada para a produção; e houve a liberação do Banco do Nordeste para o financiamento de três grandes empresas para o plantio de cana para suprir o programa Proálcool, que já estava ativo.

A cana precisa de água e sol, necessidades supridas com certeza na região, mas após o primeiro corte, no rebrote da cana soca, a planta não suporta a seca, e o que ocorreu foi que o período de brotação após o primeiro corte coincide com os 6 meses de seca que a região tem naturalmente. Então, as empresas que vieram com a intenção de também montarem usinas de destilaria e já estavam com aproximadamente 10 mil ha instalados foram embora por causa da inviabilidade da cultura na região, deixando para trás instalações que ficaram obsoletas e um prejuízo para os cofres públicos. Erro ou acerto, o certo é que o fato também contribuiu para o processo de colonização, pois a falta de viabilidade para a cana-de-açúcar incentivou o governo a procurar outros caminhos que possibilitassem o desenvolvimento da região.

Foi então que, após esse desastre técnico do governo federal, o governo da Bahia criou, em 1991, a EBDA- Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, vinculada à Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. A empresa incentivou atividades de pesquisas que eram desempenhadas pela Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia - EPABA e as ações de assistência técnica e extensão rural da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia - Emater- BA. Durante sua existência, a EBDA contribuiu excelentemente para o desenvolvimento da agricultura na região, pois a proximidade com

a Embrapa fazia com que os projetos desenvolvidos chegassem principalmente até os pequenos produtores. Com sua extinção em 2015, os produtores deixaram de ter a prestação de serviços de assistência técnica e extensão rural.

Então, muito mais do que política governamental, o que fomentou e alavancou o desenvolvimento do cerrado do oeste baiano foram as pessoas nativas, os colonizadores e os desbravadores, que tiveram a coragem de fazer agricultura e transformar a economia regional.

Muita gente estava em Brasília em busca de oportunidades, e não foi diferente para a família de Cisino Lopes. A primeira passagem de Cisino por Barreiras foi quando sua família, natural do Piauí, decidiu sair de Santa Luz para tentar a vida na cidade que estava nascendo, isso em 1959.

Meu pai contratou um caminhão, um caminhão só com duas rodas traseiras, era um caminhão pequeno e na época foi um caminhão chevrolet que ele chamava de Martha Rocha, foi contratado para levar a gente. Como a família era grande e vinham mais outras pessoas junto, veio minha família toda e mais a família do meu pai, umas tias e mais pessoas que queriam vir, vieram 20 e tantas pessoas dentro desse caminhãozinho. A minha mãe, ela era muito estrategista, ela pegou e fez umas latas de bolacha, fez paçoca, encheu um tarro de lata daquela lá, no fundo do caminhão ela fez um galinheiro, botou as galinhas lá e não tinha onde você comer na estrada e foram 11 dias de viagem.

Cisino Lopes, Barreiras (BA)



18. Cisino Lopes em sua entrevista para o Epopéia do Agro, 2022.

Cisino, aos 11 anos, passou por Barreiras pela primeira vez e descreve que a cidade tinha o parque de exposição, as pontes eram de madeira, ainda era uma currutela. Passaram por Sítio do Rio Grande, a estrada ainda era de terra, e tempos depois iniciava a construção que finalizaria todo seu trajeto em asfalto muitos anos depois. Foram muitas histórias até que, em 1978, já como agrônomo, Cisino fez a viagem de volta, retornou para Barreiras, agora para trabalhar na Codevasf nos projetos de irrigação Barreiras Sul e Barreiras Norte. Hoje, aos 78 anos e 48 de Barreiras, ele é um cidadão da terra, colaborou com a transformação de muita coisa na região e ali se estabeleceu com sua família. Seus filhos agrônomos, Carina Leite Lopes, Maurício Leite Lopes e Samuel Leite Lopes, hoje trabalham com a agricultura e participam da construção do agronegócio moderno e tecnológico na região.

Uma outra iniciativa dos produtores que chegavam à região, de importância fundamental, foi a sua organização em instituições, como os sindicatos dos produtores rurais, para buscarem ajuda e orientações para construir o futuro do agronegócio na região. O eldorado da produção baiana que estava surgindo precisava ser enxergado nacionalmente e após os produtores se organizarem eles buscaram a Federação da Agricultura para terem o respaldo a nível estadual ali no oeste.

Os sindicatos, as organizações sociais aqui que foram à federação para dizer "o oeste existe, nós precisamos de apoio, nós precisamos de representação, nós precisamos de defesa do setor agropecuário que está se instalando e está crescendo na região.

Humberto Oliveira, Barreiras (BA)

A partir deste momento, a Federação da Agricultura começou a observar e dar início a várias ações de treinamento e capacitação ali no oeste, além, é claro, de fazer a representação e defesa do setor na capital baiana. A interlocução e a parceria das representações, como Moacir Hope e Vanir Kölln, com a federação da agricultura, auxiliaram nas mais difíceis tarefas que ainda precisavam de atenção na região, como estradas para serem feitas, energia elétrica, educação, saúde e outras infraestruturas que dessem condições para que as pessoas pudessem trabalhar e desenvolver a região.

E a gente via que só tinha uma maneira de fazer isso legalmente, como defender mais o produtor rural, e a gente conhecia o sistema CNA, o sistema de federações e sindicatos, com conhecimento lá do Sul. E aí, teve a criação do SENAR-Serviço Nacional de Aprendizagem Rural- e nós necessitávamos muito de empregados aqui nas fazendas que não conheciam máquinas agrícolas, os funcionários que vieram aqui do Nordeste, precisamos ter um cenário conosco para poder qualificar esse pessoal. Então, baseado nessa necessidade, tanto nossa como dos colegas nossos da agricultura, a gente foi atrás com apoio, claro, dos políticos da época que nos apoiaram, conhecemos o presidente da federação, fomos a Salvador e começamos um trabalho para criar junto com a emancipação de Luís Eduardo, criar o sindicato dos produtores rurais e nós defendemos a ideia na época de que não deveria ser só um sindicato de Luís Eduardo, que tinham muitos municípios aqui da região que não tinham sindicatos e que a

agricultura aqui praticamente não mede diferença de municípios, se é Barreiras ou se é Luís Eduardo, se é Correntina ou se é São Desidério, nós somos do Oeste da Bahia, então não existem divisas de municípios para nós, agricultores, respeitamos a todos, somos integrantes em todos os municípios e procuramos reunir esses municípios todos num sindicato só para formar um sindicato mais forte.

Moacir Hope, Barreiras (BA)

Humberto Oliveira conta que em 1985, em seu primeiro contato com o sindicato de Miguel Calmon, o oeste ainda era um ilustre desconhecido, ouvia-se falar muito pouco sobre a região. A referência, nesta época, era a região de Irecê, maior produtora de feijão do Brasil e a cidade do Brasil com maior número de tratores per capita. Nesta época também iniciava o desenvolvimento na região de Juazeiro, em Petrolina, com agricultura irrigada. Já em 2009, em seu primeiro contato com a Federação da Agricultura, o cenário havia se transformado e o oeste era referência, representando relevante peso na economia do estado.

A agricultura exercida no oeste, com a produção de grãos e algodão, assumia a liderança como fonte de receita do estado, deixando para trás o que antes era a principal fonte, o cacau e a pecuária. Um futuro esplendoroso para a região é esperado com o desenvolvimento da fruticultura, em que já se tem como destaque o cacau do cerrado, banana e mamão.

Capítulo 4

A Influência de Brasília no Oeste Baiano

Com o início do empreendimento da construção de Brasília foi criada a “Companhia Urbanizadora Nova Capital”, a Novacap, responsável por elaboração, análise e aprovação de projetos, execução, fiscalização e gerenciamento de obras e serviços, e também a Terracap, responsável pela gerência da área rural. Com a capital já inaugurada e ainda sem resolução para o problema da produção de alimentos, o governo criou o PAD/DF – PROGRAMA DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO DO DISTRITO FEDERAL, com início em 1977, com o objetivo de incorporar ao processo produtivo áreas rurais do Distrito Federal. Criado pelo governo em 1975, o CPAC, Centro de Pesquisa Agropecuário do Cerrado, um centro de pesquisa da Embrapa, estudou o cerrado e concluiu sobre a sua aptidão agrícola. Assim, no início do projeto PAD/DF já se tinham conhecimentos técnicos para possibilitar o cultivo na região.

O programa contemplou uma área de 61.000 hectares, em módulos de 100 a 300 ha, onde foi iniciado o plantio de cereais, cultivo de hortifrutigranjeiros, bovinocultura e avicultura. Na época, o secretário de agricultura e produção do DF, Pedro do Carmo Dantas, divulgou o projeto por todo o país para atrair produtores interessados. Desta forma, os agricultores em processo migratório foram assentados em áreas isoladas, núcleos rurais, colônias agrícolas e agrovilas. O governo federal fazia um contrato de arrendamento para o agricultor, com prazo de 15 anos, renovável por mais 15 anos, e o contrato de arrendamento valia como hipoteca para o banco.

O agrônomo e secretário Pedro do Carmo Dantas era de origem baiana, tinha como obrigação imposta pelo cargo conseguir sucesso com o desenvolvimento do projeto e então foi buscar produtores que tinham muita familiaridade com uma agricultura tecnificada, pois a região impunha uma condição diferente de todas as outras conhecidas como agricultáveis em nosso país, e estava sendo conhecida como cerrado.

Neste processo migratório vieram muitos sulistas, devido ao seu conhecimento na agricultura, facilmente iniciaram a abertura das áreas no DF. Para facilitar o processo de transferência de tecnologia que o CPAC havia desenvolvido para o cerrado, alguns agrônomos foram contratados passando a interagir com os agricultores.

Os agrônomos e estudiosos Antônio José Guadagnin, Hilário Kappes e Luiz Vicente Guest foram alguns dos técnicos responsáveis pelo desenvolvimento do projeto PAD/DF. Um de seus vislumbres na época foi encontrar o documento de levantamento e mapeamento integrado dos recursos naturais e outros, executado pelo governo a partir de 1970, denominado projeto RADAM BRASIL. Neste documento constam informações sobre geologia, geomorfologia, solos, vegetação, uso potencial da terra e outras. As informações possibilitaram a aquisição de conhecimento necessário para auxiliar a consultoria técnica aos agricultores, além daquelas desenvolvidas pelo CPAC.

Como em todo processo migratório, quando há percepção de bons negócios e esses são excessivamente atrativos, muitas pessoas aproveitam a oportunidade, ocorrendo uma grande procura e excesso no quantitativo de pessoas que os desejam. O programa ainda teve um outro agravante, que foi a alternância do governo. Quando o presidente da República João Batista Figueiredo (1979-1985) assumiu, ele nomeou como governador do Distrito Federal Aimé Alcebíades Silveira Lamaison, substituindo Elmo Serejo Farias, o idealizador do PAD/DF. Então o governador recém-empossado suspendeu novas distribuições de lotes no programa. No PAD/DF não foi diferente, os agricultores eram muitos para pouca terra ofertada. Foi então que, neste momento, iniciou-se o despertar para outro processo migratório, o da região oeste da Bahia.

Capítulo 5

Migração e Transformação: Os primeiros migrantes vindos de Brasília

Em 1978 começam a chegar os primeiros migrantes vindos de Brasília, pessoas que não conseguiram seus lotes no programa PAD/DF, ou simplesmente estavam em busca de melhores oportunidades, ou ainda, não poderiam retornar à sua terra natal.

Muitos dos migrantes que foram para o programa PAD/DF eram agricultores da região do Paraná, das cidades de Guaíra e Santa Helena, passando por Marechal Cândido Rondon, onde, a partir de 1975, com o início da construção da maior usina hidrelétrica do mundo, a Itaipu Binacional, muitas terras foram desapropriadas.

Um outro quantitativo de produtores que também estava em Brasília e que era do Paraná e Rio Grande do Sul iniciou o processo de migração a partir de suas terras natal devido ao problema de não terem terras suficientes para o cultivo. Neste momento, esses agricultores enfrentavam a divisão das terras por motivos da partilha em processos de herança, o que lhes dava poucos hectares para o cultivo.

Os agricultores que vieram do Paraná, seja pelo motivo da desapropriação ou não, ou que vieram do Rio Grande, migraram para Brasília em busca de melhores oportunidades. Não sendo possível por lá, continuaram seu processo migratório, até encontrar o oeste da Bahia, que inicialmente foi Barreiras.

Barreiras foi marcada pelo processo migratório desde o período remoto de 1870, em que consta como principal economia a produção da borracha, pela extração do látex das mangabeiras, pois ali era a principal cidade da região. Fundada em 1891, pela ascensão

da produção da borracha, teve seu primeiro declínio econômico pelo encerramento do extrativismo do látex da mangabeira e na sequência pelo fechamento do transporte fluvial. O município voltou a crescer economicamente a partir da década de 1970, quando esforços governamentais propiciaram a construção de estradas para o acesso a Brasília e Salvador. A BR 242, denominada Rodovia Milton Santos, segundo a Lei 11.103, de 18 de março de 2005, sai de Salvador e chega até o encontro da BR 020, que liga a Brasília. Esta estrada começou a ser construída em 1972 pelo 4º batalhão de Engenharia de Construção (4º Bec). O batalhão foi transferido para Barreiras com o objetivo de estabelecer a ligação entre Salvador e Brasília.



19. Construção da BR-242

Mas, até que a estrada chegasse ao município de Barreiras, foi preciso muito esforço dos migrantes que estavam chegando de Brasília para dar início a uma agricultura moderna, que fosse transformadora, que colocasse a região oeste no patamar de polo agrícola. Hoje se têm na região vários municípios com elevado Produto Interno Bruto agropecuário - (PIB), sendo os que lideram: São Desidério, Formosa do Rio Preto, Correntina, Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

Capítulo 6

A chegada em Barreiras

A maior motivação para quem trabalha com a terra é encontrar mais áreas aptas e baratas para cultivo. Em fevereiro de 1979, Antônio José Guadagnin, Constantino Catarino de Souza e Hilário Kappes partiram de Brasília para conhecer a região oeste da Bahia. Apesar dos 300 km de estrada não pavimentada entre Posse (GO) e Barreiras (BA), a vasta terra disponível para cultivo superou os desafios. Naquela época, Barreiras tinha cerca de 15.000 habitantes, uma infraestrutura básica, incluindo um mercado central e um posto telefônico.



20. Antônio José Guadagnin e sua esposa Patrícia em entrevista para o Epopéia do Agro, 2021.

Quando eu vi o livro do projeto RADAMBRASIL fiquei sem acreditar, vi o potencial da região e compartilhei com meu amigo Hilário. Dizia para ele, não acredito que isso existe. Vamos para lá dar uma olhada. O livro mostrava o potencial edáfico-climático do além São Francisco. Então viemos, eu, Hilário e Constantino.

Antônio Guadagnin, Barreiras (BA)



21. Vista da serra em torno de Barreiras na época de estiagem entre abril e novembro.

Os amigos Hilário Kappes e Antônio José Guadagnin compraram juntos uma fazenda em São Desidério, e como tinham bom conhecimento de como cultivar no cerrado foram logo tratando de escrever um projeto com toda a descrição possível da tecnologia que seria necessária para iniciar a agricultura na região. Pensaram, claramente, que o agricultor que fosse se arriscar na implantação de uma lavoura no cerrado teria que saber qual tecnologia utilizar, e foi desta forma então que o primeiro projeto descrevia a nova tecnologia para o cultivo no cerrado, mostrando, além das especificações técnicas de produção, a análise financeira, a capacidade de pagamento e a justificativa para o financiamento.

Com o projeto técnico em mãos, foram então em busca de financiamento, encontrando em Barreiras o gerente do Banco do Brasil, Pedro Guedes. O gerente, um entusiasta da agricultura, vendo tamanha capacidade técnica apresentada, autorizou o financiamento para o plantio.

Os amigos solicitaram o financiamento de 200 ha, na época o Banco do Brasil não tinha o tratamento em hectares e sim em tarefas. Então os 200 ha se tornaram 500 tarefas, o que para a época e dada a localização, cerrado, os amigos foram tidos como doidos em querer plantar na região.

Isso é coisa de louco, plantar 500 tarefas nos "Gerais", que não dá nada, isso é dinheiro jogado fora". Foram estas as palavras de um funcionário da Emater que era responsável pelas liberações de financiamento no Banco do Brasil

Antônio Guadagnin, Barreiras (BA)

A grande preocupação dos agrônomos era o elevado teor de areia que tinha o solo do cerrado. Um solo com baixo teor de argila requer um manejo diferenciado, comparado a um solo argiloso (>50% de argila), então eles precisavam dominar a tecnologia que seria utilizada.

O preparo do solo não foi fácil, pois de abril a outubro não chove na região, o que torna o terreno muito duro. Outros problemas foram surgindo, como a falta de semente, calcário, adubo e demais insumos necessários para o plantio. O local mais próximo para a compra era Goiânia, e era necessário rodar aproximadamente 300 km de estrada de terra. Além dos problemas climáticos e dos insumos, eles enfrentaram a falta de infraestrutura na fazenda, problemas com maquinários para preparar a terra, para colher e local de armazenamento, pois o banco financiava apenas o custeio agrícola, como fertilizantes e sementes. Então, para avançar como produtores eles tiveram que investir utilizando recursos próprios, como, por exemplo, a compra de maquinários.



22. Família de migrantes chegando à região oeste da Bahia, 1980.

Em entrevista com o ex-ministro da agricultura, Alysson Paolinelli, ele expôs tal dificuldade quanto ao processo de financiamento para o produtor rural na época. O crédito era difícil de se conseguir, pois o Banco do Brasil só habilitava ao crédito aquele que possuía um cadastro viável. Porém, como ter um cadastro explicitando bens ou moeda se o agricultor estava começando e praticamente não tinha nada além do dinheiro investido na terra?

Eu me rebelei contra isso, esse trator, a semente, a máquina tudo tem uma função e ela precisa ser comprada pela necessidade daquela função ser exercida e só ela pode pagar. E não pode tirar o dinheiro do bolso daí para pagar, porque vai quebrar, está descapitalizando

Alysson Paolinelli, Barreiras (BA)

O primeiro plantio foi arroz, o financiamento foi para a aquisição da semente e adubo para uma área de 200 ha. A abertura foi difícil, pois não era possível lavrar a terra como necessário, conforme indicado pela nova tecnologia, própria para o cerrado, devido à falta de maquinário adequado e das condições iniciais da área.



23. Foto das primeiras plantações de arroz no oeste da Bahia após a ocorrência de uma chuva, 1979. Foto do acervo pessoal da família Schmidt.

No plantio do primeiro ano o calcário veio de Brasília, o fertilizante de Uberlândia. Com o tráfego de três caminhões com aproximadamente 30 toneladas cada, a ponte de São Desidério quebrou.

Hilário Kappes e Antônio José Guadagnin, Barreiras (BA)



24. Hilário Kappes sendo entrevistado por Gledson Rocha para o Epopéia do Agro, 2022.

Os amigos tinham apenas dois tratores da Massey, modelo 95x. Então foi passada apenas uma grade, que não conseguia uma profundidade adequada e ficava mais superficial, fazendo com que o arroz, que já possui um sistema radicular mais superficial, ficasse ainda mais suscetível à intempérie climática, como a seca. Neste ano, 1979, a chuva acabou em fevereiro e só voltou a partir de outubro, então toda a lavoura foi perdida. O problema não foi específico do oeste da Bahia, mas sim de todo o Nordeste, ocorrendo a mais prolongada e severa estiagem dos anos de 1979 a 1984 (Fonte Embrapa). A seca na região aumentou progressivamente causando, em todo o período, perdas estimadas em R\$3,6 bilhões (Pesquisa FAPESP, edição 269 jul. 2018).

Pedro Guedes, vendo a situação da estiagem que não era específica do oeste, mas de todo o nordeste, oportunizou uma outra modalidade de financiamento para o produtor Hilário Kappes. Agora o financiamento era na modalidade de um programa governamental, o Proagro.

O Proagro foi criado em 1973 e suas normas são aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional -CMN e codificadas no Manual de Crédito Rural (MCR-16), que é divulgado pelo Banco Central do Brasil. O programa tem por objetivo atender aos pequenos e médios produtores, garantindo a exoneração de obrigações financeiras relativas à operação de crédito rural de custeio, cuja liquidação seja dificultada pela ocorrência de fenômenos naturais, pragas e doenças que atingem as plantações.

Então, na safra de 1980 mais uma vez a seca atingiu a região, e a produção que estava prevista para mostrar a potencialidade do cerrado acabou tendo pouco retorno. Mesmo com toda a adversidade climática os agrônomos e amigos conseguiram uma colheita, que para a época e local foi considerada de sucesso para a modalidade arroz de sequeiro, e a produção atingiu 25 sacos /ha.



25. Campo de arroz em 1980 na propriedade de Antônio Guadagnin.

Guadagnin e Hilário organizaram um churrasco na fazenda para comemorar a colheita, muita gente foi convidada, dentre as pessoas estavam Pedro Guedes e a Emater. Foi uma festa, o gerente do banco chegou na fazenda em cima de uma colheitadeira. A colheita foi de aproximadamente 5 mil sacos de arroz.

Comprovada a possibilidade produtiva no oeste baiano, os caminhos para novos financiamentos foram surgindo. Agora o gerente Pedro Guedes oferecia uma nova modalidade, com as portas abertas aos produtores, o Banco do Brasil colocava à disposição todo o pacote tecnológico possível para plantio. O pacote oferecido na época era referenciado em “Valor Básico de Custeio” e a seleção da classe era em função da faixa de produtividade. Neste momento Guedes não teve dúvida, ofertou a faixa quatro, que ficava de 1.600 a 1.900 kg/ha para a cultura de arroz de sequeiro, com médias estipuladas para a safra 79/80, para as regiões Norte/Nordeste. O valor na época para essa faixa era de Cr\$/ha 5.843,00 (Banco Central do Brasil - Carta-Circular nº 376 de 06 de dezembro de 1979). É interessante comentar que para a cultura de arroz de sequeiro a faixa era até a classe 6, que determinava uma produtividade superior a 2.200 kg/ha com valor de Cr\$/ha 7.208,00.

Mesmo com o sucesso da safra, ainda havia pessoas que não acreditavam na capacidade produtiva do cerrado e se opunham à possibilidade de liberação de financiamento para o cultivo. Foi então que Pedro Guedes ofereceu aos produtores Guadagnin e Hilário a oportunidade de trabalhar com planejamento de projetos para financiamento agrícola. Desta forma os amigos abriram uma empresa e iniciaram a elaboração de projetos com a chancela do gerente do banco.

Concomitantemente ao projeto para o financiamento agrícola, o banco também exigia as escrituras das terras. No entanto, desde a época em que essas terras tinham alguns poucos donos, por causa das cartas de sesmaria, documentos de vastas áreas expedidos pelo rei, doando terras a pessoas ricas para garantir que o território não pudesse sofrer uma invasão, algumas áreas da região oeste da Bahia apresentavam

escrituras confusas com relação à medição das áreas. Para solucionar esse problema e de fato cancelar a escritura que já existia no cartório, dando uma garantia maior ao banco, o advogado do Banco do Brasil, senhor Olivio Gamboa Panucci, criou a chamada escritura pública de confrontantes, de limites e confrontantes. Essa escritura determinava os limites confrontantes das terras, especificando os donos das terras, e os mesmos assinavam, concordando com os limites estabelecidos nas escrituras públicas. Assim, o banco tinha uma maior segurança de que a terra pertencia àquele produtor que estava solicitando o financiamento. Outra função do documento de limites confrontantes escriturado foi o respeito que cada produtor começou a ter com o outro, pois aquele que não respeitava o que estava determinado na escritura deixava de receber o financiamento pelo banco, assim todos começaram a ter uma estabilidade jurídica, e um mapa concreto começou a ser desenhado para a região, indicando as limitações das propriedades agrícolas.

“Quando abri a empresa de planejamento isso foi muito bom, tive condições de dar segurança ao Banco, fui um parceiro muito grande do Banco do Brasil. Foi muita quebra de paradigma com os produtores que começaram a chegar. Com simplicidade fomos transformando toda a tecnologia que era necessária para a região em uma linguagem que era entendida pelos novos agricultores do cerrado, que já traziam conhecimento de outras regiões agrícolas. A execução do projeto e o acompanhamento foram primordiais para alavancar a agricultura no oeste.”

Antônio Guadagnin, Barreiras (BA)

Após a abertura do escritório de planejamento de Guadagnin e Hilário outros vieram, como a Plasteca, Asplan, Pampa, e outros e começaram também a se dedicar aos projetos e a redigir a minuta das escrituras de limites confrontantes.

Os três primeiros anos foram com a exploração da cultura do arroz, pois essa planta é comumente utilizada em abertura de área, devido a sua resistência e menor exigência em adubação, mas nos anos subsequentes a cultura começou a apresentar muitos problemas com o aparecimento de doenças, levando à necessidade do controle com a utilização de fungicidas. Como os manejos para pragas e doenças ainda não apresentavam tantas opções tecnológicas, foi preciso trilhar outros caminhos. Desbravar outras oportunidades era preciso para elevar o retorno do rendimento econômico da terra, e a alternativa da época era a introdução da cultura da soja.

Não podemos esquecer que a região oeste da Bahia é cerrado e, como tal, nunca até a data havia sido plantado soja. Então outro problema precisou ser solucionado, pois não havia cultivares próprias testadas para as condições climáticas. O que também não tinha era a possibilidade de financiamento no banco para essa cultura, pois era considerada exótica, uma vez que no Manual de Crédito Rural, documento que reúne as regras estabelecidas pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central do Brasil, relacionadas ao crédito rural, a região não era contemplada para o plantio de soja.



26. Ildo Rambo avaliando a cultura da soja em sua propriedade, 2021.

Para a quebra desse paradigma, Guadagnin e Hilário precisaram redobrar os esforços para conseguir introduzir a soja no Manual de Crédito Rural. O primeiro passo foi realizar um campo experimental, então conseguiram as variedades Doko, Tropical e Júpiter e foram plantados 10 ha para avaliação. Uma variedade que já estava mais popularmente conhecida, principalmente na região de Brasília, a Cristalina, não foi possível testar, pois na época não era de fácil acesso, devido ao custo elevado e à pequena disponibilidade de sementes.

O segundo passo foi então encontrar uma pessoa que auxiliasse para que tivessem acesso a Brasília para poder solicitar a inclusão da cultura no Manual de Crédito Rural. Foi então que conheceram o deputado federal Luiz Humberto Prisco Viana, ele era baiano e foi quem representou os agricultores e consultores técnicos. Prisco Viana era muito votado na Bahia e foi um homem muito inteligente e de visão. Por fim, a soja foi incluída no Manual de Crédito Rural e esse foi um marco importante, pois a partir disto os produtores que estavam migrando para a região tiveram permissão de crédito junto ao Banco do Brasil para o plantio.

A partir de 1983 a soja começou a ser explorada comercialmente na região oeste da Bahia. As primeiras áreas foram de Antônio Guadagnin, com 200 ha, e Luiz Ricardi com 600 ha, usando a variedade Tropical. No ano seguinte, em 1984, com maior oferta de sementes, a variedade Cristalina já começou a ser utilizada na região. Mas nem tudo eram flores, embora tivessem conseguido sucesso na primeira batalha, que foi a inclusão da soja no Manual de Crédito Rural, ainda precisavam também especificar a variedade que seria permitida, para que o financiamento fosse completo. Então teve início outra batalha, fazer com que a Embrapa, órgão responsável pelas pesquisas agrônômicas no país, chancelasse a indicação de variedades de soja para serem utilizadas na região.

Na época, a variedade plantada em Brasília, no programa PAD/DF, era a IAC2, do Instituto Agrônomo de Campinas-SP, que na melhor performance produzia 20 sacos/ha. Essa produtividade precisava ser melhorada e em conjunto determinar um modo de

cultivar que fosse melhor adaptado ao oeste, tendo um ciclo mais curto e porte bom. A variedade Cristalina estava despontando, mas ainda não tinha estabilidade, então os produtores começaram a forçar a Embrapa a cancelar a variedade, que apresentava uma produtividade de 50 sacos/ha, ciclo de 110 a 120 dias e porte bom. A autorização da Embrapa para utilização da variedade Cristalina foi dada quando a sua produtividade foi comparada a outras variedades testadas, sendo que apenas ela superou em produtividade.

Guadagnin lembra que ainda havia muitas dificuldades a serem vencidas, como máquinas sem adequação tecnológica, falta de fertilizantes e insumos. A tecnologia de máquinas para o plantio ainda era incipiente, as máquinas que utilizavam eram antigas, por esse motivo usava-se de 60 a 80 kg de semente por hectare, sendo que hoje a quantidade fica em média de 30 a 40 kg. Muitos insumos e produtos vinham de Goiânia ou Brasília, o calcário trazido dessa forma ficava muito caro, nesse período a quantidade de calcário usada era de 4 t/ha, mas às vezes não era possível sua aplicação.

Uma boa alternativa encontrada por Guadagnin para baratear o calcário foi quando encontraram uma fonte em Maruim, o moinho Odebrecht, em Aracaju-SE. O esquema foi o seguinte, o alimento que vinha do Sul, do Sudeste ou do Centro-Oeste para atender o Nordeste era transportado pelos caminhões, que no retorno passavam por Maruim e traziam o calcário para o oeste da Bahia, a um frete barato, possível de ser adquirido pelos produtores, sendo o produto de excelente qualidade, PRNT alto. Cabe lembrar que ainda em 1983 havia 200 km de estrada de terra de Barreiras até Salvador, e de Barreiras até Brasília, e que o São Francisco era atravessado de balsa. Os caminhões que traziam o calcário eram pequenos e antigos, por vezes tinham buracos e perdiam parte da carga no caminho.

Ainda sobre a importância da cultura da soja para a região, podemos destacar sobre a habilidade da planta em abrigar bactérias simbióticas, capazes de fixar o nitrogênio do ar e suprir a necessidade da planta com relação a esse nutriente, o que para

a época foi extremamente significativo com relação aos custos da lavoura, pois os fertilizantes químicos são muito caros, em especial para a época e a condição dos agricultores que estavam na região.

Se na época houvesse a necessidade de colocar nitrogênio na soja, ela se tornaria antieconômica, pois o nitrogênio era muito caro, o que inviabilizaria a produção e a expansão das áreas agrícolas.

Antônio Guadagnin

José Cláudio Oliveira explica que muitos agricultores que se mudaram para a região não tinham recursos financeiros suficientes e dependiam completamente dos financiamentos bancários, especialmente do Banco do Brasil, que às vezes liberava os fundos em épocas inadequadas para o plantio. Ele destaca que, na época, havia incerteza sobre qual adubo utilizar e a Embrapa não recomendava a região para o cultivo de grãos, considerando-a adequada apenas para pecuária extensiva e silvicultura de baixo rendimento. Oliveira menciona que os solos eram tão pobres que até o alumínio, normalmente tóxico, estava presente em níveis baixos, comparando a situação à hidroponia.

Os créditos vieram finalmente, mas junto também estava a economia brasileira que nunca foi fácil para quem trabalha com agricultura, então os planos econômicos forçaram muitos agricultores a desistirem da atividade. O primeiro plano que gerou grandes problemas foi o Plano Cruzado, em 1986, em seguida foram o Plano Bresser, Plano Verão I, Plano Verão II e o Plano Collor. O presidente Collor foi eleito em 1989 e em meados de outubro para novembro já tinha uma inflação de 89% ao mês, o que corresponde a uma inflação de 3% ao dia. Nenhum jovem conseguiria entender o que isso significou. A atitude governamental foi de, em 1990, estabelecer o Plano Collor, o congelamento das contas, o que levou muitos produtores a não terem recursos financeiros para honrar as dívidas de financiamento ou outras relacionadas à safra.

Só para terem uma ideia, em 90, eu plantava cinco pivôs irrigados, de 100 hectares, era feijão. Plantava utilizando óleo diesel, gastava 1.000 litros de óleo diesel para cada pivô, gastava 5.000 litros de óleo diesel por dia. O que aconteceu, eu amanheci com 50 reais na conta por causa do Plano Collor.

Antônio Guadagnin

Ao longo do caminho os amigos e agricultores presenciaram muita coisa. Por vezes tristes, mas fazia parte do processo, de uma região que estava em pleno desenvolvimento. Houve casos de má condução da tecnologia que era precisa para a região, o que resultou no fracasso de muitos agricultores. Houve casos de agricultores que pegaram o financiamento de custeio e utilizaram para o pagamento da terra, ficando assim sem o recurso para o plantio. Assim, agricultores vieram, outros foram embora, mas hoje está provado que essa região realmente era capaz de produzir.

Um bom exemplo desta perseverança que existe dentro do agricultor pode ser registrado aqui a partir das entrevistas realizadas. Quando a família Busato chegou, pai e filho estavam sempre juntos na lida da fazenda, mas além do trabalho também tinham as aventuras inesperadas do dia. Júlio recorda que chegaram para olhar uma fazenda, para o arrendamento, e por lá tinha erosão e muita areia na estrada, e não deu outra, o carro, que na época era um "golzinho", atolou. Das tentativas de tirar o carro, todas em vão, os dois desistiram, sentaram no capô do carro e seu pai o olhou atentamente e perguntou: "Filho, você que fez agronomia, acha que a gente consegue produzir soja nessa areia? Júlio então respondeu: "Pai, eu vou lhe dizer uma coisa, tudo o que eu sei e aprendi lá não vale nada aqui, porque lá é 80% de argila e 20% de areia, aqui é o contrário, mas é o seguinte, se essas pessoas que nós vimos lavoura lá atrás, de soja, conseguem produzir, nós vamos conseguir também!"



27. Júlio Busato em entrevista para o Epopeia do Agro, 2021.

O importante foi a coragem, mesmo com sofrimento, hoje a gente fala de boca cheia, o mundo está vendo, a nossa região está produzindo um dos melhores algodões do mundo, em termos de qualidade, de comprimento de fibra, ele talvez seja até melhor do que do Egito, só que o do Egito tem fama, o nosso ainda não tem. A soja, já estamos chegando a 100 sacas, esse é o caminho do futuro, é uma questão de tecnologia.

Antônio Guadagnin

Eu acho que de pobre o Estado não tem nada, tem do governo, pobre de cabeça. Considero isso aqui, no início era um patinho feio da agricultura e nós chegamos aqui e tivemos que romper posições de colegas e uma série de coisas para poder plantar por conta e provar que dava.

João Kuffel

Estima-se que apenas 25% das pessoas que vieram neste momento de colonização, a partir de 1970, conseguiram ficar para fazer a diferença na agricultura.

Parte II

**ECONOMIA AGRÍCOLA E
RECONHECIMENTO NACIONAL**

Capítulo 7

A Produção e Comercialização da Soja

Muitos agricultores já haviam migrado para o oeste baiano, e com a situação de financiamento resolvida e as variedades de soja adaptadas à região com a chancela da Embrapa, a agricultura começou a prosperar. Nesse momento, estruturar um mecanismo para a comercialização e escoamento da produção tornou-se essencial.

Os primeiros compradores de soja começaram a aparecer. As primeiras produções foram destinadas ao Grupo Coelho, que também possuía uma moedora de caroço de algodão, enviando toda a soja para Petrolina-PE. Depois, surgiu a Agrocel, que não teve muito sucesso e entrou no mercado com a venda de insumos e compra de grãos. Além dessas, havia também a Coopergel, mas grande parte da produção ia para a esmagadora do Grupo Coelho, que não tinha alcance internacional e atendia principalmente à produção aviária do Nordeste.



28. Campo de soja, 2021.

Os produtores perceberam que estavam sendo explorados pelo único comprador que atendia a região, pois na época a soja estava sendo vendida a 5 dólares, valor que não pagava os custos. O esquema na época era chamado de BIU (B, de Balança, I, de Impureza, U, de Umidade), mas todos os agricultores sabiam que a soja era limpa, não tinha impureza, pois não tinha mato na lavoura. Então Guadagnin estruturou um plano para que o produto pudesse ser mais valorizado e o agricultor ganhasse mais financeiramente.

O plano foi apelidado de “o fiel da balança”, e por ele, com uma estrutura simples, construída pelo próprio Guadagnin, era realizada a pesagem, a quebra da umidade e da impureza, de modo honesto. Então Guadagnin fazia o seguinte, os caminhões que retornavam do nordeste, aqueles que levavam alimentos, no retorno passavam em Barreiras e carregavam a soja, levando essa para a Cargill e Ceval. Logo em seguida o planejamento foi contactar a Cargill em Uberlândia - MG, e em seguida a Ceval em São Francisco do Sul - SC, uma empresa do grupo Hering. A Cargill demorou um pouco mais para entrar na região, pois o grupo multinacional precisa ter a autorização da diretoria externa, o que foi mais lento.

A Ceval, fazendo o processo de moagem verificou, por meio dos relatórios, que a soja da região oeste superava em teores de óleo e proteína. Neste ano de 1988, os Estados Unidos tiveram uma seca bastante severa e então o preço da soja do cerrado alcançou valores excelentes, de 7 subiu para 15 dólares o saco. Então a Ceval, uma empresa de grande porte e que tinha relação com a bolsa de Chicago, viu uma oportunidade na região e veio a instalar duas unidades para poder exportar a produção. O local onde a Ceval se instalou e que hoje é a Bunge, foi a primeira beneficiadora de soja de Barreiras, que pertenceu a Antônio Guadagnin. A primeira safra da Ceval em Barreiras foi em 1988, quando o gerente Idone Grolli mandou para Santa Catarina um milhão de sacas de soja.

A Ceval pagava para o agricultor o preço real do mercado internacional. Então, nós fomos muito sérios, muito éticos, no trato com o agricultor.

Idone Grolli

Chegando aqui a Ceval se deparou com o problema de que muitos agricultores estavam endividados junto ao Banco do Brasil e não conseguiriam fazer o plantio da próxima safra. Este foi um período muito triste, pois os oficiais de justiça chegavam às fazendas e as mulheres dos agricultores ficavam desesperadas, pois teriam que entregar as terras para o banco. Imaginem, essas pessoas que saíam de suas terras natal, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vendiam por lá cerca de 10 ha, que haviam sido, por vezes, recebidos em herança, chegavam ali no oeste e conseguiam comprar 1000 ha e, de repente, estavam sujeitas a perderem tudo.

A primeira notícia que chegava por lá. Todo mundo dizia, quem vinha pra cá, virava mentiroso! Vendia 10 ha e comprava 1000 ha, isso era notícia de mentiroso. E de repente, perder a terra, e voltar para o Sul, isso seria uma derrota.

Antônio Guadagnin



29. Antigo galpão de máquinas do produtor Paulo Schmidt, 1979.

Toda essa condição não era por falta de esforço ou trabalho e sim por falta de uma política agrícola nacional e uma economia estruturada. Como dito anteriormente, foram muitos planos econômicos, tentativas de recuperar uma economia fragilizada. Mas o grande agravante era a região, uma fronteira nova, onde tudo precisava ser feito, então os investimentos eram elevados para que se iniciassem as colheitas. Os investimentos realizados nas terras eram desde a compra da propriedade até aquisição de máquinas e implementos, como também custos de plantio e colheita, que por vezes eram feitos com recursos próprios, mas que hora ou outra era preciso recorrer a financiamentos bancários. Porém, com uma economia sem estabilidade, os juros e a desvalorização da moeda era uma incógnita todos os dias, o que não dava garantia de que a colheita poderia quitar as dívidas correntes.

Novamente a articulação e a capacidade de inovar na agricultura fez com que novas oportunidades pudessem surgir e resolver o problema de muitos agricultores que estavam executados junto ao Banco do Brasil por causa de planos anteriores, como Bresser e Collor. Com o estabelecimento da Ceval na região eles precisavam fazer com que o negócio desse certo e que fosse lucrativo, no entanto, como os agricultores estavam endividados com o banco, este não financiaria a próxima safra. Foi então que o funcionário da Ceval, o gerente geral Idone Grolli, levou a proposta para a diretoria executiva da empresa.

O agricultor está endividado no Banco, o Banco não financiará a próxima safra, mas o agricultor tem potencial, pois tem a terra, que está pronta, tem máquina, tem conhecimento; tem vontade de plantar e aliás não sabe fazer outra coisa, então vamos financiar o suficiente para que ele possa plantar. Por exemplo: se a previsão for colher 40 sacos/ha vamos financiar de 20 a 15 sacos/ha, que ele dê para o agricultor plantar.

Idone Grolli

Então a Ceval realizava um contrato de penhor da safra e no momento da colheita o agricultor entregava para a empresa e quitava sua dívida e o restante comercializava com a própria empresa. Esta transação ficou conhecida como “soja verde”. Os primeiros contratos foram realizados ali no oeste da Bahia e depois a modalidade se espalhou para o Brasil. Com isso os agricultores conseguiram se reerguer e continuar no negócio. O Banco do Brasil neste momento ficou obsoleto para a agricultura, uma vez que não fornecia mais crédito rural para a região.



30. Colheita da soja realizada no oeste da Bahia, 2021.

A partir de 1995, algumas mudanças foram implantadas com o então presidente Fernando Henrique Cardoso, na tentativa de manter a agricultura brasileira. Vendo tantos problemas, o governo acabou com a TR e a TJLP para safras subsequentes, colocou uma taxa de juros fixa de 16%, os empréstimos do ano anterior puderam ser refinanciados, em torno de 20 a 30%, sem a TR, e também liberou o crédito de 2 bilhões para a agricultura (Pronunciamento sobre a questão agrícola Palácio do Planalto, Brasília, DF, 17 de julho de 1995). Muitos agricultores conseguiram fazer a composição de suas dívidas e pagar em até 20 anos, através da securitização das dívidas rurais e pelo sistema Pesa.

No modo de securitização ocorria o alongamento do pagamento das dívidas rurais, o tesouro brasileiro comprava a dívida, pagava ao banco e os agricultores passavam a dever para o governo, que recebia pela receita federal. O Pesa foi um Programa Especial de Saneamento de Ativos, a contratação dessa negociação deveria ser feita em 1998, e o reembolso aconteceria em vinte anos.

Novos créditos foram surgindo, e em 2000 foi implantado o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras, Moderfrota, o que causou significativa mudança no cenário da mecanização agrícola no Brasil, pelo incentivo à aquisição de máquinas agrícolas. Para a região oeste trouxe o benefício da capacidade de compra de máquinas agrícolas modernas capazes de trabalhar a terra de forma adequada, dando mais segurança ao sistema. Podemos dizer que neste momento os tratores passaram de 50 CV de potência para 100 a 150 CV de potência na região. Então o cenário mudou, a implementação tecnológica em máquinas e o ótimo cenário de preços dos grãos auxiliou a renda agrícola na região oeste da Bahia, fazendo com que mais e mais pessoas viessem para a região.



31. Panorâmica do cultivo de soja com irrigação por pivô, 2021.

Não podemos esquecer que a tríade atuante até este momento foi significativamente importante para que as ações fossem de fato concretizadas e citamos novamente os nomes dos protagonistas, Antônio Guadagnin, Pedro Guedes e Idone Grolli, para que possamos guardar na memória e para que também possamos, por meio deles, homenagear tantas outras tríades que tivemos ao longo do caminho.

O Brasil é agro, nós temos tecnologia para grandes desenvolvimentos, precisamos acreditar na tecnologia, buscar tecnologia quando for preciso e com certeza fazer pesquisa. O jovem precisa estudar, tem que se dedicar, precisa ser um empresário. Não tem escola boa pra aluno ruim, e não tem escola ruim pra aluno bom. O Brasil vai alimentar o mundo, atualmente aproximadamente 7,0% da área do Brasil é agricultura e 20% pecuária. Sabemos que com a tecnologia gerada para a pecuária não precisamos mais deixar os animais no pasto, e sim, é mais rentável o modelo de confinamento. Então neste modelo tecnológico, não precisamos explorar novas áreas para a criação de animais e muito menos para a agricultura. É uma lógica, uma troca, sem precisar explorar áreas para a pecuária, estas podem ser utilizadas para a agricultura, logo essa exploração não precisaria derrubar mais nenhuma árvore. Imaginem, se com 7,0% somos o segundo produtor de grãos do mundo, se incorporarmos mais áreas que hoje já são exploradas com a pecuária, sem derrubar nenhuma árvore o que seríamos.

Antônio Guadagnin

Para compreender melhor a afirmação de nosso protagonista, temos as informações averiguadas na base da Embrapa (2017) e confirmadas por estudo realizado pela NASA de que o Brasil protege e preserva a vegetação nativa em mais de 66% de seu território, cultiva apenas 7,6% das terras e explora 20% do território com a pecuária. Logo sua ideiação faz todo sentido, tecnificar para produzir mais alimento, sem agredir ou modificar o meio ambiente, fazendo com que ele fique preservado para gerações futuras.

Capítulo 8

O Oeste Baiano na Mídia: O Cerrado como a Última Fronteira Agrícola

Antônio Guadagnin, Constantino Catarino de Souza, Hilário Kappes, Idone Grolli, Pedro Guedes já haviam iniciado a história da agricultura do velho oeste baiano, quando o jovem Jorge Tadashi Koyama, em 1980, por meio da mídia televisionada, ficou sabendo desta nova fronteira.

Em janeiro de 1980, em sua primeira edição, o Globo Rural exibiu uma reportagem sobre o cerrado brasileiro, informando que nestas regiões as produtividades agrícolas seriam superiores às conhecidas em áreas já exploradas. Outras reportagens vieram e mostraram a potencialidade da região oeste da Bahia, com a chancela da Embrapa, empresa responsável por disponibilizar desenvolvimento e inovação agrícola para a sociedade brasileira.

Jorge Koyama, natural de Assaí no Paraná, de família tradicional japonesa, produtora de café, milho e algodão, e também granjeira, em 1983, junto com seu irmão, adquiriu de uma corretora do tipo colonizadora, localizada em Cascavel, uma propriedade de 1.815 ha. Hoje, a propriedade localiza-se no município de Luís Eduardo Magalhães, mais precisamente na gleba B, região denominada de Ouro Verde. Cabe ressaltar que a Ouro Verde se estendia da região de Formosa do Rio Preto até onde é hoje o município de Luís Eduardo Magalhães, sendo dividida em glebas A e B. Os irmãos chegaram na Bahia em julho de 1984, trazendo toda sua mudança e dois tratores, um CBT de 1974 e outro de 1983.



32. Jorge Koyama e seu trator CBT

No primeiro ano abriram uma área de 150 ha, plantando 100 ha de arroz e 50 ha de soja. Neste ano, a empresa de assistência técnica em agropecuária que desenvolveu o projeto para o financiamento no banco foi a de Antônio Guadagnin, a ALEMPLAN. Na época desta primeira colheita houve até uma confusão nas definições de medidas de produtividade, pois a unidade trivial usada era em saca de 60 kg, mas ali no oeste a saca era contada em 45 kg, o que quase resultou no abandono do manejo correto para a cultura contra a Brusone, pois estimou-se que a produtividade resultaria em aproximadamente 35 sacos, estimados em 60 kg e não em 45 kg. Desfeita a confusão, a produtividade foi de 55 sacos de 45 kg, 2475 kg/ha, o que para a época foi uma excelente produtividade.

Ao longo de três anos a família Koyama foi ampliando a área plantada, conseguindo abrir 1000 ha, onde ampliaram o cultivo de soja e implantaram feijão e milho.



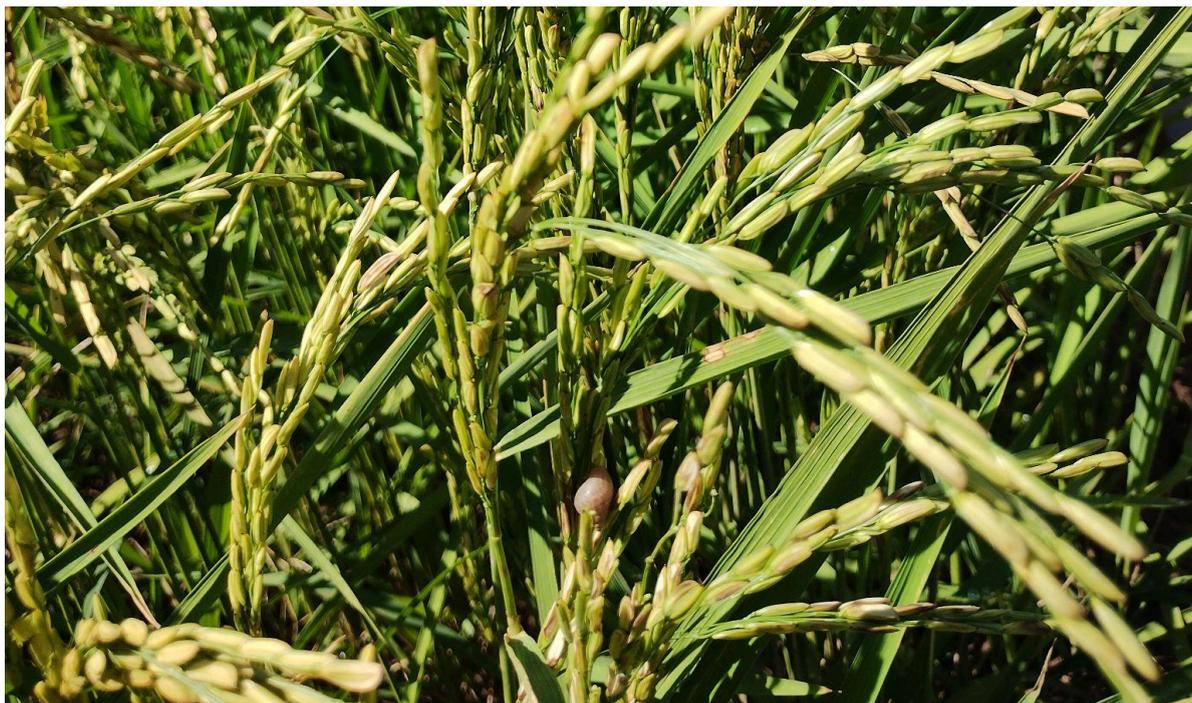
33. Jorge Koyama e a família em seu barracão de máquinas agrícolas.

Em 1988 a família recebeu o prêmio de melhor produtora de arroz semente e em 1990 do melhor arroz casca, da Cooperativa Cotia. Nesta época o programa PRODECER II já havia sido iniciado na região e a cooperativa Cotia estava em plena ascensão, dando atendimento aos produtores associados.



34. Prêmio recebido da cooperativa Cotia pelo desempenho de melhor produtor de arroz em 1988 no oeste da Bahia.

O arroz perdeu importância econômica para a região devido à falta de tecnologia como cultivares adaptadas, visando à melhor produtividade e resistência a doenças. Atualmente algumas cultivares estão sendo testadas e uma genética bastante diferente promete uma produtividade e qualidade diferenciadas, por isso alguns produtores já se dispõem a iniciar novamente plantios comerciais da cultura.



35. Plantação de arroz.

Jorge Koyama hoje desempenha um importante papel na sociedade, atuando como presidente da cooperativa Cooproeste em Luís Eduardo Magalhães. A cooperativa foi criada em 1995 para atender aos produtores quanto às necessidades de armazenagem agrícola, beneficiamento e comercialização de grãos, especialmente soja, milho e arroz. No início eram 28 associados, hoje contam com 127 e sua abrangência se estende para os municípios de Barreiras, São Desidério, Formosa do Rio Preto, Riachão das Neves, Luís Eduardo Magalhães, Correntina, Jaborandi, Coribe e Cocos.

Jorge Koyama defende que a presença de uma cooperativa para aqueles que são pequenos produtores é fundamental para garantir uma melhor rentabilidade na produção agrícola.

Por causa de que a cooperativa nessa região é necessária, pois se eu não sou grande produtor eu não tenho garantias de preços na comercialização, então na cooperativa o poder de barganha é melhor, assim como para a aquisição de insumos agrícolas também.

Capítulo 9

Programa PRODECER II - Projetos Ouro Verde e Brasil Central

A expansão agrícola para além da proximidade com Barreiras foi inevitável com tanta terra agricultável, então as terras na região de Formosa do Rio Preto foram abertas e hoje as conhecemos por região da Coaceral. Para entendermos o nome Coaceral precisaremos voltar a 1984, momento em que algumas áreas foram adquiridas por Vicente Mashahiro Okamoto e este iniciou a abertura, com plantio em 6000 ha.

O Brasil tinha nesse momento uma política governamental planejada para incentivar e acelerar a ocupação de novos espaços da região Centro-Oeste, o que incluía toda a região do cerrado. A decisão do Estado foi com o objetivo de acelerar o deslocamento de populações e motivar a colonização de novas regiões brasileiras, pois desde o século XVI o processo tinha sido descontínuo, sem força ou motivação. Então, a partir do início dos anos de 1960 os planos e programas foram elaborados para proporcionar a mudança na estrutura produtiva do Brasil, expandindo a fronteira agrícola. Dentre os planos, projetos e programas para o desenvolvimento brasileiro havia o PRODECER, Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados.

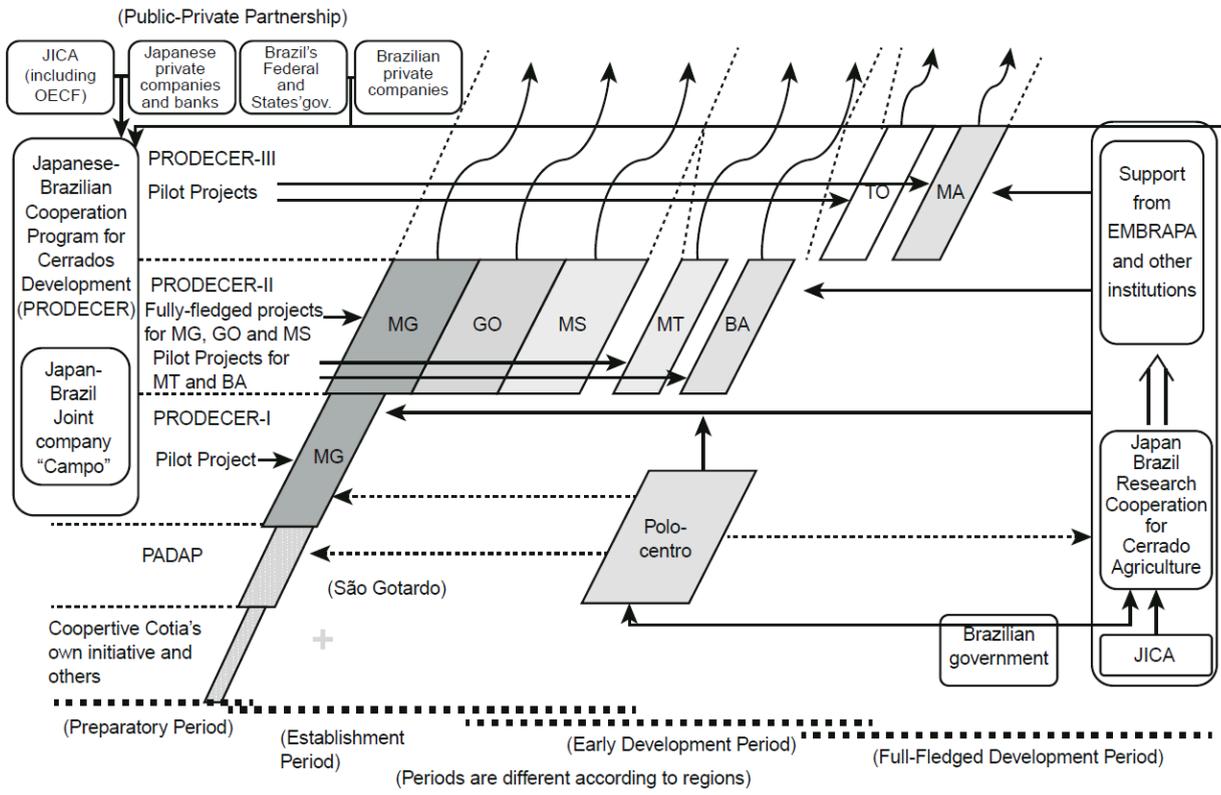
O planejamento do programa foi iniciado em 1974, mas somente em 1979 os países, Japão e Brasil, assinaram o termo de cooperação. O Japão criou uma empresa de investimentos, a JADECO, para execução do PRODECER, e o Brasil a Companhia de Promoção Agrícola - CAMPO. O programa foi executado em três etapas, que foram

designadas como PRODECER I, II e III. A Bahia foi contemplada na segunda etapa do programa, a partir de 1985, o PRODECER II.

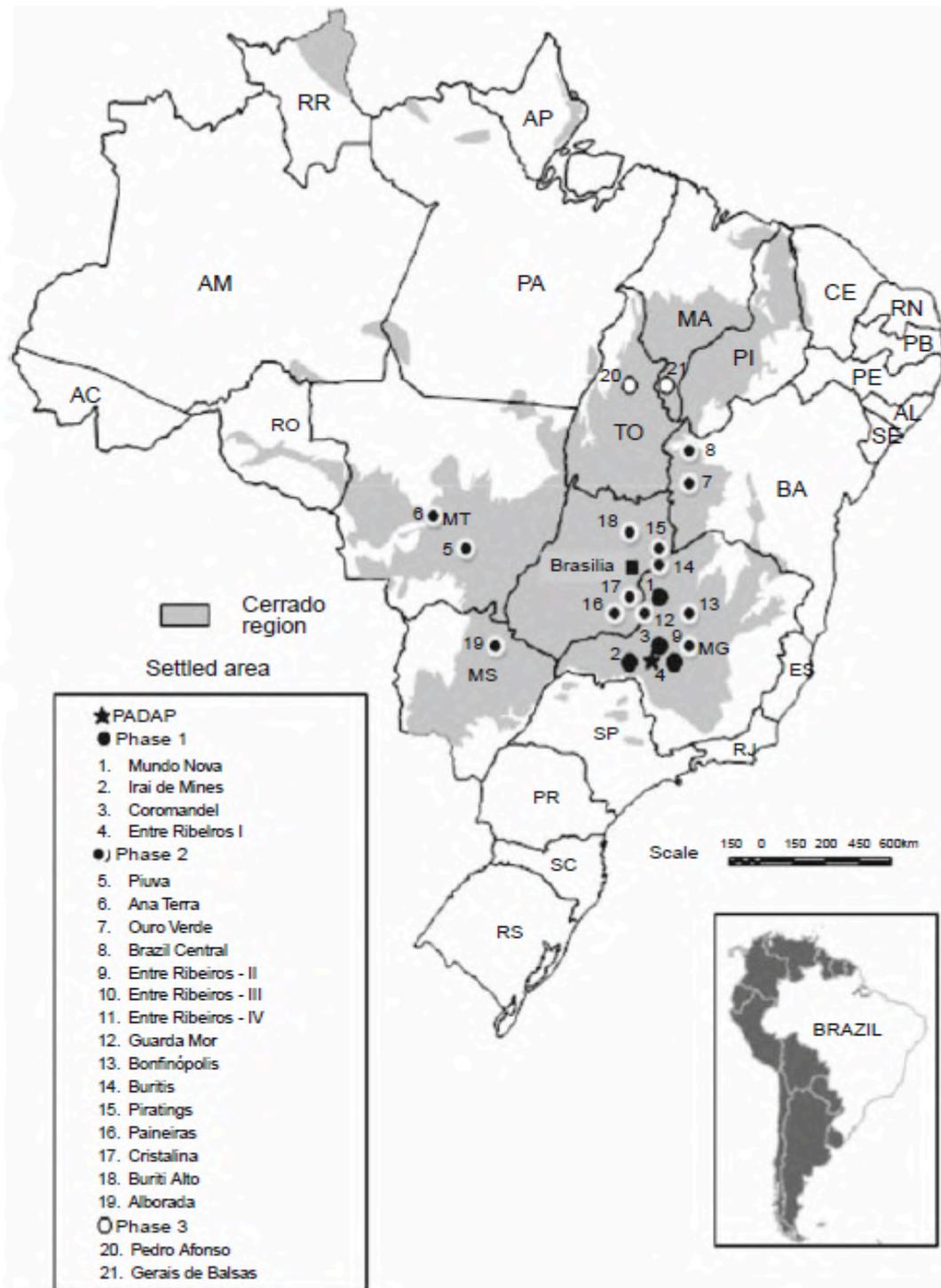
O fato de Vicente Mashahiro Okamoto ser japonês e ter iniciado a abertura agrícola na região foi a motivação para se trazer o programa. O Japão tinha o interesse em aumentar a produção de alimentos no Brasil para que com isso houvesse grande oferta mundial, e o oeste da Bahia, caracterizado como cerrado, foi contemplado pelo programa.

É importante frisar neste momento que o PRODECER na Bahia contemplou áreas de terras onde hoje é Luís Eduardo Magalhães e Formosa do Rio Preto. Nesta fase as cooperativas Cotia e Coaceral realizaram a aquisição das terras e repassaram para os agricultores, auxiliando também no fornecimento de máquinas, insumos, assistência técnica e comercialização, e a CAMPO era responsável por fazer os projetos de custeio.

Dentro do programa distinguem-se os projetos: Ouro Verde, de responsabilidade da antiga cooperativa Cotia, hoje Cooproeste, com 48 produtores ocupando uma área de 16.404 ha, localizada em Luís Eduardo Magalhães, e o projeto Brasil Central, localizado em Formosa do Rio Preto, de responsabilidade da cooperativa Coaceral, criada especificamente para trazer 38 produtores que ocuparam uma área de 15.028 ha, com cada produtor adquirindo entre 300 e 400 hectares em ambas as regiões. O programa exigia que 50% dos produtores fossem de origem nipônica e os outros 50% deveriam ser produtores da própria região. Os agricultores que vieram foram especialmente das regiões Sul e Sudeste, sendo todos descendentes de japoneses.



36. Trajetória do PRODECER e os locais selecionados para o desenvolvimento das cadeias de valor produtivas.



37. Regiões do Brasil contempladas no PADAP

Na região de Formosa do Rio Preto, dos 38 produtores que vieram permaneceram apenas 5, alguns venderam seus lotes ou migraram para outras regiões, ainda em busca de oportunidades, ou voltaram para suas regiões de origem, no sudeste, estado de São Paulo ou sul, no Paraná. Adilson Sujuki foi um dos produtores que encarou o desafio de permanecer na região. Vindo para o oeste em 1987, com apenas 23 anos, por intermédio de parentes que já tinham conhecimento do programa, recém-formado, encarou grandes mudanças, deixou de plantar milho e tomate no estado de São Paulo para começar a abertura das terras com arroz e depois implantar a cultura da soja. No início foi tudo um aprendizado, a lida no cerrado, não tinha tecnologia, a produtividade era baixa.



38. Adilson Sujuki em entrevista para o Epopeia do Agro, 2022.

O programa financiou tudo, desde a aquisição de terra até máquinas e os primeiros três cultivos, tínhamos uma carência para o pagamento. Quando viemos para cá, fomos uns dos primeiros a chegar na região, tanto é que nem estrada tinha, era preciso dar volta por Dianópolis, era um dia para chegar aqui, sem estrada mesmo, só depois teve a abertura da estrada e que hoje é asfaltada, quem abriu essa estrada foi a cooperativa com recurso do programa.

Adilson Sujuki



39. Adilson Sujuki e sua esposa Cristina na capela de sua propriedade rural na região da Coaceral, em Formosa do Rio Preto, 2022.

A tecnologia de plantio de soja na época usava 38-40 sementes por metro e a produtividade ficava por volta de 22 sacos/ha. Hoje na região, a depender do manejo, tem produtor que alcança 80 sacos/ha. O que era vantajoso em 1987 é que não havia muitas pragas na região e então o custo de produção era um pouco mais baixo o que compensava a pequena produtividade, especialmente para aqueles produtores que tinham áreas menores, por volta de 350 ha.

O programa tinha um projeto de expansão de área na região, no entanto, a falta de recursos, problemas políticos em ambas as esferas, estadual e federal, e a falta de infraestrutura em estradas e energia levaram à finalização do programa, assim como o encerramento das atividades da cooperativa Coaceral. O problema de falta de energia elétrica nas fazendas se prolongou até o ano de 2023. No momento da realização da entrevista, em 2022, a fazenda do produtor Adilson Sujuki ainda era movimentada por gerador a combustível.

Quando viemos para cá, a gente nunca tinha vindo para a região, e a gente costumava falar que as árvores aqui elas não cresciam para cima, só para baixo, pois, o que ela tem para acima, a parte aérea, você pode contar umas dez vezes que tem para baixo, era difícil a limpeza da área, pelo menos nessa região.

Adilson Sujuki

No início o acesso à cidade para levar qualquer máquina para conserto ou outras necessidades não era fácil, o percurso era de 310 km para chegar até Barreiras, sendo 200 km de estrada de terra e 100 km de asfalto, passando por Dianópolis. Algum tempo depois a cooperativa abriu um acesso pela Serra do Cachimbo, passando pelo Piauí, o trajeto era Barreiras até Corrente no Piauí, subindo a serra para sair nos lotes. Embora um pouco mais perto, o problema deste caminho é que na volta, para poder passar, as pessoas precisavam usar caminhonete puxada por trator, pois era muito íngreme. Na maioria das vezes a cidade de Corrente era a mais acessada. Quase não havia movimento para Formosa do Rio Preto devido à falta de estrada. Por volta de 2007 até 2012, com a BA já aberta e asfaltada, o tráfego para Formosa se intensificou.

A alimentação era fornecida pela cooperativa, que levava de caminhão e mantinha um mercado em sua sede, que supria as necessidades básicas dos colonizadores. Quando iam para a cidade é que traziam outros produtos, mas mesmo assim, em sua maioria eram mercadorias enlatadas, pois não havia energia elétrica no local.

A comunicação era via rádio e via cooperativa para o escritório em Barreiras, porém, com o tempo, os produtores foram adquirindo também um rádio. Vale lembrar que um sistema de telefonia funcionou no Hotel Palmeiras e isto também colaborava com a comunicação.



40. Hotel da Palmeiras.

Quando o programa começou a ser desativado e logo em seguida a cooperativa também foi deixando de operar, os produtores ficaram em dificuldade, pois cada um teve que fazer as negociações separadamente, o que elevou o custo de produção e motivou a saída de muitos produtores.

Capítulo 10

Desafios e Progressos: A evolução do Oeste Baiano como fronteira agrícola

Muitas pessoas que migraram não conseguiram o sucesso e os sonhos de uma vida melhor não foram alcançados. No entanto, a região oeste da Bahia ainda continuava sendo uma fronteira agrícola e muitas oportunidades ainda por serem descobertas. E, assim foi com o jovem casal, Rosi e Selmo Cerrato.

Ambos de Ponta Grossa, no Paraná, Selmo viu primeiro a oportunidade na região nordeste, para exercer a profissão como agrônomo e se estabelecer como produtor. Em 1993, Selmo foi contratado pela BASF para trabalhar em Balsas, no Maranhão, mas uma semana antes de se mudar, foi designado para Barreiras, na Bahia.

Em 1994, recém-casados, Rosi e Selmo migraram para o predestinado novo lar, Barreiras. Eles não tiveram dúvidas de que lá seria a cidade onde construiriam sua família.



41. Rosi e Selmo Cerrato durante a entrevista à Epopéia do Agro, 2022.

Por volta de 1990, Barreiras iniciava a utilização do sistema de irrigação por pivôs mais intensivamente, mas para entendermos a irrigação no oeste voltaremos a 1974, momento em que foi criada a CODEVASF, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Francisco e do Parnaíba (Codevasf), empresa pública de direito privado, criada pela Lei nº 6.088, de 16 de julho de 1974, de capital social pertencente integralmente à União e vinculada ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Foi criada com o objetivo de desenvolver as bacias hidrográficas de forma integrada e sustentável. Esta foi a primeira ação governamental para o desenvolvimento de projetos públicos de irrigação na região oeste da Bahia. Os objetivos estratégicos da Codevasf estavam alinhados para implementar a gestão autossustentável para os projetos públicos de irrigação, expandir a agricultura irrigada e aprimorar a eficiência da irrigação. Na região oeste da Bahia foram desenvolvidos os projetos dos perímetros São Desidério, Barreiras Sul, Riacho Grande, Nupeba e Barreiras Norte, com 7.214 ha em operação, com a principal fonte hídrica sendo o Rio Grande (CODEVASF,2018).



42. Implantação do sistema de distribuição da Codevasf para os projetos de irrigação.

A implantação e a operação dos projetos foram se concretizando em etapas, os perímetros São Desidério e Barreiras Sul tiveram início em 1978 e nova implementação em 1995, Riacho Grande e Nupeba tiveram início em 1993 e operação em 1997, Barreiras Norte entrou em operação a partir de 2000. Precisamos também lembrar neste momento de Cisino Lopes, que em 1978 deixou definitivamente Brasília para ir para Barreiras trabalhar nos projetos de irrigação da Codevasf.

A concentração do governo estava centrada realmente no alinhamento para a nova fronteira agrícola, para a produção de alimentos, e nessa junção de forças estava também a Embrapa, onde a atuação de Alysso Paulinelli foi fundamental para o incentivo ao desenvolvimento do cerrado.

Com a tecnologia em irrigação implantada na região, Selmo adquiriu uma gleba no perímetro irrigado de São José, mais conhecido como Nupeba, e ali plantou feijão. Ele conta que com o dinheiro da colheita de feijão comprou a casa onde morava de aluguel em Barreiras. Seu plantio seguinte foi de arroz, e como era uma área irrigada a produtividade ultrapassou 100 sacos/há. Mas nem tudo foi fácil, ele não tinha maquinário para a colheita e a mão de obra era escassa, e mesmo que tivesse máquina essa não conseguiria entrar na área, pois o local era um solo de aluvião, extremamente úmido.

Então a colheita foi manual e difícil, e o lucro da lavoura foi embora para o pagamento da mão de obra, que não era especializada. A Codevasf percebeu a dificuldade de se trabalhar em áreas que tinham alagamento na época das chuvas, que são intensas na região, e sugeriu a troca do lote. No entanto, Selmo observou dois problemas: o primeiro é que a Codevasf queria que nessa nova área houvesse a implantação da fruticultura, e como a região não tinha mão de obra qualificada para esta atividade a probabilidade de dar certo era muito pequena; a segunda é que ele ficaria muito distante de seus clientes, os quais atendia com a venda de insumos agrícolas, então acabou fazendo a opção de deixar a área do perímetro irrigado.

Em seguida, o casal adquiriu algumas propriedades, nas quais nem chegaram a produzir, logo venderam e foram se estabelecer de verdade como produtores na região da Coaceral, onde, com o passar do tempo, foram comprando mais terras para o lado do Piauí. As dificuldades eram muitas, para chegar à fazenda era preciso percorrer 130 km de estrada de terra.

No início, o plantio foi somente em 150 ha, o maquinário disponível para uso era um trator de 85 Cv, um Ford 6630, mas para ter rentabilidade era necessário abrir muito mais área. Com coragem e garra, ao final do terceiro ano já contavam com 600 ha cultivados, o plantio de feijão carioca e o gurutuba garantiram a rentabilidade mesmo em uma área considerada pequena e em um barracão ainda coberto por palha já guardavam três tratores, fruto do trabalho duro desempenhado pelo casal. Hoje o maquinário é moderno e equipado com alta tecnologia para garantir performance no campo, sua frota conta com seis tratores e uma colheitadeira de última geração.

Mas, como dito no início, muitas pessoas desistiram, voltaram para suas terras natal, pois os problemas não eram poucos. Fato importante a ser mencionado era o companheirismo que existia entre o casal e seus vizinhos, amigos agricultores. Por vezes os amigos lamentavam a falta de adaptação de suas esposas na região e também outras dificuldades, e então Selmo dizia: *“espera aí, deixa chamar a Rosi para jantar com ela”*. Por vezes uma conversa amiga era o que faltava.

Muitas pessoas desistiram e partiram, mas muitas viram nascer novamente a esperança que já havia findado de uma migração mal sucedida em uma outra região que lhes fora prometida. Esta passagem é importante, pois estes migrantes também contribuíram para o desenvolvimento agrícola da região. O insucesso de uma migração mal planejada não era apenas responsabilidade das próprias pessoas e famílias que arriscaram o novo, mas por imprudência e falta de planejamento de colonizadoras e também do próprio governo.

Nesta insólita jornada estiveram muitos produtores que foram primeiro para a região do baixio de Irecê e depois de algumas safras sem êxito fizeram uma escolha para tentarem a vida no oeste baiano. A história dos agricultores que foram para Irecê começou com a desapropriação das terras por causa da construção da Usina Hidrelétrica Passo Real em Salto do Jacuí, no Rio Grande do Sul, quando aproximadamente 50 produtores rurais migraram. Em 1977 a antiga cooperativa Cotrisel comprou 27 mil ha no perímetro considerado baixio para assentar seus cooperados que estavam vindo da desapropriação de Passo Real. A intermediação foi direta com o governo Figueiredo, e na época Delfim Netto e Mário Andreazza foram quem acionaram a cooperativa e indicaram o local para a colonização. Pelo que consta em documentos, no diário do Congresso Nacional de maio de 1981, estavam os ministros da época comprometidos com o desenvolvimento dos projetos Adutora de Feijão e de Irrigação do Baixio de Irecê, juntamente com a Codevasf.

Os projetos mencionados não tiveram êxito, após alguns anos a cooperativa abriu falência e os produtores assentados na região precisaram tomar a dura decisão de voltar para o Sul ou continuar a migração para outro lugar, pois ali na região não tinha infraestrutura ou apoio governamental para desenvolver a agricultura. Foi então que aproximadamente 15 produtores escolheram as cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães para continuarem seus sonhos. Neste novo local alguns continuaram na agricultura e outros foram trabalhar com o comércio.

Para a região de Luís Eduardo, Barreiras tem muita gente daqui. Foram trabalhar para lá e foram embora e foram fechando as fazendas. Duas décadas para cá, foi reduzindo. Primeiramente, tudo era pertinho, uma casa da outra, aí hoje está ficando pouca gente, pouca gente mesmo, quase não tem mais ninguém na agricultura, não.

Carlos Ernesto Barbosa, "Carlinhos Gaúcho"



43. Carlos Ernesto Barbosa, "Carlinhos Gaúcho" em entrevista para o Epopeia do Agro, 2021.

O descaso governamental não existe apenas como um fato isolado ou por período, mas se perpetua, sem soluções aos problemas existentes. Em entrevista com Alysson Paulinelli pudemos perceber a angústia e a indignação do ex-Ministro em não conseguir tomar medidas que solucionassem os problemas. Dr. Paulinelli foi um visionário quando propôs que o cerrado poderia produzir muito alimento e se tornar uma fronteira agrícola, trabalhou muito para que isso se tornasse realidade e para que o país pudesse ter uma agricultura moderna, evoluída e tecnológica, mas por vezes também esbarrou na burocracia brasileira e na política de favores. Uma grande desilusão foi quando, em um momento da parceria entre Brasil e Japão para o incentivo à produção de alimentos, o governo brasileiro deixou de cumprir o acordo, deixando de pagar as negociações realizadas e ainda colocou no tesouro o dinheiro do governo japonês que era destinado para o programa Prodecer, e cobrou do produtor taxas de até 26% dos valores que eram emprestados, sendo que esse percentual era muito além do que pagariam de volta para o governo japonês.

Negociamos com o Japão um projeto de 800 milhões de dólares, só em Minas Gerais ia aplicar 600. O estado de Minas, botou 30 milhões, o governo federal não botou um tostão e acabou chutando o projeto, a Campo, ficou mal, muito mal satisfeita com o governo brasileiro Nós acabamos conseguindo com eles, o dinheiro deles e do Brasil, que era uns 27% do Brasil resto deles. Nós arrumamos mais 560 milhões de dólares que deu para fazer vinte um projetos PADAP no Brasil inteiro e eu fico hoje orgulhoso, porque em cada um desses projetos surgiram as melhores cidades do interior do Brasil, hoje, cidades belíssimas com gestão quase perfeita com saúde, escolas de medicina, nenhuma delas tem menos de três escolas de medicina.

Alysson Paulinelli

Paulinelli, entusiasta das empresas rurais brasileiras, sempre acreditou na autossuficiência do Brasil em pesquisa agrícola e sua superioridade em tecnologia e inovações. Orgulha-se de ter contribuído para a expansão das fronteiras agrícolas através da Embrapa. Sua previsão de que o Brasil se tornaria o maior produtor mundial de trigo está se concretizando com a produção no cerrado. Paulinelli destacou a importância de valorizar e melhorar constantemente o produto agrícola para que ele sirva como moeda de comercialização. A organização dos produtores em cooperativas foi fundamental para colocar o oeste da Bahia no radar do agronegócio baiano e brasileiro.

Nós não vamos ter moeda, e eu estou advertindo os produtores e os jovens de hoje. Quem não tem moeda em uma economia mundial tenha produto e vocês têm que valorizar o produto brasileiro, porque não tendo moeda, você não negocia, você passa a ser um entregador. Agora, se você tem um produto, você será um vendedor. Olha a diferença, essa é uma diferença que eu tenho aconselhado muito aos jovens brasileiros.

Parte III

TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Capítulo 11

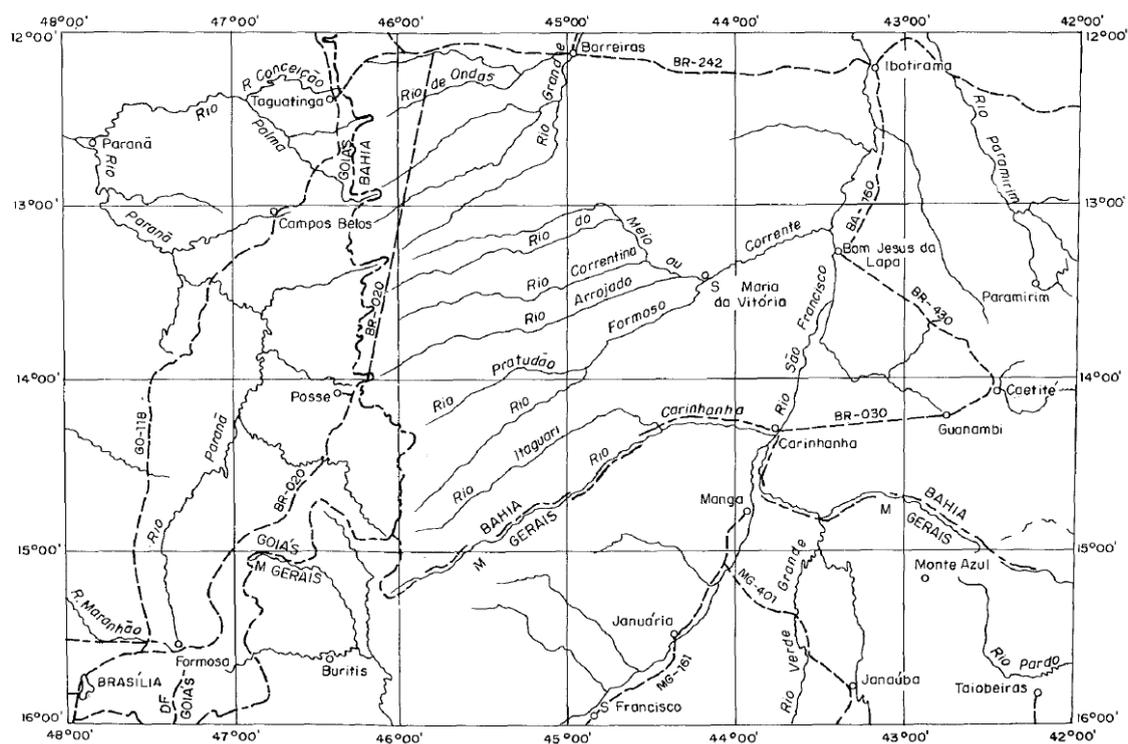
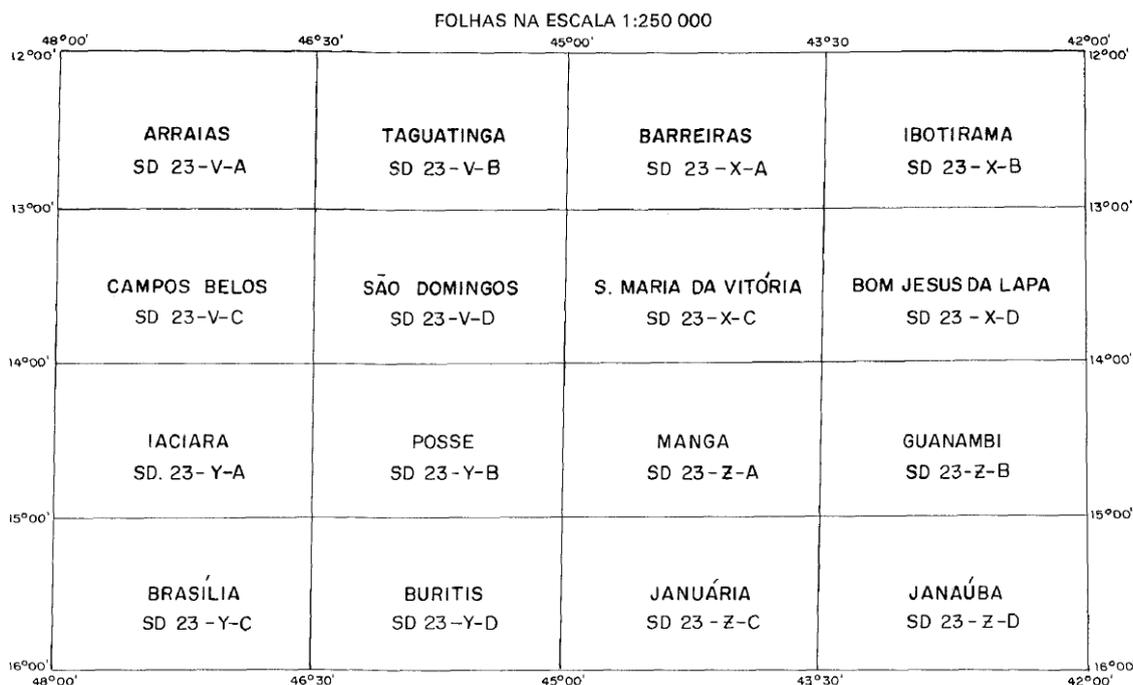
Avanços Tecnológicos na Agricultura

A agricultura e a pecuária têm raízes na região desde a colonização portuguesa no Brasil, com a introdução do gado pelos primeiros colonizadores. Inicialmente, essas atividades eram de subsistência, junto com pequenos cultivos. No entanto, a partir de 1800, a agropecuária se estabeleceu como uma atividade importante, permitindo que os colonos produzissem gado e cana-de-açúcar para a produção de rapadura e cachaça. O extrativismo do látex da mangabeira também contribuiu para o desenvolvimento da região, embora tenha declinado quando o produto perdeu relevância econômica mundialmente. Durante esse período, a agricultura e a pecuária não foram suficientes para alavancar a economia regional.

O estímulo ao crescimento e desenvolvimento da região voltou em meados da década de 1970, com programas governamentais que incentivaram novas fronteiras agrícolas, promovendo o Brasil como "celeiro do mundo". Em 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN) buscou ocupar terras na Amazônia através da migração de populações do nordeste, o que destacou a necessidade de identificar as potencialidades econômicas da região. Foi então criado o projeto RADAM (Radar na Amazônia) para levantar os recursos naturais das regiões Norte e Nordeste usando imagens de satélite. O projeto mapeou 54% do território nacional, incluindo a região oeste da Bahia, e forneceu dados geológicos, geomorfológicos, de solos, vegetação e uso potencial da terra, mostrando a importância econômica e ambiental dessa região.



44. Radam 1981 - Mapa de área, com ênfase na região oeste da Bahia.



45. Radam 1981 - Indicativo das folhas das regiões e limites políticos, localidades, estradas e rios principais.

Quando o processo migratório no oeste baiano, em 1978, começava a ter representatividade, os agricultores que vinham faziam uso das informações técnicas disponibilizadas pelo projeto RADAM, pois esta era a única informação voltada para a agricultura no cerrado para esta localização. O incentivo do governo para estimular o desenvolvimento desta região também veio através da criação do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados – CPAC, em 1975, e EMBRAPA - Cerrados, órgão responsável pelo desenvolvimento do cerrado como um todo.

A informação técnica para os cultivos iniciais foi propagada pela experiência vivida pelos agricultores que ali estavam se estabelecendo e começavam seus experimentos reais. Então, a primeira dificuldade técnica que os produtores enfrentaram foi conseguir fazer a abertura das áreas, pois tinham um cerrado consolidado, com árvores, capoeira e campo sujo.

Não tinha acesso à tecnologia, a nada, então, o básico da informação era a troca de informação entre os agricultores, os próprios agricultores, aí quando um fazia um determinado experimento na área e dava certo, era automaticamente repassado para todo mundo, então cada um buscava essas informações entre aqueles agricultores e a gente via o que estava dando certo e ia investindo, então, eu costumo sempre comentar, a agricultura aqui na região, ela foi separada, eu costumo dizer, existe um período de pioneirismo e o período de desbravamento.

Almir Ficagna

Muitos produtores tiveram, eles próprios, que realizar o trabalho de catação de raiz nas áreas que estavam sendo abertas, pois a mão de obra era escassa e o recurso financeiro pouco.



46. Leira de restos de raiz e tocos no processo de abertura de áreas para o plantio, 2021.

O maquinário trazido pelos produtores de suas regiões de origem não tinha qualquer especificação para o trabalho no cerrado, ou ainda, muitos produtores também não tinham o recurso apropriado para poderem adquirir uma máquina que fosse mais eficiente, então muitas modificações e adaptações foram feitas nestes maquinários para que pudessem trabalhar. Uma plantadeira da época plantava por dia até 10 ha, hoje as máquinas estão preparadas para plantar 300 vezes, 400 ha, isso foi um incremento tecnológico de 40 vezes. Alguns dos modelos de máquinas trazidas foram: CBT ano 1974, Ford 6610 ano 1987.



47. Máquina agrícola usada antigamente na agricultura da região oeste da Bahia.









48. Máquinas agrícolas usadas na agricultura da região oeste da Bahia. Fotos tiradas na exposição de máquinas antigas ocorrida na Bahia Farm Show de 2023.

O meu primeiro trator era um de 4 cilindros, sem ser traçado, uma plantadeira arcaica que hoje não se usa nem para plantar capim, muito menos para plantar a lavoura. Para formar a área os equipamentos eram totalmente limitados, então a dificuldade era muito grande, mas um orgulho que tenho é que o meu primeiro trator que eu comprei, ele roda aqui dentro dessa propriedade até hoje.

Ildo Rambo



49. Ildo Rambo em sua propriedade rural contemplando seu primeiro trator.

A mão de obra especializada para máquinas também não existia, a maioria dos produtores acabava por trazer pessoas de suas próprias regiões para poder trabalhar nas fazendas. Mas isso também se tornou um problema, pois as pessoas estavam acostumadas com outro estilo e modo de vida. Em suas terras natal tinham o acesso à cidade, a uma vida social e aqui passavam às vezes 90 dias na fazenda sem contato com outras pessoas. Então muitas pessoas trazidas para o suporte na fazenda voltaram, não conseguiram se adaptar.

Júlio Busato conta que com essa dificuldade eles começaram a contratar as pessoas da região e essas não se importavam com a vida regrada de acesso à cidade, e mais, elas eram muito dedicadas ao trabalho, faziam de tudo e tinham muito interesse em aprender coisas novas. Ele contou ainda uma passagem interessante, em que pensou em dar oportunidade às pessoas nativas que estavam junto com ele na fazenda, então ele iria treinar sua primeira equipe de operadores de máquinas. Entregou para todos o manual do trator e disse, “você não ler e na semana que vem nós vamos tirar dúvidas”. Mas para sua grande surpresa no dia de tirar as dúvidas ninguém falou nada, até que um disse que eles não sabiam ler.

Júlio, a gente não sabe ler! Aí eu disse, não tem problema, essa semana eu vou ler para vocês e na semana que vem a gente tira as dúvidas! E assim a coisa começou. Renato, inclusive, alfabetizou uns lá assim, nós montamos a primeira equipe. Olha, eu acho, a melhor equipe que eu já tive, porque eles tinham, uma dedicação, uma vontade de crescer e ganhar uma oportunidade e aproveitar, porque melhorou o nível deles e também da família.

Júlio Busato

E da mesma forma foi com muitos produtores, a dificuldade de mão de obra era tamanha que se eles próprios não tivessem tido a atitude de formadores não teriam ninguém para trabalhar no campo.

Então, o meu primeiro funcionário, eu meio que lachei e fui prepará-lo. Ele mal sabia dirigir um trator, mas fiz dele um operador e fiz dele um amigo que eu conheço e tenho como uma pessoa próxima até hoje, porque foi ele quem dormiu debaixo de lona preta comigo, que foi a primeira casa na fazenda. A parte de operação, ele e eu fazíamos todo o trabalho, nós trabalhamos assim durante 5 safras, só com uma pessoa qualificada da parte de operação de máquina e os demais

eram braçais que também tinham conhecimento de catar raiz, mas o resto tudo foi construído e o pessoal preparado, mas muito, muito limitado até por causa da logística, porque para ir pra fazenda era uma verdadeira maratona, era muito complicado porque não tinha acesso, não tinha de jeito nenhum.

Ildo Rambo



50. Vista aérea da propriedade rural de Ildo Rambo, 2021.

Mas o que a maioria dos produtores sentia falta no início era de uma tecnologia apropriada para a região. Um bom exemplo de dedicação à agricultura e ao empreendedorismo agrícola foram as modificações realizadas em um pulverizador da família Pradella. A adaptação feita desde 2005 conta com uma barra de aplicação de 60m, o que facilita o manejo em suas áreas que estão sob sistema de plantio direto, por exemplo, a cada 60m você evita de ter uma linha de passada, considerando uma barra normal de aplicação de 30m. Outra modificação está no próprio consumo de combustível, que fica em média 30% a menos do que qualquer outro pulverizador.



51. Odir Pradella com a máquina de pulverização inventada pela família

Superado o período de abertura de área, outro dilema foi conhecer por completo o comportamento dos solos. Já havia informação da Embrapa de que os solos da região eram de baixíssima fertilidade, em sua maioria arenosos e contendo elevados teores de alumínio, mas a pergunta era como trabalhar adequadamente os solos para ter sucesso na produtividade.

Uma análise de solo hoje é um simples processo, e se tem à mão vários laboratórios disponíveis, mas antes era um trabalho complicado e demorado, pois talvez o laboratório mais próximo estivesse a uns 700 km de distância de estrada de terra, sem falar no tempo de espera para o resultado. Muita pesquisa foi desenvolvida no cerrado para compreender a dinâmica do manejo dos solos do oeste baiano.



52. Solo da região oeste da Bahia, proximidade de Luís Eduardo Magalhães, 1990.



53. Solo da região oeste da Bahia, Fazenda Escola do Distrito Irrigado Nupeba, 2023.

Em solos de baixa fertilidade a necessidade de aplicação de insumos de qualidade e quantidade adequadas são primordiais, então os produtores enfrentaram outro desafio, que foi de quem comprar e de onde trazer, pois a região não contava com estradas de asfalto, ou melhor dizendo, poucas eram as estradas em que se poderiam transitar. Então a tecnologia de recomendação de adição do calcário ao solo, na época um manejo

simples, disponível às regiões Sul e Sudeste com muita facilidade, no oeste era muito oneroso e por vezes impraticável por não haver acesso de estradas às rodovias. A indisponibilidade de estradas foi sendo resolvida ao longo dos anos, e hoje a região conta com o atendimento imediato a qualquer necessidade de insumos nas fazendas pelo uso da BR 242.

Em solos do cerrado, de baixa fertilidade e em processo de abertura de área, a melhor opção de implantação de cultura foi o arroz. Todos os produtores iniciavam com o plantio de arroz, as variedades mais plantadas foram Araguaia, Rio Paranaíba, Guarani, Caiapó, Carajás, Canastra, Primavera e Maravilha.

O arroz é uma cultura de boa tolerância a solos ácidos e pouco exigente em insumos, por estes fatores é que teve destaque como pioneira no processo de ocupação agrícola. Mesmo assim, a produtividade não era garantida, pois a restrição de água muitas vezes limitou o desenvolvimento da cultura, o que fez muitos produtores desistirem e voltarem para suas regiões de origem.



54. Panorâmica aérea de uma propriedade rural no oeste da Bahia.

Informações dadas pelos entrevistados revelaram valores de produtividade entre 4 a 70 sacos/ha obtidos na época de 1975 a 2005, período de maior movimento de colonização. Uma produtividade considerada baixa e de risco ficava em média de 15 sacos/ha, por isso produtores que colheram 4 sacos/ha tiveram muito prejuízo e alguns não se recuperaram, outros que chegaram ao limite de 70 sacos/ha tiveram um bom rendimento e investiram em mais terra.



55. Trilhadeira de cereais usada na agricultura da região oeste da Bahia.

Além da limitação de água na região, ocorrida em alguns anos a partir de 1970, os produtores ao longo do tempo foram tendo também que se preocupar com doenças de plantas, que causavam grande queda na produtividade, como Brusone. Então muitos produtores, a partir de 2000, fizeram a opção por implantar o primeiro cultivo com soja, sendo que a partir desta data as condições para a agricultura já estavam bem melhores, mais tecnologia à disposição e escoamento da produção por estradas.

O trabalho na lavoura iniciava com o plantio de arroz no primeiro ano e na sequência outras culturas eram implantadas. As commodities agrícolas, algodão, soja e milho, são hoje as culturas mais significativas economicamente para a região.



56. Panorâmica do conjunto de silo e galpões da propriedade rural de Beatriz Casali, 2021.

As variedades antes plantadas, na década de 1970, foram ao longo dos anos sendo melhoradas e hoje as plantas expressam um enorme potencial produtivo. O mercado mundial da soja em 70 foi impulsionado pela demanda proteica, entretanto, as variedades aqui plantadas eram dos EUA e não tinham adaptação para região de baixa latitude, como no cerrado. A baixa produtividade estava ligada à indução floral, que é determinada pelo comprimento do dia, como no cerrado, se tem dias muito longos a soja não tinha a capacidade de ter a indução floral, e obviamente, com menor produção de flores, menores eram as produtividades. A soja de 70-80 produzia em sua melhor condição 20 sacos/ha, e hoje, em 2024, têm-se cultivares que produzem em média 80 sacos/ha.

A busca por tecnologia é uma coisa que está no DNA de qualquer agricultor e naquela época por mais que a gente comenta, hoje produziu vinte sacos, produziu vinte cinco sacos por hectare, só que o custo era muito mais baixo, então mesmo com essas baixas produtividades, era viável plantar soja.

Almir Ficagna

Algumas das variedades que estiveram presentes na região foram: Tropical, a Doko, Paranagoiana, Cristalina e as FT 103, 104 e Bahia. Então muita tecnologia foi desenvolvida e aplicada para se obterem materiais específicos para o cerrado baiano.

Aqueles primeiros anos como era a base, aquela variedade Tropical, mas logo em seguida começou se trazer outras cultivares, que basicamente eram cultivares da Embrapa. A Embrapa fez um trabalho muito bom em Brasília, então essas tecnologias foram trazidas aqui para a região, vários agricultores começaram a buscar novas variedades, novas coisas para produzir. Eu acredito que em oitenta e quatro para oitenta e cinco apareceu a Doko que foi outra variedade, começamos a produzir trinta, trinta e cinco sacas, aí depois apareceu a Cristalina que foi uma variedade que realmente encheu os olhos dos agricultores e a gente plantou ela durante muitos anos, foi uma variedade que ficou muitos anos na região pela alta produtividade que ela entregava naquela época, quarenta e cinco até cinquenta sacas por hectares.

Almir Ficagna

Primeiro ano plantei Tropical, na época só tinha ela, depois de uns 3 anos veio a Doko, mais 2 anos depois veio a Paranagoiana, depois veio FT 103-104. FT Bahia já vem no ano de 90... 89-90 que veio essa famosa FT Bahia. E onde essas variedades acabaram perdendo espaço por causa do cancro da haste. Acho que foi no ano de 93 e 94, começou a surgir o cancro da haste, foi mais ou menos. Então, aí essas variedades acabaram perdendo espaço, não tinha a tecnologia para o cancro da haste.

Jorge Koyama

Um bom exemplo de que a pesquisa de ponta está atuante na região é quando fazemos um comparativo do ciclo que a soja sem adaptação tinha com a que foi desenvolvida especificamente para atender às necessidades regionais. O ciclo passou de 150 dias para a colheita para 90 dias, isso é uma antecipação necessária, uma adaptação ao período de chuva da região. Com essa precocidade da soja há até a possibilidade de uma safrinha, seja de milho, sorgo ou uma planta de cobertura para dar melhor proteção e condição biológica ao solo para a safra subsequente. Outras características de importância da soja produzida ali são quanto aos teores de óleo e proteína, eles são superiores aos de outras regiões, isso porque o período de luz e a intensidade de luminosidade ali são as maiores de todo o país.

Hoje a região conta com empresas produtoras de sementes de soja e outras, o que garante ao produtor maior qualidade da cultivar que vai para o campo, expressa pelo seu poder genético de alta produtividade. As sementeiras, como são chamadas as empresas, têm grande responsabilidade no fornecimento de um produto de qualidade e por isso também investem em tecnologia e inovação para a obtenção de um produto de excelência.

Antigamente podíamos falar que uma semente apresentava baixa germinação e vigor, hoje é inadmissível uma semente com germinação abaixo de 90% e vigor abaixo de 80%, por isso as empresas estão preocupadas não só com sua viabilidade, mas também com a sustentabilidade da agricultura, garantindo a produção de alimento para o futuro. Devido à globalização da inovação e muito desenvolvimento para a agricultura, hoje a região tem em média à disposição do agricultor mais de 40 cultivares de soja, que podem ser utilizadas com garantia genética produtiva. Hoje algumas dessas cultivares vêm de empresas como: Brasmax, Genética Soy, Golden Harvest, HO Genética, Monsoy, Bayer, Soytech e TMG. A grande variedade de cultivares e o número de empresas mostram o quanto a agricultura na região se tornou importante e o quanto de desenvolvimento tecnológico se tem à disposição, comparado a 1970.

Além da soja, outras culturas começaram a ser plantadas na região, o algodão, café, milho, sorgo, sendo as últimas odisseias o sorgo, o trigo e a fruticultura, das quais falaremos mais adiante.



57. Plantação de sorgo na região dos Gerais, 2023.

O algodão já existia no oeste, uma cultura ainda sem as dimensões dos dias de hoje, sem a utilização de tecnologias na lavoura, com uma colheita toda manual e um algodão de fibras longas, em que se aventuravam alguns produtores como Luiz Antônio Cansanção, a empresa Agronol e Anésio Ferreira, da região do Rosário. Em Guanambi, havia mais de 300 mil hectares de algodão de fibra longa que era colhido à mão. Historicamente, o algodão plantado na região e colhido à mão era processado na algodoeira São Miguel, pela indústria Linhas Corrente. O algodão era levado em barcaças, pelo rio, até alcançar o São Francisco e chegar em Petrolina.



58. Cultura do algodão em 1985.



59. Cultura do algodão em 2023.

Mas, como o algodão chegou até o oeste da Bahia? A história mostra que por volta de 1980, devido à crise nacional na cotonicultura, ocasionada pela entrada de uma praga, o bicudo-do-algodoeiro, muitas plantações foram dizimadas e muitos produtores ficaram sem financiamentos ou crédito. Na década seguinte, outra crise arrasou com os produtores, houve a redução das alíquotas de importação, as tarifas alfandegárias caíram de 55% para zero. Além disso, sempre houve grande concorrência com a fibra estrangeira, que se apresentava de melhor qualidade. Estas crises obrigaram muitos dos produtores a buscarem terras mais baratas, pois as taxas de juros eram exorbitantes e os prazos para pagamento de créditos agrícolas reduzidos, então foi quando visualizaram a oportunidade de se fixarem no oeste da Bahia.



60. Paulo Schmidt em sua plantação de algodão.

Por volta de 1994, Luiz Antônio Cansanção, gerente da empresa Agronol, em meio a uma greve dos funcionários da empresa, se arriscou a buscar novas oportunidades para melhorar a produção do algodão na região. Ele partiu para Itumbiara-Minas Gerais, onde havia grandes plantações, completamente sistematizadas e mecanizadas, e adquiriu duas máquinas usadas da John Deere, que colhia duas linhas. Precisamos neste momento esclarecer detalhes técnicos. As máquinas eram velhas e não eram adequadas para a

colheita de algodão de fibra longa, o que se plantava na região. Algumas tentativas de regulagem foram executadas, mas sem sucesso, quase 50% era perdido. Mas, o que estava ali em questão era também a tentativa de minimizar os atos de greve que os funcionários faziam. Então as máquinas foram postas no pátio e Luiz Antônio Cansanção, o gerente, colocou uma faixa em cima das máquinas, “acaba greve”, e na época fez uma contra oferta de pagamento aos funcionários, que pagaria R\$2,00 a arroba colhida à mão, sendo R\$0,50 a mais do que era realizado na época. A oferta veio da seguinte forma, ou eles aceitavam a proposta ou Luiz Antônio Cansanção colocaria as máquinas para colher o algodão. Os ânimos então se acalmaram e a colheita continuou a ser manual.



61. Máquinas trabalhando no campo no processo de prensagem do algodão, 2021.

Luiz Antônio Cansanção, sendo um excelente agrônomo e visionário, ao observar a perspectiva do algodão no Brasil, percebeu a oportunidade de trazer outras variedades de algodão para a região. Em 1994, em conversa com seu amigo Celito Breda, anunciou que faria uma importação de uma variedade de Israel e faria o plantio em sistema de sequeiro, mas as sementes ficaram presas na alfândega durante 6 meses.

Quando a semente chegou ele plantou 10 hectares e pediu que eu acompanhasse, em 94, plantou em janeiro, a variedade era a "Veredi". Ele falou assim para mim "se eu plantar esse algodão em janeiro e der certo, imagina a hora que plantar em novembro" já botou assim na prova da janela mesmo. E aí plantou em janeiro, eu acompanhei o algodão lá, deu mais de 100 arrobas, nossa, foi um sucesso.

Celito Breda



62. Avaliação de plantas de algodão, 1994.

O plantio de algodão de forma mais tecnicada no cerrado baiano iniciou na década de 90, mais precisamente por volta de 1995, com áreas que não ultrapassavam 50 ha, mas o resultado foi tão promissor que em 1998 já possuía oito mil ha plantados.

Quando nós começamos a incentivar o algodão sequeiro, isso em 95, o Luiz Antônio, o que ele fez? Ele me deu uma relação dos produtores que já estavam começando com outras variedades no Brasil, que

eram de fibra curta, ele não sabia, mas falou "ó, eu sei quem planta, eu não vou lá, vai você" Ai peguei o Pedro Goiânia e o Marcos Griner num carro que eu tinha comprado do Luiz Antônio Cansanção, um Santana Bordeaux, e fomos olhar o algodão no Brasil inteiro, no cerrado, fomos até São Paulo, Norte de Minas, Mato Grosso.

Celito Breda



63. Visita técnica no campo de algodão, 1995.

Um fato interessante que ocorreu na época foi que alguns produtores do Paraná, vendo o desempenho dos baianos que já estavam aprimorando as técnicas para a cultura do algodão, tendo adquirido experiência e expertise tecnológica, chamaram estes para plantar algodão no estado. Foi com esta exportação de know how tecnológico que os paranaenses introduziram o algodão em áreas do Paraná. Eram áreas marginais, com menos volume de chuva, pois achavam que o algodão, por ser mais tolerante à seca, poderia dar certo nessas regiões. Um baiano que foi para o Paraná foi o seu Miguel de Carvalho, que plantava depois de Roda Velha.

A melhoria do algodão para se obterem fibras curtas e mais resistentes foi fantástica, e aliada também ao fator de produtividade, a cultura foi cada vez mais ganhando destaque na região. O principal incentivo para a cultura do algodão de fibra curta foi dado pela empresa Círculo Verde e o agrônomo Luiz Antônio Cansanção, esta variedade apresenta melhor produtividade e também a possibilidade da realização de uma colheita mecanizada. Com o pacote tecnológico pronto, trazido de outras regiões do Brasil, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Norte de Minas, São Paulo, foi realizado o incentivo aos produtores que estavam ali no oeste. Então, outros produtores também saíram na vanguarda com o cultivo do algodão, como Luiz Carlos Fernandes, próximo a Santa Maria da Vitória, os Franciosi, João Carlos Jacobsen, Ricardo Garcia Leal, Luiz Ricardi e Anésio Ferreira. Pouco depois desses primeiros produtores, também começaram a cultivar algodão Dionísio Zanotto, Marcelino Flores, Paulo Misote, Raul Botelho, Sergio Satto, Ademar Marçal, os Schmidt, os Kappes e outros. Anésio Ferreira, um dos entusiastas da cultura do algodão de fibra longa, só passou a plantar o tipo de fibra curta a partir de 1999.



64. Demonstração da cultivar de algodão de fibra curta em dia de campo em 1999.

A abertura dos 3 mil ha da fazenda Busato 1 foi realizada com o plantio de soja, mas como o algodão se tornou promissor, rapidamente o produtor passou a cultivar algodão em toda sua área, onde hoje conta com aproximadamente 17 pivôs que dão o fornecimento de água para as lavouras.

Quando Dionizio Zanotto chegou a Barreiras iniciou como todos, implantou o arroz, mas logo diversificou com milho, soja e pecuária. Em pouco tempo, com sua visão empreendedora, percebeu que a cultura do algodão era promissora para a região, então, em uma visita à fazenda do amigo Marcelino Flores, voltou convencido de que plantar algodão era a melhor opção e logo iniciou com 100 ha. Vendo o vantajoso retorno, apesar das dificuldades de não ter máquina para colher e nem beneficiar, aumentava todos os anos a área plantada com a cultura.



65. Visita técnica no campo de algodão na propriedade rural de Paulo Schmidt, 1997.

A cultura foi promissora e muita tecnologia em melhoramento de planta para aumento da produtividade foi realizada para chegar ao que se tem hoje, que é a produção de uma das melhores fibras, mundialmente reconhecida. A produtividade aumentou em média quatro vezes ao longo de 25 anos, saindo de 843 kg/ha para 4.236 kg/ha. Algumas das cultivares plantadas quando o algodão chegou no oeste da Bahia foram: IAC 20, IAC 22, Deltapine Acala 90, CNPA ITA 90, DELTA OPAL.

Daí nós trouxemos o IAC-20 que o Tadashi plantava, o IAC-22 que era um lançamento lá em 1995, e o Maeda nos recomendou plantar o Acala-90 que o Olacyr de Moraes trouxe de forma pirateada dos Estados Unidos. Uma variedade americana chamada Acala-90 de fibra curta, altamente produtiva, a produtividade do Acala -90 era tipo 150-180 arrobas e o IAC-20, 22, 100, 120 arrobas. E começou a dar muito problema de doença, tipo uma antracnose que dava no IAC, que o Acala-90 não dava esse problema. O Acala-90 começou a dar doença azul-virose, então também teve problemas que daí nós tivemos que trazer o Delta-Opal para cá, que veio da Austrália que era resistente à doença azul. O Dr. Eleusio Curvello Freire, junto com Olacyr de Moraes, transformou o Acala-90 em um melhoramento de seleção de melhores plantas, resultando no ITA-90. O ITA-90 é apenas uma seleção de plantas do Acala-90, que foi a variedade mais plantada até hoje no Brasil. Foi o Dr. Eleusio, um melhorista, quem fez a seleção dentro do Acala-90. Esse trabalho revolucionou o cerrado, e o grande pioneiro do cerrado foi Olacyr de Moraes, junto com o Dr. Eleusio.

Celito Breda

Mais problemático do que o bicudo ali na região oeste da Bahia, os produtores têm a praga “*Spodoptera frugiperda*”, uma lagarta. O controle é mais caro e eleva o custo

de produção, e se não for feito adequadamente causa grandes prejuízos. Entre outras pragas importantes que necessitam de um controle eficaz, está o ataque por pulgões.

Celito Breda destacou o dinamismo e a organização dos produtores na implementação do programa de manejo regional do bicudo no oeste da Bahia. Inspirado pela prática australiana de manejo regional de pragas, onde agricultores se reuniam em locais simples para discutir e anotar práticas de plantio que se transformavam em documentos oficiais, ele trouxe essa ideia para o Brasil em 2001. No oeste da Bahia, os agricultores adotaram o mesmo modelo, reunindo-se para compartilhar conhecimentos e coordenar ações de manejo, garantindo que todos adotassem práticas eficazes contra o bicudo. Isso levou à criação do programa Fitossanitário do Algodão na Bahia em 2005, inspirado na organização australiana, que resultou em produtividades mais estáveis, o programa minimizou o custo e risco.

A família Busato chegou ao oeste determinada para produzir soja, milho e feijão, e com o tempo buscou alternativas para melhorar seus rendimentos e o algodão foi a cultura escolhida. Hoje possui uma beneficiadora própria para o algodão em São Desidério, onde também tem uma propriedade, mas suas atividades também se expandiram para Serra do Ramalho e Jaborandi.



66. Algodão em estágio de botões florais e floração.

Vários produtores de algodão do oeste possuem suas beneficiadoras, pois não basta somente a tecnologia no campo para se produzir um bom algodão, a indústria de beneficiamento faz toda a diferença na obtenção do produto final para a comercialização. No início da atividade, nos anos 90, os produtores enfrentaram grandes dificuldades nesse sentido, pois como eram poucas beneficiadoras, por vezes o produto tomava chuva ou a própria tecnologia da beneficiadora fazia com que o produto final fosse de baixa qualidade. Hoje, com a seriedade e responsabilidade com que as beneficiadoras dos produtores trabalham, conseguem entregar um produto de qualidade suprema.

Nossa beneficiadora presta serviço para muitos produtores e o que nos preserva o beneficiamento é a seriedade, a honestidade e a qualidade da usina. Hoje em dia a entrega do caroço na nossa usina, todo mundo fala "o melhor caroço, pega na usina do Zanotto que não tem problema de impureza e de nada de impureza", problema de caroço nunca tivemos, desde a pluma a entrega da coisa, a seriedade da entrega e a qualidade... Que nós preservamos de tudo que

inclusive nossa algodoeira hoje, nós temos uma algodoeira certificada e a nossa fazenda é certificada também e nosso algodão é todo certificado.

Dionizio Zanotto



67. Amostras de algodão no processo de seleção e identificação da qualidade da fibra.

Basicamente o micronair melhorou um pouco, ficou uma fibra um pouco mais resistente, o micromair mais ajustado, o comprimento não melhorou tanto, a Austrália avançou mais no comprimento. Nós aqui no Brasil não avançamos tanto em comprimento de fibra, dessas fibras curtas, mas com um milímetro, dois milímetros a mais, a Austrália conseguiu em torno de seis, cinco ou seis milímetros a mais é uma fibra longa, não é extra longa como se plantava no começo aqui, mas consegue já uma fibra longa que também tem um mercado que não é igual ao mercado de fibra longa, algodão egípcio, algodão do Peru de fibra longa, mas é um mercado muito próximo desse daí. E o fio é mais fino, só que resistente, então nós evoluímos assim para ter mais resistência.

Celito Breda

O Brasil era o segundo maior importador de algodão do mundo nos anos 80 e 90, só perdia para a China, e hoje é o segundo maior exportador. Tivemos muitos materiais que vinham dos Estados Unidos, da Austrália, mas hoje o Brasil tem uma base genética muito forte, o que faz com que as cultivares usadas aqui sejam genuinamente brasileiras.

O desenvolvimento de novas cultivares acompanhava a necessidade dos produtores neste período de colonização do oeste. No campo da tecnologia de máquinas tudo caminhava bem, então não podíamos deixar de falar das inovações tecnológicas voltadas para a terra, ou melhor dizendo, o solo, parte central da agricultura. Todos sabem da importância que esta estrutura formada por partículas minerais e orgânicas exerce no sistema produtivo agrícola, então o cuidado e o manejo adequado são primordiais para o sucesso.



68. Beatriz Casali demonstrando a qualidade do solo com a manutenção da palhada.

Inicialmente, os modelos de manejo de solo trazidos para a região foram modelos que os colonizadores conheciam e já desenvolviam nos seus locais de origem. Entretanto, o cerrado era diferenciado e nem tudo que se aplicava nas regiões Sul, Sudeste ou Centro-Oeste dava um resultado favorável para o local, então a transferência de tecnologia foi necessária, fazendo-se as adaptações devidas.

O primeiro confronto com a tecnologia local, preparo de solo superficial. Pessoal usava grade intermediária 15 cm de profundidade, daí ficava um excesso de calcário superficial, a raiz se concentrava ali, deficiências de micronutrientes total e a raiz não ia profunda. Esse foi um dos primeiros casos, o outro é a fertilização com micronutrientes começou com zinco, hoje usa cobre, molibdênio, na época só se usava zinco e isso aí foi um problema que lá no Mato Grosso, por exemplo, as terras melhores aguentam mais desaforo, aqui na Bahia, não. Então, foi um dos problemas sérios de preparo do solo superficial. Daí se começou a fazer um trabalho de perfil, passaram de incorporar calcário aproximadamente a 30 cm de profundidade, usar gesso, fazer cobertura de potássio. Se começou a adubar, porque nós adubávamos muito pouco também. E tinha muitas dúvidas, como a região é desacreditada, houve muitos guerreiros que tombaram e outros venceram. Então, houve muita tentativa e acerto e erro. E hoje a região está bem dominada na parte física, a parte química do solo, a física nós estamos apoiando ainda e a biológica é incipiente ainda.

José Cláudio Oliveira

Uma tecnologia de manejo que foi muito bem vinda para a região foi o sistema de plantio direto. Este manejo foi desenvolvido por volta de 1950 na Inglaterra e chegou ao Brasil em 1972, em Rolândia no Paraná, através do produtor Herbert Bartz. Após adaptação às condições tropicais, o plantio direto foi difundido para todo o Brasil. Hoje, praticamente, ali no oeste da Bahia quem planta soja adotou em sua cartilha este sistema.

Este manejo consolida a conservação do solo e auxilia no incremento da produtividade, pois a semeadura é feita no solo não revolvido, ou seja, sem aração ou gradagem, e máquinas especiais desenvolvidas para o sistema são utilizadas pelos agricultores.



69. Semeadora moderna usada no sistema de plantio direto na propriedade Pradella, 2022.

Em Passo Fundo, 1984, os alunos do curso de agronomia do professor Delvino Nolla, dentre eles Celito Breda, já ouviam que a região oeste da Bahia, nova fronteira agrícola, só seria viável se ali fosse feito um bom perfil de solo, com bastante palhada e que houvesse um manejo de integração lavoura-pecuária.

Então o ainda estudante, Celito Breda, saiu de Passo Fundo em busca dos seus ideais. Primeiro foi aprender como manejar o plantio direto, fazer uma cultura mais sustentável, com palhada, com preservação e que não degradasse esses solos. Meta cumprida, em 1988, agora o agrônomo Celito chegava ao oeste baiano para aplicar os conhecimentos adquiridos durante sua universidade e também no oeste do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, sobre o plantio direto. Logo no início já foi tratando de colocar máquinas com tecnologia apropriada para iniciar o novo manejo, e para isso teve que fazer adaptações em plantadeiras. A primeira adaptação foi em uma Imasa com algumas peças

da Fankhauser. Na época, com a ajuda de seus amigos pesquisadores da Embrapa Cerrados, foi possível plantar feijão. Mas todo seu conhecimento ainda era baseado em uma agricultura que era realizada no Sul, então, vendo isso partiu para a Embrapa Cerrados para fazer um curso que lhe desse habilidade para trabalhar com o cerrado. Aprendeu a manejar soja, milho e algodão para a região e não parou mais.

Há 34 anos atrás eu vim para cá, trabalhei 3 anos em fazendas peguei uma experiência boa, fiz um curso na Embrapa, e até dos 20 alunos, eu fui o escolhido como o orador oficial do nosso curso, eu não tinha preparo para falar em público, passei um aperto.

Celito Breda

No início, por falta de maquinário adequado, o plantio direto não foi propriamente o sistema, pois os produtores ainda precisavam se adaptar à região, então chegavam a plantar apenas sobre o cultivo anteriormente realizado, evitando mexer na terra. Alguns fizeram isso por 4 anos, até que conseguiram observar as características climáticas para enfim colocar uma planta de cobertura. Hoje muitos fazem o seguinte rodízio, plantam dois anos com soja e no terceiro colocam milho com braquiária, para produzir biomassa.



70. Início da implantação do sistema de plantio direto, aqui após duas rotações de cultura, milho e soja em 1990.

Alguns produtores de soja na região oeste já contam com 35 anos de adoção do sistema. Na região de Coaceral, em 2001, Odir Pradella usava uma semeadora da Semeato, hoje ele conta com máquinas da mais alta tecnologia em sua propriedade para garantir a manutenção do sistema de plantio direto que já dura 23 anos.

Em levantamento realizado pela AIBA (2024), estima-se que cerca de 90% das áreas agricultáveis do oeste da Bahia utilizam o plantio direto .



71. Odir Pradella em campo de cultivo sob o sistema de plantio direto, 2021.

Por enquanto, não se tem ideia de mexer, independente de que mercado vai plantar, vai fazendo rodízio, né! Neste ano o milho está da metade para cá, o ano que vem vai estar da metade para lá, no outro ano vai estar nos 2 extremos e vai rodando, tem dado certo.

Odir Pradella

Eu lembro que em 89 quando eu tinha comprado uma plantadeira Tatu que tinha sistema de plantio direto, a John Deere... na época não era John Deere era SIC, a SIC não tinha sistema de plantio direto ainda, aí a Tatu tinha. Aí eu tinha comprado uma plantadeira Tatu, se não me engano foi em... aquela que eu comprei foi em 88-89. Eu comecei com 500 hectares.

Jorge Koyama

Então, para se chegar a todas essas tecnologias que estão sendo observadas ao longo do texto, muita pesquisa teve que ser realizada para melhorar as cultivares nos aspectos de produtividade, resistência a doenças, a seca, enfim, uma série de características agrônômicas. Para isso estiveram presentes pessoas e instituições que realizavam estas pesquisas. A Embrapa sempre esteve acompanhando o desenvolvimento do cerrado e dando apoio ao produtor por meio de parcerias.

Hoje nós temos uma tecnologia muito avançada em todo o agro, em todo o agro desde a preparação do solo, perfil de solo, a forma que você tem que fazer todo esse preparo, como você conduzir a formação de uma matéria orgânica para daí entrar com a lavoura mais apropriada no caso a soja para ter já altas produtividades no primeiro ano de plantio.

Ildo Rambo



72. Ildo Rambo em sua propriedade rural no galpão de máquinas agrícolas, 2021.

Os agrônomos e técnicos que prestavam serviços na região ainda sentiam que precisavam de maiores investimentos em pesquisa, pois ainda tinham muitos problemas fitossanitários e de adaptação das variedades não solucionados e que eram específicos da região. As variedades usadas ainda sofriam com veranicos, nematóides ou outras doenças. A exemplo da soja, a Cristalina foi muito usada até 96, mas ela era suscetível ao cancro da haste e quando a doença chegou até os campos do oeste dizimou várias plantações, e onde poderiam colher 40 sacos foram colhidos 10.

Então, surgiu a ideia de criar uma empresa que fizesse a pesquisa regional, e foi neste momento que, em 1995, nasceu a ideia da criação de uma fundação de pesquisa. Assim, em 97 com o apoio da Fundação Mato Grosso, da Embrapa, Marizete Zution, Ademar Marçal e muitas outras pessoas, a Fundação Bahia nasceu com o intuito de desenvolver pesquisa agrícola para a região.

O próprio Antônio Guadagnin, que foi o agrônomo pioneiro aqui do Oeste da Bahia, nos incentivou a fazer muito esse trabalho de pesquisa aqui.

Celito Breda

O trabalho de pesquisa, ao longo do tempo, tomou mais corpo com as empresas privadas que vieram e foram criadas na região, não apenas para prestar consultoria agropecuária e realizar o projeto para o financiamento no banco, mas também realizar uma pesquisa científica estruturada para se obterem melhores resultados para o oeste. A Círculo Verde é um exemplo disso. Criada em 1992, ela foi estruturada para os produtores, que recebiam dos consultores visitas semanais, oferecendo a eles um trabalho diferenciado.



73. Evento de comemoração dos 30 anos de fundação da empresa Círculo Verde, 2022.

Acho que o grande acelerador do processo foi quando nós conseguimos nos unir e ter as associações, principalmente Aiba, a primeira associação Aiba foi criada em 90, eu fui um sócio fundador, inclusive daí e fui buscar mais gente para dar suporte tecnológico. Então, a partir das associações, nós começamos a nos organizar melhor, ter mais acesso à Embrapa. Universidades, eu acho que um grande problema que o Brasil tem é que as universidades não participam do processo de produção de indústria, tomara que corrijam no futuro, mas assim, pessoas, pesquisadores de universidade que nós trazíamos de uma forma e aí vinham nos ensinar e cada vez nós estamos montando essa tecnologia e hoje, simplesmente a Bahia tem a maior produção de algodão, algodão não irrigado do mundo a maior produtividade, de soja e de milho do Brasil, quer dizer que alguma coisa deu certo nessa confusão toda. E aí, vamos avançando nesse processo e chegamos onde chegamos hoje.

Júlio Busato



74. Cristine em visita ao campo de algodão durante as entrevistas do Epopéia do Agro, 2021.

Por que o Oeste da Bahia não tinha a riqueza e pujança que tem hoje? Quem faz a diferença? Mudou o clima de 30-40 anos para cá, não! São as pessoas que fazem a diferença. Então, a parte institucional ela organiza as pessoas para ter energia para focar em resolver um problema, como foi o caso da ferrugem, caso da helicoverpa, o caso do cancro da haste, o caso de variedades para serem mais produtivas adaptadas para nossa região, essa é a parte institucional, de pesquisa, de treinamentos.

Celito Breda



75. Celito Breda mostrando a sanidade da planta de soja, 2021.

Por volta de 94 e 95 quando começaram os planos econômicos ali de vários governos, tinha plano econômico Bresser, o plano econômico do Sarney, plano econômico depois Collor foi vindo uma série de planos econômicos e a agricultura foi perdendo muito e o Oeste da Bahia se viu como uma região muito nova, numa situação muito complicada, mas muitos agricultores aguerridos e como nós também fomos que viemos em três irmãos para cá, conseguimos nos manter e ajudamos a desenvolver este Oeste da Bahia no inicial, quando não se tinha tecnologia, quando não se tinha muita logística, tinha muito pouco armazém para se depositar produção, não se conhecia direito o clima também que época seria melhor a época de plantar, porque às vezes chove em outubro, às vezes não chove em outubro, nas primeiras chuvas já se deve plantar como a gente plantava no Sul, não, aqui é diferente, tem que deixar passar as primeiras chuvas, como aprendemos agora, há poucos anos.

Moacir Hope



76. Moacir Hope, Hélio Busato e sua neta na 17ª Bahia Farm Show em 2022.

Entre as empresas genuinamente baianas, do oeste, uma que tem se dedicado desde a sua criação à pesquisa e desenvolvimento de novos produtos para uma agricultura mais sustentável e ambientalmente correta é a JCO. Fundada pelo agrônomo José Cláudio de Oliveira, migrante do Rio Grande do Sul em 1987, a empresa trabalha incansavelmente com o desenvolvimento de bioprodutos para a agricultura da região.



77. Vista aérea geral do complexo da empresa JCO em Barreiras, 2022.

Mas nem sempre foi assim, seu José Cláudio conta que teve, por várias vezes, que se defender a público, dizer que o desenvolvimento de seus produtos era para uma agricultura mais biológica, pois alguns achavam que era bioterrorismo.

Até tinha uma casa noturna que eu e os amigos frequentávamos, daí cheguei lá, ninguém estava dando bola para mim, chamei o garçom, disse, que está acontecendo aqui? "Senhor José Cláudio, saiu na televisão que o senhor é um bioterrorista. Rapaz, queriam incendiar minha fábrica. O que é ignorância, eu tive que comer o meu produto, esfregar no meu corpo para dizer que não fazia mal, mais de 70 pessoas querendo incendiar minha fábrica. Nós passamos horrores aqui.

José Cláudio Oliveira

Hoje os produtos biológicos têm se mostrado uma alternativa tecnológica para garantir a manutenção e a saúde do solo para as culturas. Esses produtos são materiais de base biológica para substituição de outros não renováveis ou que possam agredir o meio ambiente.



78. José Cláudio Oliveira em entrevista para o EPOPEIA do Agro, 2022.

Além de grandes commodities, a região tem sido promissora para a produção de frutas. A Codevasf vem trabalhando para incentivar a fruticultura irrigada desde 1978, mas na época a região ainda não mostrava aptidão para a área, então, apenas a partir de 2000, com uma agricultura mais globalizada e inovações mais disponíveis, assim como também recurso humano para estar à frente de uma agricultura tão exigente e sensível, é que foi possível alavancar a fruticultura na região.



79. Fazenda de produção de banana, na região do distrito irrigado do Nupeba, 2021.

Nos primeiros momentos, a cultura principal foi o caju, naquela época, um pouco de limão também e aí, de fato, foi uma decepção. A cultura do caju não deu certo por uma série de razões técnicas e aí foi o grande desafio, porque os pioneiros sofreram bastante com essa realidade. Foi quando começou a vir a questão da banana, a fruta entrou forte, e cresceu. Hoje temos outras culturas como melancia, mamão, maracujá. O fato da gente estar no meio do Brasil o fator climático é diferente, apesar de termos diversas vantagens tivemos a dificuldade de não ter ainda um arsenal de pesquisa voltada para a fruticultura, foram algumas barreiras que a gente teve de dificuldade e por isso muitas pessoas desistiram.

Josiel Menezes

Um exemplo da dificuldade no início foi para as instalações dos bananais, pois o manejo recomendado não era adequado. O manejo preconizado vinha de São Paulo ou do Rio Grande do Norte, regiões que nada tinham a ver com as condições do oeste, então os técnicos orientavam a tirar todos os filhos da primeira coroa e deixar todos os filhos da segunda, manejo inviável para a região. Foi com muito esforço dos produtores que novas pesquisas começaram a ser desenvolvidas na região para adequar tecnologias e criar os próprios manejos. Hoje a tecnificação da bananicultura encontra-se tão elevada que os produtores já têm todo o processo de rastreabilidade, ou seja, controlam do plantio à fruta na gôndola do supermercado.



80. Plantação comercial de banana, com a tecnificação de cabos aéreos para o transporte da fruta até a packing house.

Mas a iniciativa dos fruticultores não para por aí, hoje tem muitos que vislumbram o futuro e executam para que ele seja real. Um exemplo disso é o trabalho de melhoria genética que muitos fazem, às vezes sozinhos e também com parcerias com instituições de pesquisa como a Embrapa.

Temos um projeto em desenvolvimento para devolver para a sociedade um bem, ele é embrionário, já tem 9 anos. A gente conseguiu identificar uma planta diferente no meio de tantas outras, "uma mutação genética boa", isolamos essa planta por seleção natural e a gente vem trabalhando com ela. Esse material graças a Deus, tem sido sucesso até agora e a gente está iniciando uma parceria junto com a Embrapa, e já estamos entrando com a proteção do material e vamos lançar se Deus quiser nos próximos anos uma nova cultivar de banana que vai se chamar "banana prata marinha", que vai nascer aqui na região isso é um legado da nossa região, um legado nosso, tô muito feliz, não com o coração estufado de orgulho, mas com o coração fragilizado de entender que isso foi uma coisa bacana e depois de 21 anos na região aqui, é como se a gente fosse coroado por papai do céu, algo que de fato não foi a gente que criou, mas a gente ajudou a desenvolver e tem possibilidade disso ajudar a fruticultura como um todo, em outras regiões.

Josiel Menezes



81. Drone da Schmidt Agrícola, utilizado para fruticultura da região oeste da Bahia.

Outro exemplo na fruticultura vem da família Schmidt, com a produção de banana e agora iniciando com o cacau. A fruta sempre foi produzida nas regiões Norte e Nordeste, em específico na zona da mata e regiões de clima ameno e chuvoso. O Brasil exportou 36 mil toneladas de chocolates e 48 mil toneladas de derivados do cacau, gerando U\$ 340 milhões de dólares (Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços - MDIC (Comexstat).

Devido à pesquisa e inovação, aliadas a processos de transferência de tecnologias, hoje o cacau já é uma realidade no oeste da Bahia, onde a produção é executada a pleno sol, utilizando sistemas de irrigação associados a árvores para quebra vento.



82. Produção de Cacau no Oeste da Bahia

Hoje o oeste da Bahia ainda está iniciando o processo produtivo do fruto e conta com uma área de 40 ha implantados na região de Barreiras. A estimativa para os próximos 5 anos, com o desenvolvimento de vários projetos em toda região, é que a área implantada chegue a 20 mil ha, contando com as regiões de Barra e Cocos, que já iniciaram seus trabalhos.

A planta do cacau tem a especificidade de floração durante o ano todo, contando com mais de 100 mil flores por planta. No entanto, para se ter um sistema produtivo eficiente, hoje, são necessários apenas 70 frutos por ano, o que significa uma média de produtividade de 200 arrobas/ano. As principais variedades cultivadas na região atualmente são PS319 e CCN51, sendo esta última uma variedade equatoriana, que apresenta porte mais ereto, o que facilita o manejo. O custo de produção atual está entre 60 a 100 mil reais/ha, sendo que no quarto ano a produção pode alcançar 250 arrobas/ha. Como a cultura se caracteriza por ser permanente ela pode ser conduzida durante até 30 anos.

Quem inicia hoje na cacauicultura na região oeste da Bahia sofre com a escassez de mão de obra, pois são necessárias em média 4 pessoas/ha, trabalhando o ano todo no pomar nas atividades de enxertia, poda e colheita. Este panorama nos faz lembrar o início da agricultura na região, quando também os recursos humanos eram escassos, levando-nos a concluir que a região, ainda nos dias de hoje, está passando por uma transformação em seu sistema produtivo agrícola, buscando alternâncias e inovando nas possibilidades de cultivo, o que traz alguns transtornos, mas muito mais possibilidades para a região, como empregos e uma economia consistente.

A indústria do cacau vem crescendo ao longo dos anos e novos produtos vêm surgindo por meio de inovações tecnológicas. Hoje alguns dos produtos disponíveis no mercado são: o mel do cacau, a polpa e suco, amêndoa para a fabricação do chocolate, a manteiga, o lico (uma pasta residual extraída da mucilagem), nibs (amêndoa fermentada e torrada), placeta ou cibira (farinha torrada) e a casca para ração animal, o que nos mostra um aproveitamento 100% do fruto e que contribui para uma agricultura sustentável.



83. Frutos de cacau, 2023.

Acho que a maior riqueza é o que conseguimos fazer e continuar fazendo. Em um congresso de algodão em 2006, fui ridicularizado por um colega que disse que nossas práticas de preparo de solo não eram sustentáveis. Ele perguntou quantos anos eu garantia a sustentabilidade da tecnologia, e respondi 13 anos, o que gerou risadas. Agora, posso garantir 32 anos e quero chegar a 50. Estamos comprometidos com a sustentabilidade, enfrentando desafios como compactação de solo e nematóides, e investindo em microrganismos e melhorias na infiltração do solo. Apesar das críticas sobre o impacto ambiental, muitos não apresentam alternativas. Estamos abertos a soluções práticas para tornar nossas práticas mais sustentáveis, tanto econômica quanto ambientalmente.

José Cláudio Oliveira

Aqui é uma região que é referência em tecnologia e inovação, é uma região hoje, que é exemplo para Bahia, para o Brasil, com produção e com produtividade. 30 anos atrás, não tinha água, não tinha energia, não tinha estrada, não tinha terra que fosse produtiva. Então, eu tiro o meu chapéu literalmente para esses bravos desbravadores, que sendo bem redundante aí que vieram aqui fazer dessa região Oeste o que ela é hoje.

Humberto Oliveira

Então assim, o Oeste da Bahia, por que tem fama assim de grandes resultados na soja, no milho e no algodão? Porque o Oeste da Bahia sempre foi muito dinâmico em buscar soluções, ah, outros estados tiveram problemas e demoraram mais para resolver.

Celito Breda



84. Edmarcos do SPRB em visita ao sistema de captação de água para irrigação da fazenda Rio de Janeiro, 2021.

Capítulo 12

Mulheres no Agro: Relatos que inspiram

Carminha Missio, Beatriz Casalli, Helena Schmidt, Isolete Rech Ficagna, Ivone Zanotto, Lídia Maria de Souza, Olivia Busato, Rosi Cerrato, aqui irão representar as mulheres do agro no oeste da Bahia. Elas são mais do que irmãs, tias, esposas ou mães, são mulheres empreendedoras, são a força da agricultura.

Muitas mulheres vieram para o oeste com seus pais, quando ainda eram crianças ou adolescentes, e ali cresceram, conheceram seus futuros esposos, outras já vieram casadas lá do Sul ou outra região do país, mas o importante é que permaneceram e constituíram família, estruturaram seus empreendimentos, fizeram acontecer no cerrado do oeste baiano.

Lembro-me ainda de algumas entrevistas, quando os cônjuges de algumas delas falaram: *“Como pude trazer minha mulher para este local, aqui não tinha nada, nem água encanada, eu a tirei do conforto, de perto da família, às vezes tinha a impressão de que ela iria embora”*. Mas, para nossa surpresa, quando as mulheres eram entrevistadas elas diziam: *“Foi tudo muito difícil sim, aqui faltava tudo, mas pela família faria tudo novamente, nunca desistiria”*. Então essa força e determinação ajudaram a família a vencer as adversidades, as dificuldades e tornar realidade o sonho de todos.



85. Isolete e Almir Ficagna em sua união em 1987.

Para contar um pouco da vida destas mulheres, iremos também contar sobre os vários locais onde elas estão, como a comunidade de Bela Vista, a região das Placas, da Coaceral, Novo Paraná, de Luís Eduardo Magalhães (Lem) e nas proximidades de Barreiras.

Começamos falando de uma região próxima a Lem, a comunidade de Bela Vista. Os Gerais, como era conhecida em 1971, ganhou o nome de Bela Vista por volta de 1980, depois de várias propostas sugeridas pelos moradores. A vila se estabeleceu depois de uma negociação de terras, quando o Sr. Constantino falou em ceder uma área para estruturar a vila e furar um poço, pois a água mais acessível ficava a 13 km, no rio de Pedras. Sem sucesso na perfuração do poço, as pessoas que estavam se estabelecendo por ali foram desanimando, pois uma vila sem água não seria possível. Então foi quando outros dois produtores, Sr. Celso Casali e Sr. Arnildo Ficagna, que já haviam adquirido terras no local, doaram 250 ha para lotear e fazer a vila e com o recurso da comercialização dos lotes fazer o poço. Dona Matilde, esposa do Sr. Celso Casali, e outras

mulheres fizeram então o apelo a Nossa Senhora dos Navegantes e com a contratação de uma empresa de Araçatuba - São Paulo, a Passarela, conseguiram perfurar o poço, com profundidade de 280 m e trazer água para a Bela Vista. Então com a comunidade Bela Vista consolidada as mulheres desta região começaram uma estreita relação com o local e passaram a escrever suas histórias. A comunidade passou a ter uma igreja em 1982, em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, e a santa tornou-se a padroeira da comunidade. Dona Matilde mandou vir do Rio Grande a imagem para colocar na capela para agradecer as bênçãos.

Tínhamos um grupo de jovens quando eu e o Almir namorávamos, e a gente se encontrava no sábado à noite uma vez por mês, o grupo de jovens para se divertir, fazer uma janta, até a gente fez a dança da fita.

Isolete Ficagna



86. Almir e Isolete Ficagna em entrevista à Epopeia do Agro

E os anos foram passando, e a gente foi tendo os filhos e na comunidade, as pessoas da comunidade que faziam tudo, professoras eram mães de alunos, aí depois vejo a nossa igreja que também eram pessoas das próprias famílias que faziam as coisas, que organizavam novenas de natal, que isso tem até hoje, a nossa igreja já tem quarenta anos aqui e tem essa coisa de religião e foi sempre as pessoas das famílias.

Isolete Ficagna



87. Isolete Ficagna em entrevista para o Epopeia do Agro, 2021.

Muitas mulheres fizeram a história da Bela Vista, trabalhando em suas propriedades, sendo cozinheiras, tratoristas, criando galinhas e porcos, cultivando horta. Trabalhavam e entendiam de economia, por vezes redigiam e datilografavam até os contratos dos projetos para a liberação dos financiamentos dos plantios pelo banco.

Forte e guerreira, Beatriz Casali traz na lembrança o ensinamento de seus avós, que diziam: vai, enfrenta, não tenha medo. Corre em suas veias o sangue daqueles pioneiros que também deixaram suas terras natal para desbravar um país cheio de promessa e esperança para poderem constituir suas famílias. Então, enfrentar uma fronteira agrícola dentro do seu próprio país não era diferente do desafio de seus antepassados, no oeste da Bahia ela chegou sem nada, apenas com a promessa de que a terra poderia ser produtiva. Beatriz e seu esposo, Carlos Casali, presenteados por seu sogro com 1000 ha de terras na região de Bela Vista, chegaram em 1981. Conseguiram plantar arroz nos primeiros 100 ha com o financiamento do Banco do Brasil, dado pelo gerente Pedro Guedes, e a aração foi feita com o implemento emprestado de seu vizinho.

Eu também tinha noite, assim das 6 da tarde até meia-noite eu ficava gradeando a terra para no outro dia Carlinhos ter terra para plantar, porque senão não dava.

Beatriz Casali



88. Beatriz Casali em sua lavoura de soja, 2021.

Uma grande marca em sua vida foi a solidão e a falta de água para o consumo do dia-a-dia. A vida nas fazendas, onde não haviam estradas e tudo era muito longe, não tinha como sair a qualquer momento e muito menos receber qualquer visita, foi muito marcada pela solidão. Um momento de encontro era aos domingos quando conseguiam visitar seus vizinhos, ou quando vinham para Barreiras para comprar itens necessários.

Depois de um tempo, eu comprei um radinho daqueles motorádio, coloquei uma antena com arame e eu pegava a rádio nacional da Amazônia, então aí era a minha companhia.

Beatriz Casali



89. Beatriz Casali e a sua família

A primeira vinda de seu pai à propriedade do casal foi uma emoção, pois tudo era muito longe. Ele chegou no período das chuvas e pensou que a filha estivesse morando em um brejo, pois a chuva era muita e a grande planície do local não dava escoamento para tanta água.

A falta de água para uso era resolvida com a ida, somente aos sábados, até a cabeceira do rio de Pedras, 14 km, com uma carretinha puxada por um CBT 1960, sem motor de partida, adquirido do projeto Novacap, da época da construção de Brasília. Eram 700 L que precisavam durar a semana toda. Aos sábados também aproveitava para lavar as roupas da semana toda, no rio.

Todas as dificuldades se passaram e hoje Beatriz se orgulha de ter construído a fazenda Santa Helena, ter seus três filhos trabalhando junto na agricultura, de ter a família toda unida.

Isso sim, esse é o meu maior orgulho e também estão os netos, também vêm para cá, eles já gostam. A Mariana tem 10 anos, ela fala assim "vó, vamos parar e vamos olhar a lavoura" Ah, me enche o coração de alegria, esse é o fruto maior, esse é o fruto maior hoje na minha vida!

Beatriz Casali

Caminhando um pouco mais adiante temos o povoado das Placas, conhecida por esse nome pelo fato de o local ter muitas placas de indicações das estradas. Este também é o lar de duas das fortes mulheres do agro, Dona Lídia Maria de Souza e Dona Helena Schmidt. Suas histórias de vida, poderíamos dizer, confundem-se com tantas outras histórias de vidas de muitas mulheres guerreiras, ambas trazem no sangue a experiência de trabalhar com a agricultura.

Começamos com a história de Dona Lídia, que chegou a Barreiras já de uma jornada de imigração do Paraná a partir de Brasília, em 1974. Ainda em Brasília chorava a saudade dos filhos que havia deixado no Paraná, mas não desistia do sonho de vencer na vida.

A chegada a Barreiras foi difícil, ela percorreu um longo caminho para encontrar seu esposo que aqui já estava em busca de terras. Por influência de seu filho que estudava em um colégio agrícola e tinha colegas que eram da região de Barreiras, seu esposo Constantino, em 1977, saiu de Brasília e veio averiguar a imensidão de terras que ali existiam e estavam à venda. Enquanto isso Dona Lídia ficava em Brasília, trabalhando a terra e produzindo para o sustento da família. Até que cinco anos mais tarde, por causa de seu filho menor, que chorava muito de saudade do pai, ela resolveu ir embora para Barreiras e encontrar seu esposo. Quando chegou a Barreiras ela encontrou uma imensidão de terra e ficou maravilhada, resolveu então ficar por ali e começou o trabalho duro como agricultora nas terras que o marido havia adquirido.

Quando cheguei as pessoas que moravam na região perguntavam: mas por que vocês querem terra? Dizem que vocês plantam o adubo e dá bem com o adubo? Eu falei, não, nós botamos adubo e plantamos arroz, plantamos feijão, plantamos milho. O adubo é uma coisa que a gente bota para fazer crescer, aí tinha que contar, parece que não sabia nem conheciam técnicas de plantio.

Lídia Maria de Souza



90. Campo de cultivo de milho na propriedade da família

Enquanto Dona Lídia trabalhava com a terra, Constantino, percebendo uma oportunidade de negócios, iniciou o serviço de corretagem na venda de propriedades rurais para os agricultores do Paraná e Rio Grande do Sul.

Ah, mas ele disse “aqui tem a terra, todo mundo dá, e ninguém quer”
A gente vai ficar aqui, vai pegar essas terras e nós vamos viajar para o Sul, trazer a gauchada para cá e foi o que nós fizemos.

Lídia Maria de Souza



91. Entrevista com Lídia Maria de Souza em 2021.

Muitas famílias vieram para a região de Bela Vista e Placas, onde Constantino e sua esposa conseguiram terras para vender. As terras na Bela Vista faziam parte de uma fazenda maior, a Sertaneja, da família de Geraldo Rocha, enquanto as terras em Placas pertenciam ao antigo prefeito de Tocantins. Entre as famílias que vieram estavam os Casali, Schmidt e Fontana. Com o dinheiro da comercialização de 180 mil hectares, Constantino e sua esposa conseguiram estabelecer-se na região e reunir toda a sua família. Eles trouxeram muitas pessoas para a Bela Vista e Placas, inclusive gaúchos que se hospedavam em hotéis enquanto negociavam terras na região.

Dona Lídia contou ainda que saiu de aproximadamente de uma área de 10 ha no Paraná e quando chegou a Barreiras conseguiu adquirir 8 mil ha. Nunca tinha visto tanta terra, e quanto mais via, mais queria comprar. Chegou uma certa vez que o valor de um almoço era o preço de um ha, e com certeza, assim como ela, outras tantas mulheres preferiam adquirir mais alguns hectares do que almoçar naquele dia.

Estávamos acostumados em 4 alqueires de terra, quase morria trabalhando, em uma área com pedra e outros problemas. E aqui a terra não tinha pedra, não tinha nada. Eu pensei, nossa senhora, aqui vai ser. Aí eu fiquei louca, porque daí na minha ideia era ter mais terra, pegar mais terra, acostumada só com 4 alqueires. Eu morria trabalhando em 4 alqueires e vendo bastante terra aqui fiquei doida queria mais, e queria mais.

Lídia Maria de Souza

Mulheres fortes vieram e dormiram debaixo de lonas, em tarimbas ou mesmo no chão, tendo apenas uma loninha como anteparo contra os perigos que as noites no cerrado poderiam oferecer.



92. Lídia Maria em sua propriedade rural em 2021.

Eles ficaram nas tarimbas e eu fiquei no chão, em cima da loninha no chão e de noite, eu dormi e me amorteceu o calcanhar, gritei" a cascavel me pegou" não era nada, amorteci o pé no chão, na loninha, sem colchão, sem nada.

Lídia Maria de Souza

Ainda na região de Placas temos outra grande mulher, Dona Helena Schmidt, natural de Campo Novo, no Rio Grande do Sul. Seus pais eram pequenos produtores rurais e após seu casamento, Helena e o esposo foram para Foz do Iguaçu, onde plantaram soja. No entanto, as terras eram arrendadas, o que levou o casal a buscar oportunidades em outras regiões. Foi quando ficaram sabendo do oeste da Bahia, por oportunidade do 4º Batalhão de Engenharia de Construção atuando na construção da estrada que iria ligar Barreiras a Brasília, e em 1979 vieram conhecer as terras.

Seu esposo ficou encantado com as terras e logo providenciou o dinheiro para conseguir efetuar a compra de um bom pedaço de terra. Na época, venderam um apartamento e a safra produzida naquele ano em Foz do Iguaçu. Assim como todo produtor que chegava na região eles também iniciaram com a cultura de arroz para estruturar o perfil do solo de maneira adequada para optarem, futuramente, por outras culturas. Passados três anos cultivando arroz seu esposo, Paulo, afirmou que a região seria ótima para produzir soja, e foi então que investiram na oportunidade e inovaram além do que se esperava para a época, pois já iniciaram com a soja em sistema de plantio direto.



93. Helena Schmidt, em sua propriedade rural em Luís Eduardo Magalhães durante entrevista para o Epopéia do Agro em 2021.

E o Paulo sempre foi assim, inovador, ele puxou para os filhos dele, não foram os filhos que puxaram, assim de inovar, por exemplo, plantio direto, ele foi um dos primeiros que plantou, que fez esse plantio direto. E quem falava com o Paulo achava que ele era um agrônomo, ele lia muito, conhecia tudo e discutia muitos assuntos com Paulinho, que já era agrônomo.

Helena Schmidt



94. Irmãos Schmidt em sua propriedade rural, Fazenda Orquídeas, em Luís Eduardo Magalhães.

Dona Helena reforça o que todas as mulheres visualizavam sobre a região, de que ali não tinha nada, a tecnologia disponível era zero, o acesso a produtos alimentícios era difícil, só encontrava em Barreiras, e como as fazendas muitas vezes ficavam distantes as compras só eram feitas na cidade, muito de vez em quando.

Não tinha funcionário, não tinha nada, o único escritório que tinha aqui, era onde os agricultores iam conversar e bater papo, era no escritório do Guadagnin. Lá se reuniam, conversavam, trocavam ideias e voltavam a plantar. Os funcionários que chegavam aqui da região, nem a comida que a gente oferecia eles não comiam, porque eles queriam comer o cuscuz deles e nós tínhamos pão, fazia bolo, fazia isso, não era o cuscuz, que era difícil, nós não sabíamos fazer cuscuz. Tudo era difícil, a água era muito difícil, a comida também, a gente tinha que ir lá em Barreiras comprar comida, só se comprava lá em Barreiras, nós tínhamos que sair daqui e fazer rancho lá.

Helena Schmidt

No início, a casa da família era um galpão coberto com telhas tipo brasilit, onde metade era cozinha, os quartos do casal e dos funcionários, a outra metade era onde ficavam os maquinários, trator, a semente, o adubo. Não tinha água, na seca era preciso buscar no rio de trator e na época da chuva coletava toda a água do telhado, e essa água era usada para a alimentação, banho e outras necessidades. Fogão era a lenha, não existia gás na época de modo acessível, não tinha energia elétrica. A carne consumida pela família era criada na própria fazenda, porco e galinha.



95. Cozinha da família no início do desbravamento da região oeste da Bahia, 1980.

Dona Helena contou que certa vez seu filho Paulo, acompanhando as andanças do pai pela plantação, ingeriu grãos de arroz tratado com furadan, e que não morreu pois encontrou um anjo no hospital em Indianópolis, que o salvou.



96. Helena Schmidt e filhos em sua propriedade rural em Luís Eduardo Magalhães.

O Paulo plantava a semente, ia lá olhava a semente quando estava nascendo, ia lá, pegava, mascava, eles botavam inoculante na raiz, daí tinha que arrancar para ver se estava inoculado. O Paulinho ia atrás do pai, por onde Paulo ia de manhã, Paulinho ia atrás, daí um dia ele foi e pegou as sementes tratadas que estavam plantadas. Foi um grande susto.

Helena Schmidt

Para Dona Helena, apesar da grande dificuldade que passaram, com o tempo as coisas foram melhorando e hoje sua grande riqueza são seus filhos, a família unida e, seguindo o que o pai fazia, uma agricultura com responsabilidade e com tecnologia.



97. Família Schmidt em sua propriedade rural em Luís Eduardo Magalhães em 2021.

A família Zanotto deixou o velho estado do Paraná e veio se estabelecer no oeste da Bahia, com a aquisição de uma propriedade na região do Novo Paraná. Na região que fica aproximadamente a 20 km de Lem, hoje existe o povoado do Novo Paraná, oficializado como distrito de Lem, que conta com uma população de duas mil pessoas e ocupa uma área de aproximadamente 100 hectares. Dona Ivone Zanotto nos contou que na época foi uma novidade, mas que não achou coisa difícil a mudança. Na época, trouxeram uma casa de madeira do Paraná e a instalaram à beira do rio Borá, onde lá criou sua primeira filha.

Nesta nova vida ela fazia de tudo, era quem cozinhava para os funcionários, puxava água do rio, além de outras atividades dentro da fazenda, coisa que já estava acostumada, pois antes do casamento, na casa de seus pais, que também eram produtores rurais, ela tinha como obrigação também ajudar na lida da roça. A energia que abastecia a casa era a partir de um gerador a diesel e só podia ficar ligado durante umas

horas, pois só se comprava o tambor de combustível em Barreiras, então usavam muitos lampiões a gás para iluminar a noite. A geladeira também era a gás. Depois as coisas começaram a melhorar, após uns quatro anos a energia elétrica foi instalada e puderam colocar um motor para puxar a água do rio para uma caixa para abastecer a casa.



98. Ivone Zanotto em entrevista à Epopeia do Agro em 2022

E teve dias da gente levantar e pensar, o que eu vou fazer hoje, porque não tinha, não tinha nada mesmo. Em Barreiras, tinha um supermercado, uma padaria dentro do antigo pinguim que hoje eu não sei o que é que tem nele, lá embaixo na beira do cais, só existia lá, não existia telefone, não existia televisão. O telefone tinha, no Banco do Brasil, na Polícia Federal e na Receita. Eu sei que tinha 5 postos que tinham telefone em Barreiras, então, quando a gente ia para a cidade uma vez por mês, fazia tudo o que precisava durante o dia. Aí, antes de vir embora, a gente ia na fila na Telebahia para ligar para os parentes no Paraná, assim a gente fazia.

Ivone Zanotto

Quando engravidou de sua segunda filha, já aos 8 meses de gravidez, lembra que se sentiu mal e só por isso acabou indo para Barreiras ver o médico. Conta que neste dia estava aplicando veneno com a máquina nas costas. Chegando em Barreiras o médico avisou que faria o parto naquele dia mesmo, foi um choque para todos.

Aí cheguei em Barreiras, o médico disse "olha, é hoje, não, ela não pode passar" A mais velha tinha nascido de 7 meses e ela uns dias para 8 meses, não tinha levado nada. Nós tínhamos um único conhecido nosso em Barreiras que morava lá, ela tinha um menino de 1 ano, ela me emprestou tudo e lá foi que nasceu a filha. Com 8 dias, eu vim embora e ali continuamos o trabalho do mesmo jeito.

Ivone Zanotto

Realmente, dona Ivone nunca sentiu dificuldade, pois no seu modo de ser enfrentar os problemas e procurar coisas melhores é a melhor solução. Sempre criada na roça não pretende deixar esse ambiente, a cidade para ela é uma coisa estranha. Comenta que, quem é produtor, que tem filhos, deve incentivar para que eles fiquem na fazenda, devem mostrar como se trabalha, de onde sai o sustento, para que eles possam perpetuar a atividade da família.



99. Dionísio e Ivone Zanotto na plantação de algodão da família em 2021.

A lição que Dona Ivone pode deixar para as futuras gerações, especialmente para as mulheres no agronegócio, é a importância de incentivar os filhos a se envolverem na fazenda e compreenderem de onde vem o sustento familiar. Ela destaca que, mesmo que as crianças não compreendam completamente no momento, é essencial que saibam sobre a produção agrícola e o trabalho árduo envolvido. Para ela, a agricultura não é apenas uma profissão, mas também uma paixão que ela carrega desde sempre. Assim, ela encoraja sua família e outras pessoas a permanecerem na agricultura, pois acredita ser a melhor opção para aqueles que cresceram nesse meio.

A expansão agrícola ainda continuava e a informação sobre a nova fronteira chegou para a família Busato através da televisão, em 1986, e também por um amigo. Vindo conhecer a região, muito rapidamente a família decidiu que a Bahia seria seu novo lar, e com a venda de um caminhão ano 1984 a família adquiriu os primeiros 1000 ha na região do Novo Paraná.

Minha esposa sempre dizia: “nós temos que dar um futuro para os nossos filhos.”

Hélio Busato



100. Família Busato

Então, vendo o futuro, a família deixou de ser produtora em 80 ha para iniciar uma nova jornada. Dona Olívia comentou que foi tudo muito arriscado, a decisão de deixar o lar e começar a vida em um local onde tudo era desconhecido, mas enfatizou que depois da decisão tomada e a mudança feita não tinha mais como voltar atrás.

Se não der certo vamos ter que ir para frente, para trás eu que eu não vou voltar, isso que eu pensava, vamos firmar o pé aqui, o que puder fazer vamos fazer e se não dá vamos para frente, porque voltar para trás, nunca mais.

Olívia Busato

O conforto do Rio Grande foi deixado, e chegando até Barreiras, de ônibus “pau de arara”, a mulher guerreira passou a encarar um lugar sem energia, com muitos morcegos e sem estradas.

Cheguei aqui de manhã em Barreiras o “senhor Hélio” estava me aguardando lá, aí foi o começo. Fomos de carona para fazenda, mas chegamos lá imaginava uma coisa, como é que eu vou dizer, o que eu imaginava não era tanto quanto quando eu cheguei lá, resto eu nem vou dizer porque eu não encontrei nada, tinha que fazer tudo, mas deu para dar a volta, se tiver que começar de novo, eu faço a mesma coisa.

Olívia Busato



101. Hélio Busato durante a entrevista na Bahia Farm Show em 2023.

A primeira tarefa foi pintar a pequena casa com cal para dar um aspecto de lar e limpeza, depois foi o serviço na cantina, para ajudar na preparação da comida para todos os que trabalhavam no campo.

Ainda representando as mulheres do agro, presentes desde as atividades dos afazeres domésticos até cargo executivo de grande importância para o agronegócio, falamos aqui de Carminha Maria Gatto Missio, cuja missão é estar à frente em várias

instituições de representação na agricultura. Sua trajetória inicia com a constituição de sua família, quando aos 21 anos se casa com Celito Missio. Sua trajetória social começa ainda em Mato Grosso, assumindo a diretoria da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em seguida desenvolve projetos de voluntariado no Rotary e no American Field Service (AFS). Quando por volta de 1990, Carminha Missio, seu esposo e filhos chegam ao oeste baiano, eles iniciam o trabalho na agricultura com o plantio de soja e vislumbram a oportunidade de se tornarem produtores de sementes, momento em que, em 1998, é criada a empresa Sementes Oilema, tornando-se um grupo empresarial familiar. A experiência adquirida no Mato Grosso com projetos sociais e a participação na administração de instituições levam Carminha novamente a se vincular, agora já no oeste baiano, à APAE. Após deixar a APAE ela inicia várias atividades no Sindicato dos Produtores Rurais de Luís Eduardo Magalhães (SPRLEM), onde, em 2015, é eleita como presidente.



102. Carminha Missio em entrevista na 17ª Bahia Farm Show em 2022.

Mas ali eu fui eleita como presidente e a dificuldade que eu tive foi encontrar mulheres que se dispusessem a compor a diretoria executiva comigo. Então, eu fui a única mulher na diretoria executiva. Tive que criar os conselhos e aí eu pude chamar mulheres como conselheiras, assim como eu fiz o chamamento para Grace Kelly Fontana, para ela compor a minha diretoria naquela época.

Carminha Missio

Carminha, vendo a importância da participação feminina na agricultura, seguiu fazendo um ótimo trabalho em sua administração e em conjunto incentivou a socialização feminina dentro do sindicato. Hoje, dentro do sindicato, em média se têm 7% de mulheres compondo a associação.

Porque com o mesmo custo, o marido e a mulher poderiam estar no sindicato, mas geralmente predominava a participação para o homem e aí eu vislumbrei ali que a mulher ela é muito, muito forte, muito importante e ela é tão agricultora quanto o homem, o quanto a família é importante.

Carminha Missio

Carminha ainda relembra um momento de tensão sofrido quando era presidente do sindicato. Foi por volta de 2014-2015, a região passava por um período de forte estiagem, e nesse momento foi necessário unir todas as forças dos produtores e todos os municípios de base sindical para que pudessem decretar situação de emergência, para que os produtores tivessem a possibilidade de negociar suas dívidas.

Quando sua gestão terminou no SPRLEM, imediatamente, devido a sua forte representação, ela foi convidada para assumir a diretoria executiva da Federação da Agricultura do Estado da Bahia (FAEB), onde atualmente exerce o cargo da vice-presidência da instituição. Não bastando tantos feitos, em 2022 foi indicada pela Forbes como uma das 100 poderosas do agro.

Eu consegui inspirar muitas outras mulheres que não tinham conhecimento efetivo de que nós somos o coração de uma cadeia e nós não somos nada sem tudo que vem antes de nós ou o que vem depois de nós também. Então, é esse entrosamento dessa engrenagem toda, da qual nós participamos é que me orgulha e que me faz sentir forte e continuar nessa caminhada, para tentar inspirar jovens adolescentes e eu vou ter que dizer uma coisa, até crianças, porque a gente tem que buscar na criança trabalhar o valor do agro, que é esse coração que faz pulsar uma cadeia e a maior ferramenta pela paz no mundo é a produção de alimento, porque ninguém briga se não tiver com fome.

Carminha Missio



103. Carminha Missio com estudantes e professores do curso de Bacharelado em Ciências e Tecnologia da UFOP, Bahia Farm Show 2023.

A importância das mulheres na gestão também se vê em Barreiras, no Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras - SPRB, onde na presidência está uma mulher de personalidade. O emocional e o racional na medida certa fazem de Rosi Cerrato uma

mulher empreendedora. Mãe de dois filhos, quando chegou a Barreiras não teve dúvida de que ali seria o seu lar. Sempre ativa frente aos negócios da família, em 2020 aceitou o desafio de estar também junto às ações do sindicato, então assumiu a presidência para o quadriênio 2021-2025.



104. Rosi Cerrato e colaboradoras (Stefany, Rosi, Marta, Rayane e Larissa) do SPRB, 2022.

A partir daí as atividades se multiplicaram, logo no início do mandato esteve em Salvador entregando à Seplan ofício com solicitações e demandas do setor produtivo do oeste, pleiteou junto ao estado apoio para o processo da agroindustrialização dos pequenos produtores agrícolas, tanto para o processo produtivo como para a comercialização, garantindo qualidade dos produtos. Esteve presente na audiência pública de apresentação do Projeto de Obra de duplicação da BR 242, Barreiras - Lem, uma necessidade indispensável para a boa relação econômica entre as duas cidades e também para garantir maior segurança a todos que trafegam por ali. Mas os compromissos não param por aí. Entre 2013 e 2020, Rosi atuou como assessora da presidência da AIBA e coordenadora geral da Bahia Farm Show, a maior feira de tecnologia agrícola e negócios do Norte e Nordeste do Brasil.



105. Curso de capacitação em empreendedorismo para mulheres na sede do SPRB, Barreiras, 2022.

Um ensinamento de vida, eu acho que está dentro do amor, a minha palavra eu acho que é essa, e a determinação. O capricho junto com a sorte, que a sorte é capricho como diz o meu esposo Selmo e o amor. Com amor você constrói e de uma forma mais leve, porque nós mesmo em todas as dificuldades que nós passamos, nós nunca desistimos.

Rosi Cerrato



106. Rosi Cerrato em entrevista para o Epopéia do Agro em 2021.

Capítulo 13

Família e Agricultura: Do Passado ao Futuro

A transmissão da arte de trabalhar a terra tem sido passada de geração a geração em algumas famílias. O amor em fazer agricultura é cultivado por crianças, jovens e idosos, independente de classe social. Algumas vezes as pessoas, antes de assumirem o amor à terra, passam por outras experiências, mas a aptidão sempre se sobressai ao final. E assim foi com alguns dos produtores, que ainda não se reconheciam como tal, mas encararam o desafio do oeste baiano.

Hoje, passados 54 anos do início da mais significativa colonização do oeste da Bahia, nós podemos dizer que estamos passando por uma terceira geração na sucessão de agricultores nas famílias que desbravaram a região. Chegaram os avós em 1970, vieram os filhos em 1990 e agora os netos já começam a lançar seus inovadores conhecimentos sobre agricultura, transformando e fazendo o novo acontecer.

Esse sangue agrícola ele já vem de berço, eu queria dar continuidade a essa origem minha do campo e também, porque eu tinha assim uma certeza de que a região era promissora, ela tinha vocação agrícola e em 1988 foi quando eu comprei a primeira propriedade na Bahia, em 86 a 88 era meramente contador e 88 a minha mãe teve uma sabedoria digo eu fora do normal, que eu perdi meu pai muito cedo, ela teve uma sabedoria fora do tradicional e chamou aos oito filhos dela e fez a distribuição do patrimônio dela em vida para cada um ter a possibilidade de ter um começo de carreira solo, de cada um poder demonstrar e desenvolver a sua atividade. E a minha fração do

patrimônio foram 4,975 hectares, e com eles eu comprei 250 hectares aqui, foi minha primeira propriedade na Bahia e comprei trator, grade, plantadeira, carretinha toda a estrutura básica para começar trabalhar. Trabalhava nos fins de semana, durante a semana eu estava no meu escritório e nos fins de semana sexta à tarde ia para fazenda, muitas vezes sozinho e virava dia e noite em cima de um trator, eu mesmo trabalhando.

Ildo Rambo



107. Ildo Rambo e sua esposa Flávia, aguardando a chegada de Gabriela.

Minha família tinha ido para São Paulo todo mundo e a gente desenhou um projeto familiar, por isso que o nome da nossa empresa é Frutas Marininha. Marininha, minha mãe na intimidade, ela, os irmãos...Marininha e a irmã gêmea dela Lucinha, o projeto de como a gente ia produzir frutas, a gente resolveu homenagear minha mãe, Frutas Marinha. Frutas Marinha, eu e mais três irmãos, isso foi marcante, eu tinha irmão que era gerente de banco do Bradesco, tinha irmão que já estava na metalúrgica, já tinham saído do ramo, e hoje graças a Deus ver toda a minha família dentro de um projeto, isso é algo surreal, é mais do que a gente pediu para papai do céu, ele colocou com medida recalcada e transbordante.

Josiel Menezes

Não achando que tudo são flores, há também aqueles que não tiveram a sucessão, mas enxergaram na atividade uma possibilidade de sucesso em suas vidas ou carreiras e desta forma se transformaram em empresários do agro, mas tudo motivado ao final pela aptidão à agricultura.

No primeiro momento, vem aquela primeira leva de produtores que às vezes, por facilidade de uma situação ou outra, ou às vezes por ambição de ter uma situação que vai resolver a vida dele, ele acaba adquirindo um lote, mas de fato, não é aquele produtor que tem aptidão, ele acaba adquirindo, acaba tendo acesso a crédito rural, e se complica, acaba não levando para frente. Muitas vezes é preciso outra geração de produtores e aí normalmente acontece de passar de 3 a 4 gerações e só então acerta naqueles produtores que de fato tem aptidão própria para tocar o projeto da agricultura. A gente não se cansa, a gente costuma dizer que competir com apaixonado é difícil,

porque a gente erra, tenta de novo, estuda mais um pouco e não se cansa de tentar e é um aprendizado após o outro.

Josiel Menezes



108. Josiel Menezes em sua propriedade em entrevista para o Epopeia do Agro em 2021.

Capítulo 14

A Arte e o Agro se fundem no Campo

Da agricultura à arte, a Asbart, Associação Barreirense de Artesanato, uma entidade sem fins lucrativos, hoje essencialmente formada por mulheres, reúne artesãs que, além do trabalho de produção de arte, também desempenham na sociedade um importante papel de acolhimento às pessoas que necessitam de atenção, ou de apenas aprender uma atividade que possa vir a contribuir com uma renda financeira. Fundada em 2003, funcionou durante algum tempo, mas logo ficou inativa por falta de pessoas que estivessem à frente nas atividades. A partir de 2017 a associação foi reativada com a participação de uma nova diretoria e associadas, agora participantes e ativas. A caminhada para reorganizar a associação foi longa, pois tinham algumas pendências financeiras e não tinham dinheiro em caixa, mas com o auxílio de vários profissionais ela conseguiu se reerguer, ficando com o estatuto e suas obrigações em dia.

A história da Asbart, a partir de 2017, foi construída com muita garra e sonhos das artesãs que, a partir desse momento, acreditaram que poderiam fazer a diferença em suas vidas e na de outras pessoas a partir do artesanato. O primeiro sonho a se concretizar foi de conseguir trabalhar com um artesanato orgânico, que representasse o oeste baiano. Foi então que as associadas foram em busca de oportunidades que viabilizassem esse sonho coletivo.

Para contar essa história coletiva, da qual fazem parte aproximadamente 20 mulheres, citaremos as artesãs Dona Marly Klann Franque, Inez Oliveira do Nascimento e Maria José Fernandes de Sousa Diesel.

Dona Marly, uma mulher guerreira, fez a graduação em letras aos 47 anos, depois de ter passado vinte anos sem estudar. Conheceu Barreiras há 27 anos, quando sua filha veio morar ali depois de casada. Artesã de Marechal Cândido Rondon, estabeleceu-se em Barreiras em 1999. Chegando ali procurou logo pelo artesanato e participava de encontros e exposições no Palácio das Artes, de forma independente. Logo depois conheceu a Asbart, entrou para a associação e ajudou a reunir novos membros. Seus artesanatos são souvenirs que retratam a história de Barreiras.

Dona Inez, natural de Angical, trabalhou muito em feiras livres antes de se tornar artesã. Já casada, morou na comunidade de Riachinho e depois em Barreiras teve um restaurante. Precisou deixar o empreendimento devido a uma gravidez de risco que estava tendo, e foi então que começou a trabalhar com o artesanato fazendo ímãs, bordado e crochê, e assim como Dona Marly, fazia suas exposições no Palácio das Artes.

Maria José, a Zezé, mineira apenas de nascimento, é baiana de Baianópolis. Seu avô tinha terras em Baianópolis e Angical. Lembra que o avô ia para Luziânia, em Goiás, levando no lombo do burro rapadura e trazia óleo e outras coisas que não tinham por ali. A história de seu pai se confunde com outras histórias de pessoas da região que saíram quando jovens em busca de oportunidades e que por vários motivos voltaram para sua terra natal para lidar com a terra. Ele saiu de Barreiras, foi para Minas Gerais, onde conheceu sua esposa, saiu de lá novamente em busca de oportunidade e seguiu para Brasília no momento de sua construção, até que em 1976 decidiu retornar para casa, e então Zezé, com 11 anos, conheceu sua terra natal. Foram 3 dias de viagem até chegarem em Barreiras e mais 9 km andando até chegarem na roça.

Meu pai para vir de Baianópolis ficava esperando 3 dias, esperando passar um carro para pegar uma condução para vir para Barreiras, ou ônibus da empresa Paraíso, que hoje é Real e passava uma vez na semana.

Zezé

Em 1976, quando alugaram uma casa em Barreiras, uma forte chuva alagou tudo, a água subiu 1,5 m dentro de casa, tiveram que sair e naquela época a mudança se resumia às roupas de cama, roupas de uso, uma esteira e um banco.

Estudávamos na cidade e no final de semana e férias íamos pra roça, 9 km andando, levando a cavalo nas bruacas café, açúcar, e demais mantimentos. Como tínhamos casa na cidade, e quase ninguém tinha esse privilégio, nossa casa vivia cheia, parecia uma rodoviária.

Zezé

Aos 19 anos fez um curso de pintura em estêncil e não parou mais, daí em diante foram novos cursos para cada vez mais se aprimorar. Depois vieram as aulas, ocasião em que se tornou professora de pintura, sendo este um outro viés para melhorar sua renda. A partir deste momento o interesse pela arte foi grande e então logo se associou à Asbart. Hoje Zezé também é vice-presidente da Federação do Artesanato.

Falei com meu esposo mas ele não tinha condições de ajudar a pagar o curso, falei com minha mãe, ela me ajudou, comprei umas tintas e pincéis, e comecei a fazer o curso, daí fazia o curso, pintava, e vendia para pagar o curso. Naquela época era difícil até achar pano para treinar, eu pegava os lençóis velhos para treinar. Fazia pano de prateleira, cobre pote, tudo que aparecia. Começaram a pedirem para dar curso e eu comecei também a dar curso, não sabia nem pra mim, mas fui dar curso.

Zezé

A prefeitura e o Sebrae sempre foram bons parceiros, sempre ajudaram da melhor forma a alavancar o artesanato e também os sonhos dessas mulheres. A TV Oeste, na época, ajudava a fazer a divulgação do artesanato, assim como a rádio. Entre 2015 e 2018 teve o evento "Toque brasileiro", uma festa de música que resgatava a arte em Barreiras, momento em que elas também participavam com a exposição de suas peças.



109. Artesãs em entrevista para o Epopéia do Agro, da esquerda para direita (Ana, Marly, Inez, Maria José e Norma), 2023.

A Associação tinha um sonho, de resgatar a matéria-prima de Barreiras, trabalhar com o orgânico, foram então atrás de uma pessoa em Lapa para dar um curso de palha de bananeira, mas a pessoa cobraria seis mil reais, o que foi impossível, pois ninguém tinha o recurso. Neste momento, as meninas do artesanato resolveram ir conversar com Rieder, para pedir ajuda para a realização do sonho. Foi então que entrou em cena o Sebrae, trazendo a professora Maria da Penha para dar o curso de palha de coco, de buriti, de bananeira, capim dourado e taboa. Sonho quase completo, chegaram à plenitude quando elas foram desafiadas a produzir biojóias por ocasião de um contrato, que levaria seus produtos para fora do Brasil.

A Panda eventos queriam presentear uns parceiros deles, eles foram no atelier, não quiseram nada, nem supla, nem sacola. Daí a Inês falou, manda as fotos das biojóias para o Rodrigo, e eles fecharam um pedido de 250 peças de biojoia, e já mandou o contrato pra assinar. Mas não tínhamos nenhuma ferramenta, um polidor, uma furadeira, uma morsa para produzir as jóias, e foi Maria da Penha quem disse, assina esse contrato logo.

Contrato assinado. As artesãs mudaram para o parque, local onde havia uma escola-atelier, onde Maria da Penha dava suas aulas. Foram então fazendo as biojoias a partir das sementes de buriti, mirindiba e saboneteira. Inez lembra que filmavam as peças e mandavam para o responsável e quando menos esperavam receberam outro pedido, da encomenda de ecobags, e que essas fossem pintados à mão e com beterraba. Do total do pedido, foram 600 peças.

Neste momento, sonho realizado, as meninas aceitaram um novo desafio, adquirirem conhecimento para partirem rumo ao processo de exportação, então a Apex iniciou a capacitação para que elas pudessem ampliar seus horizontes.

Hoje o carro-chefe são as biojoias e os produtos a partir de materiais orgânicos, como as fibras. As artesãs hoje se intitulam também como catadeiras de sementes do oeste da Bahia, fazendo, além do trabalho de coleta, também de preservação ambiental, uma vez que elas também estão fazendo o plantio de mudas.

Além de coletar estamos também fazendo o plantio, para preservar por exemplo, a mirindiba não tem, então começamos a plantar para não somente tirar da natureza, mas para preservar.

Apesar de todo o esforço, elas ainda sentem falta de maior valorização do artesanato no Brasil.

Barreiras tem artesãos maravilhosos mas estão desistindo, é preciso incentivar o jovem a aprender a arte, a criar, criar uma coisa única, cada peça produzida no artesanato é única, é espiritual, o cliente precisa captar isso, o momento de criar é único, o cliente precisa comprar a arte.

Marly Klann Franque

Quem gosta de artesanato gosta, minha família às vezes fala, os produtos são caros, então é assim, o barato se torna caro, eu tenho produto para todos os bolsos, quanto tempo você planeja, gasta com o tempo de criação.

Inez Oliveira

A Asbart hoje movimentava a economia, pois as artesãs compram sementes dos geraizeiros, capim dourado, fibra de bananeira e outras fibras, produtos do agro que proporcionam matéria-prima para o artesanato.

Fazemos peça, e também a gente ajuda as pessoas, tem gente que chega com depressão e a gente acolhe ensina, e temos outro sonho de um projeto social de acolhimento das pessoas, ajudar, vamos desenvolver esse projeto. Nós temos que levar o conhecimento aos jovens, temos muito o que fazer, o que aprender, levar a Asbart para as pessoas conhecerem.

Maria José Fernandes



110. Dia da inauguração da nova loja da ASBART no Palácio das Artes em Barreiras, 2024.

Capítulo 15

Expansão Agrícola e Pecuária no Oeste Baiano

A expansão agropecuária no oeste baiano ainda é viável? Os produtores responderiam que sim, mas a questão crucial é: o que falta para esse avanço? Não há uma resposta simples, pois envolve aspectos econômicos e ambientais. Após consultar cerca de 50 produtores rurais, podemos apontar algumas contribuições para o futuro.

Um dos assuntos frequentemente discutidos é a disponibilidade tecnológica para a agricultura e também para a agroindústria brasileira. Apesar dos incentivos ao desenvolvimento tecnológico, o país não apresenta desenvolvimento industrial suficiente para atender às necessidades da agricultura moderna. Nossa agricultura é uma das mais tecnológicas do mundo, mas os insumos necessários para suprir as demandas ainda são irrelevantes frente ao que outros países detêm, e neste sentido podemos começar destacando a indústria de fertilizantes.

O país é importador da maioria dos insumos fertilizantes agrícolas que consome e com isso fica à mercê da flutuação da economia mundial, o que nos últimos anos tem encarecido muito e elevado o custo produtivo agrícola. Uma outra área importante é o de máquinas agrícolas, tanto para grandes produtores como pequenos produtores, há pouco ou quase nada de incentivo ao desenvolvimento de máquinas modernas no país. Hoje a agricultura em pequenas propriedades é uma realidade, onde apenas a família trabalha no processo de produção, no entanto, nenhum tipo de máquina específica para cultivos em pequena escala é desenvolvido para atender a esta demanda.

Um grande gargalo apontado pelos produtores é sobre a indústria de transformação dos produtos agrícolas. As questões levantadas pedem tanto indústrias para transformação, como que estejam próximas aos centros produtivos agrícolas, o que faria diminuir o custo de transporte e aumentaria a economia local, devido à geração de novos postos de trabalho. A evolução para agregar valor aos produtos agrícolas precisa ocorrer no Brasil, e uma forma consistente é a indústria produzir o bem acabado.

Então, nós temos condições de reativar o processo de industrialização na região? Sim, mas se a gestão pública ajudar, eu acho que a condição é muito boa, muito propícia para nós trazermos indústrias para cá. Daí eu, no sentido de até fomentar com iniciativa privada, a agroindústria, eu fomentei duas cooperativas: a Unibahia, que é a criação minha, e a Cooperfarms, porque através de cooperativa, tu consegue fomentar a agroindústria. São duas cooperativas fortes, principalmente a Cooperfarms, que foi uma ideia minha. Então, através de cooperativa, se não tiver uma gestão pública que atrapalhe a gente, dá para nós montarmos a indústria na região, através de cooperativas e gerar empregos e gerar uma economia forte para a região.

Celito Breda

Considerando os avanços tecnológicos da agricultura com relação às cultivares desenvolvidas, hoje não haveria necessidade de avanço de abertura de novas áreas agrícolas, pois cada vez mais as plantas expressam seu potencial agrônomo devido ao melhoramento realizado. No entanto, observando as considerações da falta de desenvolvimento tecnológico próprio, brasileiro, é que mais áreas são abertas para atender uma demanda econômica de custo elevado, ao invés de maior produção com menor área.

Eu acredito que nós temos vocação para muitos tipos de produções que sejam viáveis e possíveis de entrar na região. Nós temos um entrave por hora no meu ver que é a logística desses produtos, nós temos a mamona que é extremamente rentável, só que os compradores ainda são limitados, nós teríamos o girassol que é uma cultura que tem uma rentabilidade fantástica, mas também não teria essa logística, porque a gente depende do comprador e nossos compradores hoje, eles estão praticamente focados em cima das leguminosas, a soja.

Ildo Rambo

Dentro da área da pecuária, além dos avanços tecnológicos que têm beneficiado a bovinocultura, o oeste tem se destacado na criação de ovinos, na piscicultura e na carcinicultura. Estímulos governamentais e privados para a indústria da piscicultura têm auxiliado a inserção de produtores no negócio. As regiões dentro do perímetro irrigado contam com estrutura para possibilitar a ampliação da piscicultura em maior escala, com elevada qualidade produtiva

A fruticultura é uma realidade na região, mas investimentos são necessários, como logística de transporte, melhoria das cadeias produtivas da fruticultura em geral, adaptadas à região.



111. Colheita mecanizada da banana.

Você não vai levar uma fruta para a Europa de navio ou como diz o gaúcho na mala de garupa, não tem jeito, você precisa de um aeroporto bem estruturado com uma base de pista boa para descer aviões grandes para você levar essa fruta até o mercado consumidor. O ente público precisa entrar nisso para ajudar a região e isso acontecendo a região vai crescer muito nessa parte de fruticultura, principalmente na diversificação de frutas, hoje nós temos focos pontuais, se produz poucas variedades de frutas, mas existe espaço para tudo o que é imaginável dentro do que se produz. Então, eu estou assim, acreditando muito nesse potencial de crescimento da região.

Ildo Rambo

A fruticultura e também a criação de pequenos animais são atividades muito boas para a inserção de pequenos produtores, e neste sentido temos observado fortemente a atuação dos sindicatos dos produtores da região, estimulando a produção, trazendo o conhecimento e tecnologias aplicáveis a esse modelo de produção.



112. Dia de treinamento para filhos de pequenos produtores na Fazenda Escola do Distrito Nupeba, parceria Embrapa-SPRB, 2024.



113. Manejo em uma plantação de cacau, 2023.

A fruticultura no oeste da Bahia deu um enorme salto nos últimos 20 anos e hoje exerce papel relevante para a região. Iniciou nos perímetros irrigados, estruturados pela Codevasf, com a cultura do caju, mas sem sucesso. Ainda na tentativa, alguns produtores apostaram na cultura da banana, a qual se adaptou muito bem à região, e hoje o oeste da Bahia é o maior produtor da fruta. Também foram iniciadas outras opções dentro da fruticultura, como maracujá, melancia, cacau, abóbora, pitaia, limão, abacaxi, e culturas como a uva e mirtilo, consideradas mais nobres, que já estão sendo exploradas.



114. Plantação de limão em Riachão das Neves, 2024.



115. Plantação de uva na Fazenda Escola do Distrito Irrigado NUPEBA, cultivar Vitória, 2024.

Entre princípio, meio e recomeço

A história do oeste baiano, das pessoas que construíram seus futuros, que projetaram e idealizaram uma região para chamar de sua, para se sentirem em casa, não finaliza com estas poucas páginas registradas. Ainda continuam a chegar muitas Olívias, Pedros e Rosas, que construirão suas histórias e vidas. Por isso deixamos por último o relato de uma história de nossos entrevistados, para mostrar que tudo é um ciclo, um recomeço.

Evanor José Guerra, fazenda Colorado, ele era diretor técnico da Copergel e a fazenda dele era no fundo da fazenda do Luiz Ricardi, da Agrocel, que eu fui trabalhar e ele que me conseguiu o emprego lá, nós fizemos uma amizade muito boa. Um dia ele foi num encontro de cooperativas em Ilhéus, e voltou triste. Ele, quando veio para cá, dormia no caminhão, a marmita ele carregava, ele transportava tijolo e calcário, construiu 30 mil hectares de terra. Uma história de muito trabalho e luta. Ele, lá em casa conversando, se queixando para mim, porque lá em Ilhéus tinha uma empresa, que fazia 150 anos que existia, tinha uma cooperativa de não sei quantos anos, tinha história demais, tinha o Jorge Amado, tinha um clube comercial antigo, e que aqui em Barreiras ele sentia falta, que não tinha história, nem cultura, e ele sentia um vazio. Daí eu disse, Evanor José Guerra, esse é o preço de quem faz a história, lá tu foi ouvir a história que um dia foi feita. Amanhã você vai ser ouvido, você está fazendo a história aqui. A história, às vezes é solitária, eu me arrepio quando conto. O Evanor estava fazendo história. Entendeu, porque não tinha um clube, não tinha tal igreja, não tinha família nenhuma, é que aqui muitas pessoas vem de outro lugar.

José Cláudio Oliveira

Poema

Saudade de Barreiras

Você que escolheu Barreiras
Você que veio de longe,
De outras terras, de outro clima,
Que vem de outros costumes,
de um Brasil tão diferente.
Você, Nordestino moreno,
ou filho do Sol Nascente,
o Japonês ou o Nissei.
Você, que veio do Sul,
pioneiro do cerrado,
com a cuia de chimarrão!
Aqui toda cor se funde,
por esses gerais, na amplidão.
E até quem vem de mais longe,
e é filho de outro país!
Aqui as cores se igualam
na hora de preparar
a terra para a semente.
Trabalho pesado e duro
mas que breve se compensa
na alegria da colheita.
Vocês são, para Barreiras
novos filhos barreirenses!

[...]

Nós lhe dizemos, Irmão Chegante:
Seja bem vindo!
Pois já vimos que você trouxe você mesmo,
Sua mulher, seus filhos,
Seu velho pai, com lágrimas de saudade...
seus tratores, suas crenças,
e até seus defeitos, que ninguém é de ferro,
para produzir aqui
progresso e prosperidade.
Um Brasil mais rico e mais justo,
unindo o Nordeste ao Sul:
O moreno Nordestino,
ao Sulista de olho azul,
O Japonês, o Mineiro,
Quem vem de São Paulo ou Goiás,
Quem vem de qualquer lugar,
Em busca da terra boa e da água que dá vida.
Na colheita produzida
Esses rios sorrirão
e a terra, ao sentir-se fértil dirá que valeu a pena
tentar construir em Barreiras
o Brasil que nós queremos:
onde homens de todas as raças,
colhendo da terra a riqueza,
Aqui se sentem irmãos

Ignez Pitta de Almeida

Escritora e historiadora da cidade de Barreiras

Homenagem aos entrevistados

Encontro dos Entrevistados do Epopeia do Agro na 17ª Bahia Farm Show em 2022.





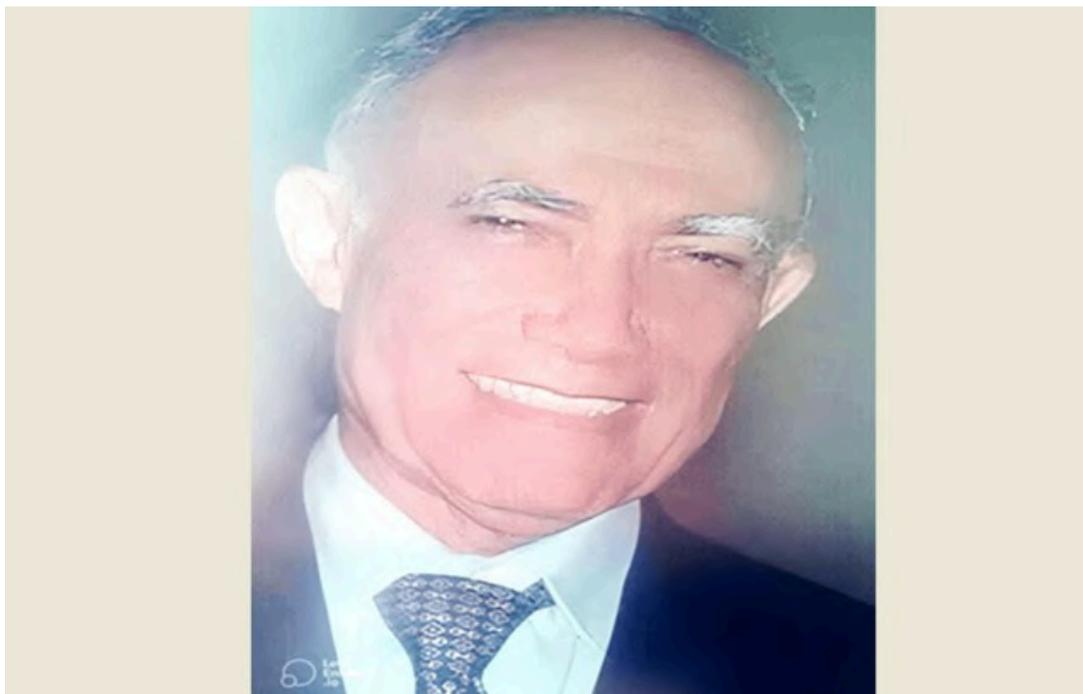




In memoriam



Alysso Paolinelli - 29 de junho de 2023 - 86 anos



Pedro Guedes Filho - 3 de fevereiro de 2023 - 85 anos



Rosa Maria Farias de Oliveira - 19 setembro de 2022 - 65 anos



Olívia Dors Busato - 25 de outubro de 2023- 85 anos

Referências bibliográficas

AIBA-Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia. Os reflexos do agronegócio no desenvolvimento do Oeste da Bahia. 2024. Disponível em: <https://aiba.org.br/os-reflexos-do-agronegocio-no-desenvolvimento-do-oeste-da-bahia/#:~:text=Os%20reflexos%20do%20agroneg%C3%B3cio%20no%20desenvolvimento%20do%20oeste%20da%20Bahia,-abril%2012%2C%202024&text=Refer%C3%Aancia%20no%20segmento%20agr%C3%ADcola%20em,%2C3%25%20do%20montante%20nacional>. Acesso em: abr.2024.

BARREIRAS. In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20, p. 65-69. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_20.pdf. Acesso em: abr.2024.

BARRERA, Daniel; MELO, Antonia J Zoneamento agrícola da cana-de-açúcar no Nordeste. Fortaleza: BNB, 1977. 53f. Convênio SUDENE.

BARROS, Fernando; TELES, Yoko. *O terceiro salto: a história dos brasileiros que fizeram o futuro chegar: trajetória cultural, econômica, ambiental e social do alimento no Brasil – a revolução da agricultura tropical sustentável*. Brasília, DF: Instituto Fórum do Futuro, 2019. 264 p.

BRASIL. Decreto nº 19538 de 31/08/1945 / PE - Poder Executivo Federal. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/122303-autoriza-o-cidaduo-brasileiro-an-tunio-balbino-de-carvalho-filho-a-pesquisar-ouro-diamantes-e-associados-no-municupio-de-queimadas-santaluz-e-serrinha-estado-da-bahia.html>. Acesso em: abr.2024.

CODEVASF- Companhia de desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba. Projeto Público de Irrigação de Barreiras Norte. 2018. Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/linhas-de-negocios/agricultura-irrigada/projetos-de-irrigacao/em-producao/barreiras-norte>. Acesso em: abr.2024.

_____. Projeto Público de Irrigação de Nupeba. 2018. Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/linhas-de-negocios/agricultura-irrigada/projetos-de-irrigacao/em-producao/nupeba> Acesso em: abr.2024.

_____. Projeto Público de Irrigação São Desidério Barreiras Sul. 2018. Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/linhas-de-negocios/agricultura-irrigada/projetos-de-irrigacao/em-producao/sao-desiderio-barreiras-sul> Acesso em: abr.2024.

DA MOTA, Dalva Maria et al. *A mangabeira, as catadoras, o extrativismo*. Embrapa Amazônia Oriental, Belém, 2011. 297 p. ISBN: 978-85-87690-95-1.

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. NASA confirma dados da Embrapa sobre área plantada no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/30972114/nasa-confirma-dados-da-embrapa-sobre-area-plantada-no-brasil>. Acesso em: abr.2024.

FRANAVE. In: WIKIPÉDIA: Companhia de Navegação do São Francisco.2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Navega%C3%A7%C3%A3o_do_S%C3%A3o_Francisco. Acesso em: abr.2024.

FERREIRO, M. Museu dos Vapores conta a história de homens e máquinas.2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/3558253>. Acesso em: abr.2024.

GAZZONI, Decio Luiz; DALL'AGNOL, Amélio. A saga da soja: de 1050 a.C. a 2050 d.C., Brasília, DF: Embrapa, 2018. 199 p. ISBN 978-85-7035-807-3.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=427868>. Acesso em: abr.2024.

O PAD/DF PROGRAMA DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO DO DISTRITO FEDERAL - PAD/DF. Disponível em: <https://coopadf.com.br/o-pad-df>. Acesso em: abr.2024.

PITTA, I. A. História de Barreiras. Dos origens às primeiras décadas do século XX. 2008.

PITTA, I. A. Barreiras: Uma história de sucesso. Barreiras: Cangraf, 2005. 43 p. (Documentos Barreirenses Coleção do Professor, v. 1).

VILELA, Valério Almeida de Carvalho. NOVO OESTE: UMA ANÁLISE DO PROCESSO MIGRATÓRIO DA CIDADE DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES - BA, Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano, Salvador, 2018.

Referências imagéticas

Foto 1 - Ponte sobre o Rio Grande na região do Povoado do Mucambo.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 2 - Entrevista para o Epopeia do Agro com Ignez Pitta em sua residência em Barreiras.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 3 - Vista aérea de Jupaguá, Distrito de Cotegipe.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 4 - Antiga usina de beneficiamento de algodão e arroz em Jupaguá.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 5 - Interior da antiga usina de beneficiamento de algodão e arroz em Jupaguá, ainda com uma prensa rudimentar.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 6 - Panorâmica atual da cidade de Barreiras.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 7 - Sede da Fazenda Água Doce, Barreiras, BA.

Fonte: <https://www.agroantoniobalbino.com.br/institucional>

Foto 8 - Gado na Fazenda Água Doce.

Fonte: <https://www.agroantoniobalbino.com.br/institucional>

Foto 9 - Antigo abatedouro da empresa Sertaneja.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 10 - Porto de Barreiras no Rio Grande em 1949.

Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?id=427874&view=detalhes>

Foto 11 - O vapor São Francisco.

Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=427868>

Foto 12 - Aeroporto de Barreiras.

Fonte: <https://aeroin.net/sociedade-organizada-de-barreiras-ba-cobra-o-governo-do-estado-sobre-o-aeroporto-da-cidade/>

Foto 13 - Panorâmica geral do Cais do Porto em Barreiras.

Fonte: Documentário sobre antigo matadouro, disponível no https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ysEyw91c_V4

Foto 14 - Antônio Balbino de Carvalho Filho.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Balbino

Foto 15 - Antônio Balbino de Carvalho Neto.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 16 - Panorâmica da região próxima ao Rio Grande em Barreiras.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 17 - Vista aérea do Rio Grande em Barreiras.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 18 - Cisino Lopes em sua entrevista para o Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 19 - Construção da BR-242.

Fonte: <https://4bec.eb.mil.br/index.php/sintese-historica>

Foto 20 - Antônio José Guadagnin e sua esposa Patrícia.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 21 - Serra em torno de Barreiras.

Fonte: Acervo próprio

Foto 22 - Migrantes chegando à região oeste da Bahia.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 23 - Primeiras plantações de arroz no Oeste da Bahia.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 24 - Hilário Kappes sendo entrevistado por Gledson Rocha para o Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 25 - Campo de arroz em 1980 na propriedade de Antônio Guadagnin.

Fonte: Acervo Pessoal de Antônio Guadagnin

Foto 26 - Ildo Rambo avaliando a cultura da soja em sua propriedade.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 27 - Júlio Busato em entrevista para o Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 28 - Campo de soja.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 29 - Antigo galpão de máquinas do produtor Paulo Schmidt.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 30 - Colheita da soja.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 31 - Panorâmica do cultivo de soja com irrigação por pivô.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 32 - Jorge Koyama e seu trator CBT.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 33 - Jorge Koyama e a família em seu barracão de máquinas agrícolas.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 34 - Prêmio recebido da cooperativa Cotia.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 35 - Plantação de arroz.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 36 - Trajetória do PRODECER.

Fonte: Development for Sustainable Agriculture: The Brazilian Cerrado, DOI 10.1007/978-1-137-43135-6

Foto 37 - Regiões do Brasil contempladas no PADAP.

Fonte: Development for Sustainable Agriculture: The Brazilian Cerrado, DOI 10.1007/978-1-137-43135-6

Foto 38 - Adilson Sujuki em entrevista para o Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 39 - Adilson Sujuki e sua esposa Cristina na capela de sua propriedade rural na região da Coaceral, em Formosa do Rio Preto.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 40 - Hotel da Palmeiras.

Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fdas-palmeiras-47806-180.bahiatophotels.com%2Fpt%2F&psig=AOvVaw147q0DodGEXnavZmMEIt6&ust=1712695878729000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=OCBIQjRxqFwoTCPiy7_Crs4UDFQAAAAAdAAAAABAE

Foto 41 - Rosi e Selmo Cerrato durante a entrevista à Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 42 - Implantação do sistema de distribuição da Codevasf para os projetos de irrigação.

Fonte: Acervo Pessoal de Cisino Lopes.

Foto 43 - Carlos Ernesto Barbosa, "Carlinhos Gaúcho" em entrevista para o Epopeia do Agro.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 44 - Radam 1981 - Mapa de área, com ênfase na região oeste da Bahia.

Fonte: Brasil. Ministério das Minas e Energia Secretaria-Geral Projeto RADAMBRASIL. Folha SD 23 Brasília; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1982. 660 p, vol.29. CDD 333 70981. CDU 330 15(81)

Foto 45 - Radam 1981 - Indicativo das folhas das regiões, limites políticos, localidades, estradas

Fonte: Brasil. Ministério das Minas e Energia Secretaria-Geral Projeto RADAMBRASIL. Folha SD 23 Brasília; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1982. 660 p, vol.29. CDD 333 70981. CDU 330 15(81)

Foto 46 - Leira de restos de raiz e tocos no processo de abertura.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 47 - Máquina agrícola usada na agricultura da região Oeste da Bahia.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 48 - Máquinas agrícolas usadas na agricultura da região oeste da Bahia.

Fonte: Acervo Bahia Farm Show de 2023.

Foto 49 - Ildo Rambo em sua propriedade rural contemplando seu primeiro trator.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 50 - Vista aérea da propriedade rural de Ildo Rambo, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 51 - Odir Pradella com a máquina de pulverização inventada pela família

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 52 - Solo da região oeste da Bahia, proximidade de Luís Eduardo Magalhães, 1990.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 53 - Solo da região oeste da Bahia, Fazenda Escola do Distrito Irrigado Nupeba, 2023.
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 54 - Panorâmica aérea de uma propriedade rural no oeste da Bahia.
Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 55 - Trilhadeira de cereais usada na agricultura da região oeste da Bahia
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 56 - Panorâmica do conjunto de silo e galpões da propriedade rural de Beatriz Casali.
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 57 - Plantação de sorgo na região dos Gerais, 2023.
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 58 - Cultura do algodão em 1985.
Fonte: Acervo pessoal Celito Breda

Foto 59 - Cultura do algodão em 2023.
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 60 - Paulo Schmidt em sua plantação de algodão.
Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 61 - Trilhadeira de cereais.
Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 62 - Avaliação de plantas de algodão, 1994.
Fonte: Arquivo pessoal de Celito Breda.

Foto 63 - Visita técnica no campo de algodão, 1995.
Fonte: Arquivo pessoal de Celito Breda.

Foto 64 - Demonstração da cultivar de algodão de fibra curta em dia de campo em 1999.
Fonte: Arquivo pessoal de Celito Breda.

Foto 65 - Visita técnica no campo de algodão na propriedade rural de Paulo Schmidt, 1997.
Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 66 - Algodão em estágio de botões florais e floração.
Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 67 - Amostras de algodão no processo de seleção e identificação da qualidade da fibra.
Fonte: Arquivo pessoal de Celito Breda.

Foto 68 - Beatriz Casali demonstrando a qualidade do solo com a manutenção da palhada.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 69 - Semeadora moderna usada no sistema de plantio direto na propriedade Pradella, 2022.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 70 - Início da implantação do sistema de plantio direto

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 71 - Odir Pradella em campo de cultivo sob o sistema de plantio direto, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 72 - Ildo Rambo em sua propriedade rural no galpão de máquinas agrícolas, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 73 - Evento de comemoração dos 30 anos de fundação da empresa Círculo Verde, 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 74 - Cristine em visita ao campo de algodão em 2021

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 75 - Celito Breda mostrando a sanidade da planta de soja, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 76 - Moacir Hope, Hélio Busato e sua neta na 17ª Bahia Farm Show em 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 77 - Vista aérea geral do complexo da empresa JCO em Barreiras, 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 78 - José Cláudio Oliveira em entrevista para o Epopeia do Agro, 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 79 - Fazenda de produção de banana, na região do distrito irrigado do Nupeba, 2021.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 80 - Plantação comercial de banana

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 81 - Drone da Schmidt Agrícola, utilizado para fruticultura da região oeste da Bahia.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 82 - Produção de Cacau no Oeste da Bahia.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 83 - Frutos de cacau, 2023.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 84 - Edmarcos do SPRB em visita à fazenda Rio de Janeiro, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 85 - Isolete e Almir Ficagna em sua união em 1987.

Fonte: Acervo pessoal de Almir Ficagna

Foto 86 - Almir e Isolete Ficagna em entrevista à Epopeia do Agro

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 87 - Isolete Ficagna em entrevista para o Epopeia do Agro, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 88 - Beatriz Casali em sua lavoura de soja, 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 89 - Beatriz Casali e a sua família

Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Casali

Foto 90 - Campo de cultivo de milho na propriedade da família

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 91 - Entrevista com Lídia Maria de Souza em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 92 - Lídia Maria em sua propriedade rural em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 93 - Helena Schmidt, em sua propriedade rural em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 94 - Irmãos Schmidt na Fazenda Orquídeas em Luís Eduardo Magalhães.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 95 - Cozinha da família no início do desbravamento da região oeste da Bahia, 1980.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 96 - Helena Schmidt e filhos em sua propriedade rural em Luís Eduardo Magalhães.

Fonte: Acervo Pessoal da Família Schmidt

Foto 97 - Família Schmidt em sua propriedade rural em Luís Eduardo Magalhães em 2021

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 98 - Lídia Maria de Souza em entrevista à Epopeia do Agro em 2022

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 99 - Dionísio e Ivone Zanotto na plantação de algodão da família em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 100 - Família Busato durante a entrevista na Bahia Farm Show em 2023

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 101 - Hélio Busato durante a entrevista na Bahia Farm Show em 2023.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 102 - Carminha Missio em entrevista na 17ª Bahia Farm Show em 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 103 - Carminha Missio com estudantes e professores do curso de Bacharelado em Ciências e Tecnologia da UFOB, Bahia Farm Show 2023.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 104 - Rosi Cerrato e colaboradoras (Stefany, Rosi, Marta, Rayane e Larissa) do SPRB, 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 105 - Curso de capacitação em empreendedorismo para mulheres na sede do SPRB, Barreiras, 2022.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 106 - Rosi Cerrato em entrevista para o Epopeia do Agro em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 107 - Ildo Rambo e sua esposa Flávia, aguardando a chegada de Gabriela.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 108 - Josiel Menezes em sua propriedade em entrevista para o Epopeia do Agro em 2021.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 109 - Artesãs em entrevista para o Epopeia do Agro, da esquerda para direita (Ana, Marly, Inez, Maria José e Norma), 2023.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 110 - Dia da inauguração da nova loja da ASBART no Palácio das Artes em Barreiras, 2024.

Fonte: Acervo próprio

Foto 111 - Colheita mecanizada da banana.

Fonte: Acervo próprio

Foto 112- Dia de treinamento para filhos de pequenos produtores na Fazenda Escola do Distrito Nupeba, parceria Embrapa-SPRB, 2024.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 113 - Manejo em uma plantação de cacau, 2023.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)

Foto 114 - Plantação de limão em Riachão das Neves, 2024.

Fonte: Acervo do Sindicato de Produtores Rurais de Barreiras (SPRB)



EPOPEIA DO AGRO

OESTE · BAHIA



As histórias compartilhadas no projeto "Epopéia do Agro" são baseadas em fatos documentados no livro e no site. Esse projeto iniciou com um esforço conjunto para coletar informações sobre os pioneiros que moldaram a região, desde sua origem até os dias atuais, com o respaldo da Universidade Federal do Oeste da Bahia. O objetivo é que esses registros sejam uma fonte de conhecimento acessível a todas as instituições educacionais e à sociedade em geral.

David Schmidt

Ex-presidente do SPRB

O livro "Epopéia do Agro" é fundamental para os jovens entenderem a história dos pioneiros e a formação dos sindicatos dos produtores. É essencial que os descendentes destes pioneiros conheçam essa jornada de luta e crescimento gradual, pois muitos não vivenciaram os desafios enfrentados pelos primeiros agricultores. Essa narrativa destaca a importância de preservar a tradição agrícola e transmitir o legado aos mais jovens, garantindo que compreendam o agronegócio como principal fonte de riqueza e economia do Brasil.

Moacir Hope

Ex-presidente do SPRLEM